



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**JARES GOMES LIMA**

**O JOGO NA COMUNIDADE DE CARAVELAS – BA: VARIAÇÃO DA  
FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA**

VITÓRIA - ES

2017

JARES GOMES LIMA

**O JOGO NA COMUNIDADE DE CARAVELAS – BA: VARIAÇÃO DA FRICATIVA  
CORONAL PÓS-VOCÁLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Teorias e Análises Linguísticas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre

Coorientador: Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues Meireles

VITÓRIA – ES

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais,  
da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

L732j Lima, Jares Gomes, 1991-  
O jogo na comunidade de Caravelas-BA : variação da fricativa coronal pós-  
vocálica / Jares Gomes Lima. – 2017.  
164 f. : il.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.

Co-orientador: Alexsandro Rodrigues Meireles

Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Sociolinguística – Caravelas (BA). 3. Língua portuguesa – Variação. 4. Língua portuguesa – Palatalização. I. Scherre, Maria Marta Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

---

CDU: 81

JARES GOMES LIMA

**“O jogo na comunidade de Caravelas - BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2017.

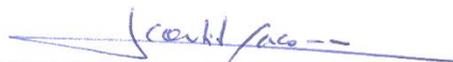
Comissão Examinadora:



**Profª. Drª. Maria Marta Pereira Scherre**  
Orientadora e Presidente da Comissão - UFES



**Prof. Dr. Alexandre Rodrigues Meireles**  
Coorientador - UFES



**Profª. Drª. Lilian Coutinho Yacovenco**  
Membro Titular Interno - UFES



**Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira**  
Membro Titular Externo - UFPB

*Ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua infinita misericórdia e seu amor incondicional, mesmo sem eu merecer. Agradeço por Suas bênçãos, por me direcionar aos caminhos certos, e por colocar as pessoas certas ao meu lado. Sem Ti, Senhor, sou nada e não mereço o que tens feito por mim. Estas poucas palavras são infinitamente insuficientes para agradecer, Pai. A Ti, Deus, seja dada a honra, a glória, e o louvor para todo o sempre.

Aos meus pais, Ana e Jarinho, por seu amor, cuidado, atenção, carinho... por tudo. Meus grandes incentivadores, meus exemplos, minhas bênçãos... São os que sempre me apoiam, apoiaram e em todos os momentos estão prontos para me ajudar. Sou fruto do trabalho e amor de vocês. Amo vocês e toda minha família. Estendo aos meus irmãos, Elton e Elson. Saudades de passar mais tempo com vocês!

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Marta Pereira Scherre. Nome bonito, né? Pois é a minha orientadora. Um exemplo de pesquisadora, de cuidado e atenção. Me acolheu como seu orientando, mesmo quando já imaginava que eu não sabia nada! Possui uma competência que poucos têm. Não dou conta de expressar o quanto te admiro, Marta! Foi um sonho ser seu orientando, desde a graduação, e Deus me permitiu realizá-lo. Seus conselhos foram, são e continuarão sendo muito valiosos.

Ao Alexsandro Rodrigues Meireles, meu coorientador. Moral minha, viu (risos)! Nas primeiras aulas de Fonética e Fonologia, só o medo! Um cara muito de boa, simples, mas muito responsável. Então, por que você acha que tem Fonética Acústica no trabalho? Te admiro muito, Alex! Realmente, tive muita sorte de ter os melhores orientadores.

À Lilian Coutinho Yacovenco, e ao Dermeval da Hora, pelas contribuições no momento da qualificação e da defesa. Sou fã de vocês! Seus conselhos são muito importantes! Ouviu, Comissão Técnica? Tomara que a pesquisa fique como vocês imaginavam. Melhor não envergonhar, né! Afinal, o nome de vocês vai ficar aqui também!

Também sou grato à professora Janayna Bertollo Cozer Casotti, por ter aceitado o convite para a banca de qualificação e defesa. Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFES, que contribuíram para minha formação, especialmente, Leila Tesch, Lucia Helena, e Conceição Paiva.

Às amigas, CITELI, Bárbara; GAMBARINI, Viviany; e PETERLE, Beatriz. É ótimo saber que tenho vocês em momentos como: - *Gente, eu não vou conseguir! Isso vai dar ruim!* (risos) Vocês foram um grande presente que ganhei no mestrado! Com todo respeito, VOCÊS SÃO AS MAIS GATAS DA UFES! Sempre vou me lembrar dos almoços no shopping! Continuo dizendo: - *Vocês são muito boas! Ótimas, na verdade!* Admiro muito vocês, são supercompetentes, inteligentes, e dão conta do recado, mesmo passando por dificuldades. Que Jesus Cristo guie os seus passos e continue abençoando os seus caminhos por onde quer que andem.

A FREITAS, Franciely; SCHNEIDER, Keila; MARINHO, Joyce; pelas risadas, conversas e conselhos. Que tenham sucesso na vida de vocês. Deus abençoe!

Aos queridos Mãnu e Anna Mezabarba, pelos conselhos e pela ajuda nos momentos mais difíceis. Mãnu, só de saber que você estava lá, que eu podia contar com sua ajuda, me acalmou em diversos momentos. Sou grato pelas conversas chatas, mas importantes para mim, pelas mensagens de ânimo e força, por me aguentar também (risos). Saiba que o admiro muito. Desde que cheguei à Igreja Batista Guaranhuns, minha admiração só cresceu. Para mim, és um exemplo de fé, coragem, amor a Deus e a Sua Palavra. Ah! Ainda falta uma coisa, Mãnu, em parte, o estilo de escrita do texto é por sua causa. Anna, saiba que sua atenção e carinho, além dos conselhos médicos, me reanimavam, foram reconfortantes, e em momentos que nem imagina. Também agradeço pelas leituras dos textos da qualificação e da defesa, significou muito pra mim só o fato de ter aceitado os convites. Agradeço aos dois pela preocupação e pelos abraços. Amo vocês, vou levá-los para sempre em meu coração.

Ao Jonas, à Raiany, ao tio Eliú, e à tia Joelza, por terem me acolhido e me ajudado a conversar com as pessoas (risos). Ser tímido é ruim, às vezes! Pelos conselhos, força, ânimo, preocupação, cuidado, carinho, abraços, puxões de orelha... por muitas outras coisas. Deus, realmente, me abençoou quando colocou vocês em meu caminho. Saibam que sempre terão um espaço no meu coração!

À Nastassia, pela ajuda, pelos momentos de conversa, pela preocupação e ânimo. Fico feliz por saber que posso contar com você. Além disso, por ser a heroína do abstract; ao Fernando, quando compartilhávamos os sonhos de cursar o mestrado, ainda na graduação. Nunca vou me esquecer daquela comunicação na UESC (risos), foi bem legal! Creio que aqueles momentos foram os primeiros passos para início de nossas jornadas acadêmicas. Sucesso para você!

Àqueles que não estão aqui, mas guardo, na memória e no coração, lembranças que os tornaram marcantes. Jesus abençoe!

À CAPES, por ter financiado a pesquisa com a concessão da bolsa.

## RESUMO

Neste estudo, encontra-se uma análise sociolinguística sobre a variação da fricativa coronal pós-vocálica, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). Para o estudo, em se tratando da comunidade de fala, elegeu-se a cidade de Caravelas, na Bahia, que está localizada no Extremo Sul do estado. Pelo fato de não encontrarmos bancos de fala disponíveis da região do Extremo Sul da Bahia, fez-se necessária a constituição de um para a composição do *corpus* a ser pesquisado. A amostra está estratificada por sexo/gênero (masculino/feminino), escolaridade (1-8 anos; 9-11 anos; mais de 11 anos) e faixa etária (15-25 anos; 26-49 anos e mais de 49 anos): será integrada por 36 falantes e conta com 25 já gravados. Em Caravelas, a variação analisada acontece em um ambiente bem específico, antes da oclusiva [t] e da africada [tʃ], por meio de duas variantes surdas, a alveolar [s] e a alveopalatal [ʃ]. Para a análise estatística, utilizamos o programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), a fim de verificar as realizações da variante palatalizada [ʃ] em contraste com a produção alveolar [s]. Também foi feita uma análise piloto com testes estatísticos utilizando o software R, a fim de sabermos as características dos dados considerados como dúvida entre as alveopalatais e alveolares. Observamos as frequências dos picos espectrais, obtidos das repetições de 11 palavras, totalizando 312 repetições, por meio da leitura de um texto feita por 04 informantes. Para isso, foram utilizadas Teorias de Produção da Fala, especificamente a teoria da perturbação (KENT & READ, 2015). Na análise geral dos dados pelo GoldVarb X, foram consideradas estatisticamente significativas as variáveis escolaridade e sexo/gênero. Em uma análise cruzada de escolaridade e sexo/gênero, a variável faixa etária também apresentou significância estatística. Os resultados mostram que falantes com mais de 49 anos, e também as mulheres, são os que mais favorecem a produção palatalizada. Porém falantes com mais de 11 anos de escolarização a desfavorecem. Mulheres e homens apresentam efeitos diferentes, pois eles desfavorecem a variante alveopalatal, enquanto elas tendem a favorecê-la. Há uma tendência para a variante palatalizada em falantes de 09 a 11 anos de escolarização, tanto para feminino quanto para o masculino. As variáveis estruturais estatisticamente significativas foram (1) posição na coda, (2) natureza da vogal precedente, (3) natureza do segmento consonantal seguinte e (4) tonicidade de sílaba. A variante alveopalatal é favorecida pela coda medial, pela consoante africada seguinte e pelo traço [+posterior] das vogais antecedentes, sendo elas [u] e [ɔ], seguido pelo traço [+alto], com o [i]. A posição pós-tônica desfavorece a variante palatalizada. Dessa maneira, fatores sociais e estruturais são importantes para o entendimento da variação analisada, que parece não se apresentar como um fenômeno de mudança linguística. A análise acústica piloto, por sua vez, nos permitiu avançar no entendimento das dúvidas auditivas, tendo em vista que revelou termos contrições mais anteriores, provocando médias de frequências mais altas dos picos espectrais dos casos considerados duvidosos nas repetições.

**Palavras-chave:** Variação; Palatalização; Fala caravelense.

## ABSTRACT

This study is a sociolinguistic analysis on the variation of the post-vocalic fricative in light of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]). We studied the speech community of Caravelas, located in the extreme south of Bahia state. Because there is no speech databases of this area, it was necessary to build our own corpus. The sample is stratified by sex/gender (male/female), schooling (1-8 years; 9-11 years; more than 11 years) and by age group (15-25 years; 26-49 years and more than 49 years). We intend to record 36 speakers in the end; 25 were used here. In Caravelas, the analyzed variation happens in a very specific environment, before [t] and/or the affricate [tʃ], by means of two voiceless fricatives: [s] and [ʃ]. For the statistical analysis, we used the program GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), in order to verify the productions of the palatalized variant [ʃ] in contrast to the alveolar production [s]. A pilot analysis was also performed with statistical tests using the platform R (R CORE TEAM, 2013), in order to know the characteristics of the data considered as ambiguous between alveopalatal and alveolar. We observe in Praat (BOERSMA & WEENINK, 2013) the frequencies of the spectral peaks, obtained from the repetitions of 11 words, totaling 312 repetitions, through the reading of a text written by 04 informants. For this, we used the Speech Production Theories, specifically the theory of perturbation (KENT & READ, 2015). In the general analysis of the data in GoldVarb X, the variables schooling and sex/gender were considered statistically significant. In a cross-sectional analysis of schooling and sex/gender, the variable age group also presented statistical significance. The results show that individuals over 49 years of age, as well as women, are the ones that present the highest statistical significance for palatalized production. However, with more than 11 years of schooling, women and men present different effects, since, in the case of men, they disfavor the alveopalatal variant, while women tend to favor it. There is a tendency for the palatalized variant in speakers from 9 to 11 years of schooling for both the female and the male groups. The statistically significant structural variables were (1) coda position, (2) quality of the preceding vowel, (3) quality of the next consonant segment and (4) syllable stress. The alveopalatal variant is favored by the medial coda, by the following affricated consonant, and by the [+ posterior] trace of the preceding vowels, being [u] and [ɔ], followed by the [+ high] trait, with [i]. The post-tonic position disfavor the palatalized variant. In this way, social and structural factors are important for the understanding of the variation analyzed, which does not present itself as a phenomenon of linguistic change. The pilot acoustic analysis, in turn, allowed us to progress in the understanding of auditory doubts, since it revealed more previous constrictions, causing higher frequency means of the spectral peaks of the cases considered doubtful in the repetitions.

**Keywords:** Variation; Palatalization; Caravelas speech.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1	Distribuição geral das ocorrências de /S/ na amostra com 10 informantes em todos os contextos seguintes.....	75
Tabela 1.2	Distribuição geral das ocorrências de /S/ em função do contexto seguinte com 10 informantes.....	76
Tabela 1.3	Distribuição geral das alveopalatais vs alveolares nos contextos variáveis na fala de 25 informantes.....	81
Tabela 1.4	Tendência da produção palatalizada em função da escolaridade na fala de 25 informantes.....	83
Tabela 1.5	Tendência da variante alveopalatal em função da escolaridade quando cruzada com a presença da variável faixa etária na fala de 25 informantes.....	86
Tabela 1.6	Tendência da variante alveopalatal em função do sexo/gênero na fala de 25 informantes.....	87
Tabela 1.7	Tendência da variante alveopalatal em função do sexo/gênero quando cruzado com outras variáveis no decorrer das análises feitas pelo GoldVarb X na fala de 25 informantes.....	88
Tabela 1.8	Tendência da variante alveopalatal no cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade na fala de 25 informantes.....	91
Tabela 1.9	Tendência da variante alveopalatal no cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade em análises com dados separados de homens e mulheres na fala de 25 informantes.....	93
Tabela 2.1	Tendência da variante alveopalatal em função da faixa etária quando cruzadas as variáveis escolaridade e sexo/gênero na fala de 25 informantes.....	95
Tabela 2.2	Tendência da variante alveopalatal em função da posição na palavra na fala de 25 informantes.....	97
Tabela 2.3	Tendência da variante alveopalatal em função do contexto vocálico precedente na fala de 25 informantes.....	99
Tabela 2.4	Tendência da variante alveopalatal em função do contexto consonantal seguinte na fala de 25 informantes.....	102
Tabela 2.5	Tendência da variante alveopalatal em função da tonicidade da sílaba na fala de 25 informantes.....	104

Tabela 2.6	Tendência da variante alveopalatal em função da categoria gramatical em duas rodadas na fala de 25 informantes .....	105
Tabela 2.7	Resultados dos valores de $p$ nas comparações entre os fatores da variável informante em função das médias obtidas de [s] .....	118
Tabela 2.8	Resultados dos valores de $p$ nas comparações entre os fatores da variável informante em função das médias obtidas de [ʃ] .....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1	Categorias dos tipos de regras linguísticas. (Fonte: LABOV, 2003, p. 241-243) .....	15
Quadro 3.2	Dos informantes a constituírem a amostra de fala.....	41
Quadro 3.3	Dos 25 informantes já gravados para a amostra de fala.....	41
Quadro 3.4	Dos 10 informantes analisados em todos os contextos de coda silábica na amostra de fala.....	42
Quadro 3.5	Das palavras no conto utilizadas para controle das frequências dos picos espectrais.....	44
Quadro 3.6	Relação da quantidade de indivíduos analisados na pesquisa e porcentagem de uso da variante alveopalatal em contexto variável seguida de [t] ou [tʃ].....	51
Quadro 3.7	Classificação dos contextos em função da natureza do contexto seguinte nos termos de tipo de regras segundo Labov (2003, p. 241-243) .....	77
Quadro 3.8	Ordem dos fatores sociais e linguísticos selecionados na análise de 1189 dados de 25 falantes .....	78
Quadro 3.9	Síntese dos traços das variantes de /S/ analisadas e dos traços do contexto fonético-fonológico seguinte .....	103

## LISTA DE FIGURAS

Figura 4.1	Modelo simples de produção de vogais (Fonte: Kent & Read, 2015, p. 41) ....	30
Figura 4.2	Modelo de produção de ruído para fricativas (Fonte: Kent & Read, 2015, p. 74) .....	33
Figura 4.3	Imagem da localização geográfica de Caravelas (Fonte: IVT – Instituto Virtual do Turismo) .....	36
Figura 4.4	Modelo de trato vocal para a fricativa /s/ (Fonte: Kent & Read, 2015, p. 77)	109
Figura 4.5	Forma de onda e espectrograma da sílaba ['fɛs] produzida por um falante caravelense do sexo masculino .....	110
Figura 4.6	Forma de onda e espectrograma da palavra [ɛʃ'tavɐ] produzida por um caravelense do sexo masculino .....	112
Figura 4.7	Forma de onda e espectrograma da palavra [ɛs'tavɐ] produzida por um caravelense do sexo masculino .....	112
Figura 4.8	Espectro de Fourier na região central da fricativa [s] em posição medial seguida de /t/ da palavra <i>estava</i> analisado no programa Praat .....	115

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 5.1	Distribuição geral de /S/ na amostra com 10 informantes em todos os contextos seguintes .....	74
Gráfico 5.2	Percentual de casos das alveopalatais e alveolares no conjunto de 1189 dados em relação à escolarização na fala de 25 informantes.....	84
Gráfico 5.3	Tendência da variante alveopalatal em função do sexo/gênero na fala de 25 informantes .....	89
Gráfico 5.4	Padrão de linha ascendente dos pesos relativos em função da faixa etária na fala de 25 informantes.....	96
Gráfico 5.5	Frequências consideradas como dúvida em função das palavras – Doubt (médias das frequências dos casos duvidosos) vs Word (palavras controladas na leitura do conto) .....	116
Gráfico 5.6	Resultados da comparação dos informantes com as médias das frequências obtidas de [s] – S (médias das regiões de frequências da alveolar surda [s]) vs Informant (informantes analisados na leitura do conto) .....	117
Gráfico 5.7	Resultado da comparação dos informantes com as médias das frequências obtidas de [ʃ] .....	119
Gráfico 5.8	Resultado da comparação dos informantes com as médias das frequências obtidas que foram consideradas como dúvida.....	120
Gráfico 5.9	Resultado da comparação das palavras com as médias das frequências obtidas de [ʃ] .....	121
Gráfico 6.1	Distribuição das médias de frequências obtidas em função da palavra – Word (palavras controladas na leitura do conto) vs S (médias das regiões de frequências da alveolar surda [s]) .....	121

## SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE TABELAS .....	xii
LISTA DE QUADROS .....	xiv
LISTA DE FIGURAS.....	xv
LISTA DE GRÁFICOS .....	xvi
1. INTRODUÇÃO: O COMEÇO DO JOGO .....	1
2. A TEORIA VARIACIONISTA / SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA.....	8
2.1. Língua e sociedade: quais são as regras do jogo? .....	8
2.2. As táticas apresentadas na Teoria Variacionista.....	10
2.2.1. A variação linguística: explicação das jogadas .....	26
2.2.2. A variação linguística: as variantes em campo .....	28
2.3. A teoria acústica de produção da fala .....	29
3. A METODOLOGIA VARIACIONISTA: AS TÁTICAS PARA O ESTUDO DA VARIÇÃO .....	35
3.1. O local do jogo: a comunidade de Caravelas – BA .....	35
3.1.1. Os informantes: a torcida e os patrocinadores de ambos os times.....	43
3.2. O banco de dados: Variação Linguística em Caravelas .....	38
3.3. Da parte acústica para analisar os casos de dúvida .....	43
3.4. Os condicionadores: técnicas para esclarecermos as jogadas da variação.....	45
3.4.1. Variável dependente .....	47
3.4.2. Variáveis independentes .....	47
3.4.2.1. Variáveis sociais .....	48
3.4.2.1.1. Escolaridade.....	48
3.4.2.1.2. Sexo/gênero .....	48
3.4.2.1.3. Faixa etária .....	49
3.4.2.1.4. Os indivíduos.....	50
3.4.2.2. Variáveis linguísticas .....	52
3.4.2.2.1. Contexto vocálico antecedente .....	52
3.4.2.2.2. Contexto consonantal seguinte .....	53
3.4.2.2.3. Categoria gramatical.....	53
3.4.2.2.4. Tonicidade da sílaba.....	54
3.4.2.2.5. Posição na palavra.....	54

3.4.2.2.6.	Traço do segmento seguinte.....	54
3.5.	A estatística por trás do evento: o GoldVarb X e o R.....	55
<b>4.</b>	<b>A MOVIMENTAÇÃO: QUAIS OS TIMES EM CAMPO? .....</b>	<b>57</b>
4.1.	O envelope: times selecionados para o jogo .....	57
4.1.1.	Dos sons linguísticos .....	57
4.1.1.1.	O arquifonema .....	59
4.1.1.1.1.	As fricativas: características gerais .....	60
4.1.2.	O caso do /S/ em Caravelas: times selecionados para o jogo .....	61
4.1.2.1.	O time das alveolares: [s] Futebol Clube.....	63
4.1.2.2.	O time das alveopalatais: [ʃ] Esporte Clube da Bahia.....	64
4.1.2.3.	O contexto das jogadas: o ambiente dos times.....	65
4.2.	A revisão dos jogos anteriores.....	68
<b>5.</b>	<b>VENDO OS RESULTADOS: AS DISCUSSÕES E COMENTÁRIOS SOBRE O JOGO .....</b>	<b>73</b>
5.1.	Dos resultados gerais: a quantas andam as fricativas em coda na variedade caravelense .....	73
5.2.	Revisitando as hipóteses do técnico .....	78
5.3.	Discutindo os resultados .....	80
5.3.1.	Resultados gerais dos contextos variáveis .....	81
5.3.1.1.	Variáveis sociais: escolaridade e sexo/gênero.....	82
5.3.1.2.	Variáveis sociais: a faixa etária .....	95
5.3.2.	Discutindo os resultados: as variáveis linguísticas .....	96
5.3.2.1.	Variáveis linguísticas: posição da variante na palavra .....	97
5.3.2.2.	Variáveis linguísticas: contexto vocálico precedente.....	98
5.3.2.3.	Variáveis linguísticas: contexto consonantal seguinte.....	102
5.3.2.4.	Variáveis linguísticas: tonicidade da sílaba.....	104
5.3.2.5.	Variável linguística: categoria gramatical .....	105
<b>6.</b>	<b>DA ACÚSTICA E ARTICULAÇÕES: COMENTANDO A TEORIA ACÚSTICA E AS FRICATIVAS.....</b>	<b>108</b>
6.1.	Da acústica das fricativas: a teoria acústica de produção da fala.....	108
6.2.	Das análises: os resultados das dúvidas entre alveolares e alveopalatais.....	111
6.2.1.	Os resultados estatísticos: resolvendo os casos duvidosos .....	113
6.2.1.1.	Conferindo as fricativas por meio dos picos espectrais.....	114
6.2.1.2.	Para finalizar os comentários sobre os resultados obtidos dos casos duvidosos .....	122
<b>7.</b>	<b>OS PLANEJAMENTOS DAS PRÓXIMAS JOGADAS: O COMEÇO DE NOVAS PESQUISAS .....</b>	<b>123</b>
7.1.	Das primeiras considerações: começando a proposta.....	123

<b>7.2. Dos objetivos .....</b>	<b>127</b>
<b>7.3. De algumas teorias utilizadas .....</b>	<b>127</b>
<b>8. DOS ÚLTIMOS E BREVES COMENTÁRIOS DO ESTUDO .....</b>	<b>131</b>
<b>9. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>138</b>
ANEXO A – CONTO ORIGINAL LIDO PELOS INFORMANTES.....	139
ANEXO B – CONTO ADAPTADO LIDO PELOS INFORMANTES .....	140
ANEXO C – RODADAS DOS TESTES NO R .....	141

## 1. INTRODUÇÃO: O COMEÇO DO JOGO

---

Algumas vezes, há dificuldades para começar um texto. Penso que seja normal, pois, para se fazer com que um texto seja legível, é esperado por todos que, indistintamente, compreenda-se pelo menos parte do que está posto. Além dos mais proficientes, existem leitores curiosos e que não têm maior intimidade com a teoria, ou mesmo com o fenômeno analisado.

A partir de agora, faremos um trato, tudo bem? Quero que tente me enxergar como o técnico de um time de futebol. Pode ser o Vasco da Gama, o meu time. Meus orientadores, Marta Scherre e Alessandro Meireles, serão, ao mesmo tempo, minha comissão técnica e diretores do time. Os avaliadores deste trabalho serão os comentaristas e também parte de minha comissão técnica. Você será minha torcida, pelo menos esta é minha expectativa.

Deve estar se perguntando: por que esse cara está fazendo isso? Bom, creio que ficaria mais fácil se conseguisse aproximar você daquilo que pesquiso. Vou tentar deixar mais simples e abordar tudo de maneira que você consiga acompanhar cada jogada. Alguém tem que ler este trabalho, né? Então melhor deixar tudo bem claro, caso contrário, meu objetivo, que é me lançar como técnico, pode não dar muito certo. Você entenderá melhor esta proposta no decorrer do texto<sup>1</sup>.

Nesta seção introdutória, apresento as primeiras motivações de minha pesquisa, aquilo que estará dentro do meu texto, assim como minha vontade de tornar mais fácil o seu caminho para a compreensão de como foi desenvolvida minha pesquisa de mestrado. Isso não significa que conseguirei, porém, pretendo utilizar analogias para explicação do fenômeno linguístico e da teoria, que são os pontos-chave para pesquisa.

Já começo dizendo que os fenômenos relacionados à língua podem ser fáceis, caso você também se disponha a entendê-los, principalmente quando é feita menção aos fenômenos relacionados à fonética e fonologia. Não fique com medo, os sons estudados em minha pesquisa são do português brasileiro, então você deve conhecê-los bem.

---

<sup>1</sup> Preciso deixar muito claro que esta dissertação apresentará um estilo mais informal, porém não faço isso em todos os capítulos, tendo em vista que para explicar os resultados, principalmente, os resultados expostos a partir do capítulo 5, fez-se necessário um estilo mais formal por conta do tipo de escrita que seria mais apropriado para a proposta do capítulo. Então, não se assuste quando perceber a alternância no estilo.

Feitos os primeiros esclarecimentos, devo mencionar que não é difícil estudar fonética e fonologia. Este estudo está dentro da Linguística e por isso, em meu trabalho, poderiam aparecer outras pesquisas com fenômenos dentro da fonologia, sintaxe, morfologia etc. A área que escolhi para estudar foi na interface entre fonética e fonologia e vou tentar deixá-lo craque em relação ao fenômeno e à comunidade que escolhi.

Creio que, por meio do título, você tenha percebido que estudo a palatalização do /S/<sup>2</sup>. Caso não, fique tranquilo, farei breves esclarecimentos. As seções em meu trabalho se encarregarão de mostrar melhor os diversos conceitos adotados na pesquisa, tanto teóricos quanto metodológicos.

A fonética faz referência aos sons da fala, suas propriedades físicas e fisiológicas. Parto do princípio que você já sabe que, para pronunciarmos qualquer som, utilizamos o aparelho fonador, certo? A palatalização acontece quando são pronunciados os sons nos quais exista a necessidade de a língua tocar no palato duro, o céu da boca. Veja alguns exemplos que, em algumas variedades, além de outras características, podem necessitar que a língua toque em uma região atrás dos alvéolos para produzi-los como: *chuva*, *tiro*, *giro* etc., transcritos foneticamente como: ['juvɐ]; ['ʃiɾu]; ['ziɾu]. Trata-se de algo um pouco mais complexo, no entanto, veja que sua língua toca no palato duro para pronunciar esses sons.

Pesquisei o /S/ na posição de fim de sílaba, ou seja, na posição de coda silábica, porém este trabalho será concentrado em análises mais específicas, somente antes do /t/ em coda final e medial. Vamos para os exemplos: *pa[s]ta ~ pa[ʃ]ta*, *ve[s]te ~ ve[ʃ]te*, *lingu[ʃ]tica ~ linguí[s]tica*, *po[s]to ~ po[ʃ]to*, *co[s]tura ~ co[ʃ]tura*, *cu[s]to ~ cu[ʃ]to*, *ma[s] também ~ ma[ʃ] também*, *un[s] três ~ un[ʃ] três* etc. Lembra daquele chiado do carioca? Pronuncie essas palavras chiando o s! É isto que estudo na fala dos habitantes de Caravelas, na Bahia.

Caravelas está localizada no Extremo Sul do Estado da Bahia e possui cerca de 22.740 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) para o ano de 2017<sup>3</sup>. É um município litorâneo e foi um dos primeiros a serem colonizados. Em uma época chegou a possuir portos para evacuar a produção de parte da região do Extremo Sul Baiano, além de carregamentos das Minas Gerais. Segundo o IBGE, Caravelas foi descoberta

---

<sup>2</sup> Na fonologia representamos os fonemas entre barras / /, e os fones, ou sons, são representados entre colchetes. Dessa forma, quando as palavras aparecerem entre colchetes, estamos falando da descrição dos sons que são pronunciados e, quando entre barras, estamos nos referindo à uma representação abstrata dos sons, ou os fonemas.

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2017/estimativa\\_dou.shtm](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2017/estimativa_dou.shtm).

em 1503 por Américo Vespucci ou Gonçalo Coelho, porém só começou a ser povoada por volta da segunda metade do século XVI, entre os anos de 1574 e 1610.

Resumidamente, os caravelenses podem pronunciar as palavras utilizadas como exemplo com e sem o chiado diante do fonema /t/, que ora se realiza com [t], um som alveolar, ora como um [tʃ], um som alveopalatal. Também lembro que todas as explicações que são mais teóricas serão realizadas depois. À medida que forem mostrados os passos sobre a pesquisa, retornarei aos pontos levantados aqui, a fim de que fiquem mais claros os conceitos utilizados.

Quando são produzidas palavras, por exemplo, a palavra *estilística* – [eʃtʃiˈlɪʃtʃikɐ], com o chiado dos dois s, estamos palatalizando esse som. Perceba que, quando você pronuncia com o chiado, a sua língua, a parte anterior, mais frontal, toca no palato duro, e sem o chiado sua língua toca na parte superior dos dentes, os chamados alvéolos. O [s] mais comum é chamado de alveolar, e o chiado, que no decorrer do texto será representado assim [ʃ], é o alveopalatal. Conseguiu entender o que estudo? Simples, não é? No entanto para explicar tudo precisamos de mais alguns conceitos mostrados nos capítulos seguintes.

Este é o capítulo de introdução. No segundo capítulo, vai ver a teoria que utilizo na pesquisa, a Sociolinguística Variacionista, também denominada de Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, bem como quais as suas preocupações, em que se ampara e como se desenvolveu até a atualidade. Além disso, exponho algumas das teorias linguísticas vigentes no último século, as diferenças e heranças que a Sociolinguística recebeu. Utilizo a Sociolinguística na pesquisa, pois é a teoria que me ajuda a entender os motivos pelos quais os caravelenses variam, caso eles utilizem ou não a variante alveopalatal. Essa teoria se preocupa com o estudo da variação linguística.

Ainda no segundo capítulo, faço uma pequena descrição da Teoria Fonte-Filtro, bem como da Teoria da Perturbação, que foram usadas para as considerações sobre o tratamento acústico utilizado na análise do fenômeno em dados advindos da leitura de um texto.

No terceiro capítulo, vou mostrar os pormenores sobre a metodologia da pesquisa. Descrevo com mais detalhes a comunidade: como organizei o Banco de Dados de fala de Caravelas; as dificuldades; os pontos positivos; o trabalho direto com os indivíduos que cederam os dados por meio das entrevistas; e como desenvolvi o *corpus* para estudar a palatalização. Nesse mesmo capítulo, também falo sobre o aparato teórico-metodológico que a Sociolinguística proporciona para o tratamento da variação. Você vai saber com mais detalhes porque também é chamada de Sociolinguística Quantitativa.

Já percebeu que você fala de modos diferentes quando está conversando com alguém de sua família, com seu chefe, ou seus amigos. Do ponto de vista geográfico, utilizamos também algumas formas que não aparecem em outras cidades, regiões ou estados. Existem os falares, ou dialetos, ou variedades, de vários grupos como os cariocas, baianos, gaúchos, capixabas, mineiros, paraibanos, e por aí vai. Do ponto de vista da faixa etária, a maneira de uma criança falar, de um jovem, de um adulto, ou do idoso é também diferente. Tudo isso é o campo de estudos da Sociolinguística. Deve estar se perguntando: o que é variação linguística? Será que a minha fala também apresenta variação? O conceito será esclarecido no decorrer do texto, assim como o que é variante.

Além disso, no terceiro capítulo estão os passos utilizados para realizar a análise acústica do fenômeno. São ilustrados os métodos para que eu pudesse obter as características acústicas de cada variante a fim de entender alguns casos duvidosos no momento de retirada dos dados no *corpus*.

No quarto capítulo, você vai ver as explicações relacionadas ao fenômeno, o que já disse sobre o /S/, agora de modo bem mais aprofundado. Explico as características das fricativas com exemplos. Serão feitos os esclarecimentos sobre a palatalização, como ocorre, e que tipo de articulações utilizamos, em se tratando do que acontece no trato vocal. Tudo relacionado aos aspectos da fonética, da fonologia e ao fenômeno estará nesse capítulo.

Ainda no quarto capítulo, vou mostrar como os times foram postos em campo. Lembra-se das analogias que comentei antes? A variação será tratada como dois times: de um lado o time das alveolares e do outro o time das alveopalatais. O time das alveolares se chama [s] Futebol Clube, o das alveopalatais [ʃ] Esporte Clube da Bahia. Serei o técnico de ambos os times, mas não comandarei as jogadas, apenas intermediarei o jogo, sem o papel de juiz. Achei melhor me chamar de técnico, pois também serei avaliado pela Comissão Técnica e Diretoria e comandarei as jogadas desta dissertação, certo? Se quiser, pode me encarar como um comentarista que também vai encarar a avaliação da banca quando faço os comentários sobre o jogo. Também vai ver os jogos anteriores, aqueles que aconteceram em outras variedades. São as pesquisas que foram feitas sobre o mesmo fenômeno em outras cidades.

Depois de tudo isso, no quinto capítulo faço as discussões sobre os resultados. Bom, todo jogo tem um resultado, neste caso não será diferente. No decorrer do texto, explico tudo para que entenda o motivo de os resultados não culminarem em uma vitória para um ou outro time.

Estaria mais para um empate técnico, o que não deixa de ser um resultado, não é? Ainda explico como as influências sociais podem colaborar para o andamento do jogo entre esses times.

No sexto capítulo, faço uma descrição das frequências de ressonância dos sons que apresentaram uma certa dificuldade para identificação, fosse para o caso da alveolar ou da alveopalatal. Para isso mostro a média das regiões de frequências dos picos espectrais. Os aspectos teóricos serão vistos, bem como a forma de descobrir qual a variante foi produzida.

Também serão feitas algumas reflexões sobre os próximos passos a serem seguidos no estudo do fenômeno. O sétimo capítulo expõe as próximas jogadas que estou armando para entender algumas questões que não puderam ser analisadas no mestrado. Serão poucas considerações sobre os próximos estudos.

Os últimos comentários vão estar no oitavo capítulo, são os últimos pontos para encerrar as reflexões da pesquisa, ou apenas a primeira etapa de uma pesquisa que será estendida.

A partir de agora, vou falar sobre as motivações para este estudo. Pode estar se perguntando: por que escolheu Caravelas? Por que este tipo de variação? Ninguém nunca pesquisou nada lá? Por que o /S/? Fique tranquilo, vou falar um pouco sobre isso nas páginas seguintes.

A proposta, basicamente, é fruto de inquietações relativas ao desconhecimento das variedades que podem ser ou são encontradas na região do Extremo Sul da Bahia. Nesta pesquisa, são privilegiadas as investigações fonético-fonológicas relacionadas à referida região, especificamente uma de suas cidades. Como dito, a palatalização do /S/ na cidade de Caravelas.

Não considero que os fatores linguísticos sejam suficientes para responder às questões levantadas sobre o fenômeno, por isso o trabalho está sustentado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Esta teoria proporciona uma metodologia específica, além de pressupostos que permitem responder às indagações levantadas sobre o fenômeno.

Quais seriam as indagações? Para começar a pesquisa, tive que elaborar um problema. Mesmo o fato de a alternância das variantes palatalizadas [ʃ] e alveolares [s] ser uma variação bastante estudada em outras comunidades de fala no Brasil, penso que as reflexões a seu respeito ainda não se esgotaram. Não encontrei estudos sobre o seu comportamento na região delimitada nesta pesquisa. Dessa forma, a partir da palatalização percebida na oralidade dos falantes caravelenses, perguntei: *Quais seriam as motivações para a ocorrência da variação na oralidade dos habitantes de Caravelas - BA?*; A ocorrência das alveopalatais também poderia ser explicada em razão de fatores sociais?

Essas questões foram levantadas com intuito de provocar as primeiras reflexões e suscitar as considerações iniciais a respeito do fenômeno. Concluí com o seguinte questionamento: *Em que grupos sociais ocorre o fenômeno da palatalização da fricativa /S/ em coda na fala dos habitantes de Caravelas – BA? Quais as características do fenômeno em Caravelas?*

Também havia elaborado objetivos. Quanto ao objetivo geral, elaborei assim: Investigar a variação fonético-fonológica relacionada à palatalização do /S/ em coda silábica, aliando os aspectos linguísticos aos sociais, bem como realizar uma análise sobre as motivações do uso da variação na fala dos habitantes da cidade de Caravelas, na Bahia. Para os específicos: descrever a variação fonético-fonológica do /S/ na fala dos habitantes de Caravelas – BA; verificar quais as variáveis linguísticas que favorecem a ocorrência da variação; identificar quais variáveis sociais influenciam na palatalização.

Não disse antes, mas nasci e cresci na cidade de Caravelas. Amo minhas origens e decidi manter minhas pesquisas em minhas raízes. Sou nordestino e tenho orgulho desse povo que sempre luta por sua sobrevivência.

Valorizar minha origem e contribuir para o conhecimento de suas características linguísticas é de extrema importância para mim. Me vale muito saber que minha pesquisa fala de um povo do qual me orgulho de fazer parte. Apesar de ser pequena, Caravelas é a minha cidade, onde minha família, amigos, conhecidos estão! Além disso, sua história começa com a história do Brasil, um outro fato que me deixa ainda mais orgulhoso.

O Extremo Sul da Bahia, apesar de famoso por suas cidades históricas, ainda não foi explorado com maior propriedade em termos de sua diversidade linguística. Não são localizados muitos trabalhos que façam referência às características linguísticas da região. Sendo assim, muitos desconhecem as variedades que podem ser encontradas. Trata-se de um campo vasto para diversos estudos e que podem ser de naturezas extremamente diferenciadas.

Em função da mínima presença de trabalhos linguísticos relacionados à Fonética e Fonologia e Sociolinguística sobre Caravelas, decidi abordar os fenômenos que tivessem como fundamentos teóricos os pressupostos destas áreas.

As considerações desta pesquisa, além de promoverem um maior conhecimento da região, podem contribuir para que outros trabalhos também sejam incitados. Podem servir como um fator de aporte para reflexões linguísticas sobre a região, pois esta pesquisa colabora para o

conhecimento de aspectos relacionados à fala de pelo menos uma das cidades do Extremo Sul Baiano, o município de Caravelas.

Propus algumas hipóteses para as indagações iniciais acerca da variação estudada. Algumas delas, principalmente as ligadas aos fatores linguísticos, foram elaboradas a partir de características comuns às ocorrências em outras regiões, e que também acontecem na fala do caravelense, como percebi nas primeiras análises.

Uma das hipóteses seria que os fatores extralinguísticos funcionariam como um dos principais motivadores para a variação da fricativa em coda. Dessa maneira, as variáveis independentes, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade seriam os primeiros fatores a considerar para o estudo da variação.

Imaginei que a variável escolaridade seria a primeira variável social a ser selecionada seguida da faixa etária. Acreditava que os informantes mais jovens tenderiam a palatalizar menos, ou seja, haveria menor ocorrência da variante alveopalatal [ʃ], por exemplo *costa* - ['kɔʃta] seria realizada como ['kɔsta], com a variante alveolar.

Considerei também que, quando mencionasse os aspectos linguísticos, além das ocorrências em itens lexicais que pudessem se mostrar invariantes, por exemplo na palavra *estilístico* - [eʃtʃi'liʃtʃiku], as ocorrências variáveis se concentrariam apenas antes da variante alveolar [t].

Pensava que as alveopalatais seriam favorecidas, no contexto vocálico precedente, pelas vogais médias e altas, em casos como: *deste* - ['deʃtʃi]; *neste* - ['neʃtʃi]; *gosto* - ['goʃtu]; e *posto* - ['poʃtu]; além de *visto* ['viʃtu], já que teoricamente o traço [+alto] favoreceria a variante alveopalatal, por ser um dos traços presentes na variante em questão.

Ainda considerei que a tonicidade da sílaba pudesse favorecer a palatalização, visto que muitas ocorrências se encontravam em sílaba tônica, principalmente em dissílabos, nas primeiras impressões, porém, neste momento não fizemos uma análise apurada dos itens lexicais.

No próximo capítulo, falarei sobre as técnicas utilizadas pela Sociolinguística para lidar com a variação linguística. Pode parecer aleatória, mas acredite, não é! Há uma sistematicidade, uma organização, por trás dos usos que fazemos da nossa língua. Então vamos para as jogadas ensaiadas da Sociolinguística Variacionista e explicações sobre os motivos pelos quais o seu jeito de falar lhe é peculiar, mas que reflete também o jeito da sua comunidade.

## 2. A TEORIA VARIACIONISTA / SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA

---

Antes de realizar a descrição da teoria e das ideias relacionadas ao desenvolvimento da Sociolinguística, farei breves reflexões a respeito da língua nas situações cotidianas e de interação mais comuns. Adianto que a proposta é mostrar que todos nós nos valemos de uma maneira de falar em razão de uma situação de comunicação. Você deve sempre se lembrar que a variação linguística é algo comum e que todos nós a realizamos independentemente de nossa situação socioeconômica.

Este capítulo é utilizado para a apresentação da abordagem teórica. Sendo assim, é realizada uma pequena discussão para situá-lo sobre a importância de também estudar o uso da língua nas situações mais cotidianas, mais corriqueiras.

### 2.1. Língua e sociedade: quais são as regras do jogo?

Não quero polemizar aqui, mas a cultura letrada é ditada por aqueles que apresentam maior influência social. Hoje, esses são os que possuem mais dinheiro, os ricos. A classe à qual cada um de nós pertence ainda representa um aspecto importante em nossa credibilidade social.

Isso acontece porque o Brasil ainda sofre com a desigualdade social. Quando o comportamento da língua é estudado no contexto de uso, a situação social do indivíduo pode ser percebida e colaborar para a compreensão de seu dialeto, podendo tornar-se um alvo para a propagação de discursos que se mostrem preconceituosos principalmente por causa da ignorância em relação ao uso da própria língua.

Marcos Bagno (2003) pondera que se deve

[...] olhar para a língua dentro da realidade histórica, cultural, social em que ela se encontra, isto é, em que se encontram *os seres humanos* que a falam e escrevem. Significa considerar a língua como uma *atividade social*, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita (BAGNO, 2003, p. 19).

Isso também significa que há necessidade de nos mantermos críticos em relação aos discursos veiculados que promovem o preconceito linguístico. Bagno argumenta muito bem sobre essas questões<sup>4</sup> e lembra que a norma considerada culta ainda tem uma influência muito grande sobre as proposições do que se considera como bom uso da língua.

No meu caso, recentemente, sofri preconceito linguístico. Em um encontro promovido por um grupo de universitários em uma cidade do Espírito Santo, encontrei uma pessoa que me abordou e disse, mais ou menos, assim:

*- Nossa! Você fala direitinho! Porque os baianos que conheci sempre falavam errado, nunca falavam os “s” direito!*

Fiquei surpreso com a situação, pois ainda não havia sido interpelado pelos capixabas sobre a maneira de falar do baiano, muito menos que eram considerados como pessoas que falassem errado. Infelizmente, não tivemos como conversar melhor sobre a questão e perdi a oportunidade de esclarecer à pessoa sobre o preconceito linguístico. O fenômeno da concordância ainda sofre muito estigma aqui no Brasil (SCHERRE, 2005<sup>5</sup>), por isso quem não faz a concordância se torna alvo de preconceito linguístico.

A língua é um perfeito instrumento de comunicação e nos individualiza (SCHERRE, 2005). Nossa fala é diferente do português de todos os outros países de Língua Portuguesa. Dentro do próprio Brasil existem diversas variedades do Português Brasileiro (PB). Nossa língua também é um instrumento de identidade e pode marcar a nossa cultura, por isso não se deixa de ser brasileiro por apresentar uma variedade diferente, apenas temos modos de falar diferentes que devem ser valorizados simplesmente porque também comunicam.

A noção de erro ou acerto, bonito ou feio, é uma proposta imposta por determinada cultura que se supõe superior a outras. Não caia nessa de que falo melhor que você, ou você fala melhor que eu, lembre-se que temos modos diferentes de falar e devemos valorizar o que temos e aprendemos, inclusive a nossa língua.

Quero deixar um fato bem claro, caro leitor, não podemos nos “esquecer JAMAIS de que toda e qualquer variedade do português brasileiro é rica, é complexa, é perfeita, mesmo se não estiver registrada nos dicionários e nas gramáticas” (SCHERRE, 2005, p. 12).

---

<sup>4</sup> Discussões em livros como *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz; Nada na língua é por acaso; Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa*; entre outros textos que não relaciono aqui.

<sup>5</sup> Indico a leitura de *Doa-se filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. Você ficará esclarecido de modo simples acerca do que estou falando.

Bom, esclarecidos alguns pontos, agora vou tratar das jogadas táticas que a Sociolinguística apresenta para resolver os problemas relacionados à variação e mudança linguística que há um tempo atrás não parecia ser passível de uma sistematicidade.

## 2.2. As táticas apresentadas na Teoria Variacionista

No início do século XX, há o surgimento do estruturalismo com o Ferdinand Saussure, que

[...] rompe com a tradição de estudos históricos e comparativos vigente no século anterior e delimita, como objeto de estudo da Linguística, a língua (*langue*) tomada em si mesma, vista como um sistema de signos que estabelecem relações entre si formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos sociais e históricos (COELHO et al, 2015, p. 56)

As preocupações relacionadas à mudança são transferidas para as preocupações pertinentes apenas à sincronia, ao entendimento das relações internas da língua dentro de um recorte de tempo. Tudo relacionado ao ambiente interno em conjunto com os elementos que formam o sistema linguístico era tomado dentro da própria língua. A *parole* (fala) é deixada de lado, pois é considerada caótica e desestruturada diante da sistematicidade da *langue* (língua). A sistematicidade facilita muito quando se quer propor uma homogeneidade numa perspectiva sincrônica<sup>6</sup> diante da heterogeneidade que aparecia no momento em que a diacronia também era considerada.

Dessa maneira, quando os recortes eram levados em consideração no decorrer do tempo, as explicações eram dificultadas por não se ter ideia dos estágios em que se passava a variação até culminar em uma mudança<sup>7</sup>.

Segundo Ilari (2005), o estruturalismo no Brasil teve um impacto muito grande e seu advento se deu nos anos 1960 – reconhecimento da Linguística como disciplina autônoma – e em 1970 já era no Brasil a orientação mais importante, permitindo a criação de um novo estudioso, o linguista.

Nos estudos anteriores, como os de Herman Paul [1846 – 1921], os neogramáticos, segundo Faraco (2005), introduziram o desafio de que os desvios deviam receber uma análise completa

---

<sup>6</sup> Sincronia é um recorte de tempo. Imagine uma linha horizontal, ela será o *continuum* do tempo. Agora faça pequenos cortes verticais nessa linha horizontal. Esses pequenos recortes são a sincronia e a grande linha horizontal do tempo é a diacronia.

<sup>7</sup> Faremos maiores esclarecimentos sobre variação e mudança linguística nas próximas páginas.

não aceitando que fossem vistos como meros acasos/desvios ou ocorrências fortuitas, apesar de tratarem a língua como estando ligada ao indivíduo falante, introduzindo uma orientação psicológica e subjetivista na interpretação dos fenômenos em mudança. Demonstravam um interesse por estudos voltados para as questões relacionadas à variação e mudança, porém que existia no indivíduo, e as mudanças se originavam nele (FARACO, 2005, p. 34).

Ainda com a ideia da homogeneização, nos Estados Unidos, na década de 60, surgiu a proposta teórica do Noam Chomsky para explicação dos fenômenos linguísticos e da linguagem, chamada Gerativismo, com a publicação em 1957 do livro *Syntactic Structures*, resultado de seus estudos durante o doutorado, e posterior publicação da tese, de 1955, vinte anos depois na Universidade de Pensilvânia, sob o título *The Logical Structure of Linguistic Theory*.

Na linha gerativista, uma língua é um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças, derivada do estado inicial da faculdade da linguagem. Para isso, a língua é separada em duas dimensões: a dimensão subjetiva e a dimensão objetiva. A subjetiva/mental do fenômeno da linguagem, chamada de cognitiva, é sintetizada no conceito de “língua-I”, que significa interna, individual, intensional. Por sua vez, a dimensão social/objetiva é denominada “língua-E”, em que E quer dizer externa e extensional (KENEDY, 2013, p. 28).

Dessa maneira, a língua-I é o conhecimento linguístico de uma pessoa, o que está presente em sua mente e possibilita usar uma língua-E para produzir e compreender palavras, sintagmas, frases e discursos. A noção de língua-I é tomada como algo que faz parte do sistema cognitivo humano, e os linguistas deveriam ter interesse em descobrir como é a natureza psicológica e neurológica da linguagem na espécie humana. Dedicar-se a tudo que é interno à mente das pessoas (KENEDY, 2013, p. 34).

O que estas três abordagens, a neogramática, a estruturalista e a gerativa têm em comum? Já deve saber, elas concebem o objeto de estudo, a língua, como sendo totalmente homogêneo. A língua é considerada de forma abstrata e totalmente homogênea, sua relação com algo que estivesse fora dela era considerado irrelevante.

A Sociolinguística, assim como outras teorias linguísticas, teve início nos meados do século XX, apesar de se ter registros de linguistas que muitos anos antes já utilizavam em seus trabalhos teorias de natureza sociolinguística, nos casos de Meillet [1866 – 1936], Bakhtin [1895 – 1975] e membros do Círculo Linguístico de Praga (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 11).

Na passagem do século XIX para o XX, Antoine Meillet afirmou que a língua é um fato social, deve-se recorrer ao âmbito social para compreender a dinâmica linguística (MEILLET *apud* COELHO *et al*, 2015, p. 57). Sendo assim, necessita-se apelar aos fatores sociais para compreender a motivação da variação na língua. Ao mesmo tempo, o filósofo Mikhail Bakhtin criticava o estruturalismo defendendo que seria necessário dar ênfase ao estudo da língua na interação verbal historicamente situada (COELHO *et al*, 2015, p. 57). Bortoni-Ricardo (2014, p. 52) pondera o seguinte:

Os pioneiros da Sociolinguística, nos Estados Unidos, eram linguistas com formação estruturalista, mas sofreram também o influxo de dialetólogos, principalmente porque um dos principais nomes desse grupo, William Labov, teve como mentor Uriel Weinreich [1926 – 1967], de formação dialetológica, que se tornou conhecido especialmente pelo relevante livro *Línguas em contato*, de 1953, no qual ele introduz o conceito de interlíngua. Weinreich, por sua vez, havia sido discípulo de André Martinet, renomado estruturalista francês. A Sociolinguística americana vai-se haurir, pois, nessas duas fontes.

No ano de 1968, Weinreich, Labov e Herzog (WLH) publicaram o livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, traduzido para o português por Marcos Bagno, em 2006. Nesse texto fundador, criticavam as análises que estavam voltadas para a premissa de considerar a língua apenas no âmbito do indivíduo, quando o idioleto era isolado como modelo nas teorias que consideravam a língua restringindo-a a um falante ideal. Dessa maneira, não havia uma preocupação maior com os casos de variação e mudança linguística.

A proposta de WLH (2006 [1968], p. 34) era de

[...] que um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século.

Isso significa que WLH propunham algo que conseguisse unir os elementos sincrônicos e diacrônicos no estudo da variação e mudança linguística. Teriam de refutar conceitos já estabelecidos, porém não deixaram de considerar algumas propostas dos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas.

Dos neogramáticos, reconheceram que a mudança é algo regular mesmo não adotando a aplicação total das leis fonéticas; do estruturalismo saussureano, acolhem a noção de língua como sistema, embora não assinalem que sistematicidade e homogeneidade sejam ligados diretamente; do gerativismo, compartilham que a língua é um sistema abstrato de regras (COELHO *et al*, 2015).

Para WLH (2006 [1968]), a proposta era de levantar bases empíricas para uma teoria da mudança, algumas assertivas que seriam gerais e tomadas como centrais para o pensamento acerca dos problemas envolvidos no processo de mudança. A partir de questionamentos como

Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? Em outras palavras, se pressões esmagadoras forçam uma língua à mudança e se a comunicação é menos eficiente neste ínterim (como seria forçoso deduzir da teoria), por que tais ineficiências não têm sido observadas na prática? (WLH, 2006 [1968], p. 35)

A primeira assertiva seria que “A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala” (WLH, 2006 [1968], p. 125). Esta assertiva estaria ligada às considerações da língua como sistema heterogêneo. O que seria isso? Para a Sociolinguística, a língua é dotada tanto de regras invariantes quanto de regras variáveis, pois, apesar de nós falarmos de modo diferente, conseguimos nos entender porque o sistema pode parecer diferente, mas possui regras que são invariáveis e consegue manter uma estrutura, um esqueleto que permite a comunicação.

Perceba que dentro da espécie humana temos algo parecido, todos nós temos cabeça, olhos, membros superiores e inferiores, basicamente, o mesmo tipo de esqueleto, entre outras semelhanças. São semelhanças básicas que nos tornam seres humanos. Nós somos considerados seres humanos, mas dentro da nossa própria espécie temos características diferentes, ainda que a base seja mesma, somos fisicamente diferentes. Não deixamos de ser seres humanos por que somos pretos ou brancos, altos ou baixos. Na própria espécie há uma variabilidade, apesar de existir uma estrutura.

Na língua acontece algo muito parecido, há uma estrutura que é dotada de variabilidade, por isso se trata de um sistema heterogêneo. “Um *código* ou *sistema* é concebido como um complexo de regras ou categorias inter-relacionadas que não podem ser misturadas aleatoriamente com as regras ou categorias de outro código ou sistema” (WLH, 2006 [1968], p. 104). Sendo assim, não confundimos português com inglês, ou inglês com alemão<sup>8</sup>. Mesmo se não souber de que língua se trata, sabe que não é sua língua materna por conta do sistema que é diferente.

A Sociolinguística estuda como a língua é usada e, a partir disso, realiza discussões que veem o sistema como algo que não é utilizado da mesma maneira por todos os membros de todas as

---

<sup>8</sup> Não intento propor reflexões a respeito dos contextos de contato linguístico, pois, nesses casos, podem acontecer situações em que o exemplo utilizado não seja o mais apropriado.

comunidades. No entanto, também propõe que os desvios que possam acontecer não são erros aleatórios, mas têm um alto grau de sistematização (WLH, 2006 [1968], p. 60).

Assim, o pressuposto básico da Sociolinguística é tratar a língua como sistema heterogêneo e ordenado. Os diversos sistemas possuem características próprias e internas que os diferenciam de outros, por isso não confundimos a língua materna com outras línguas. Acontece, por exemplo, quando uma criança nasce em um lar com pais de nacionalidades diferentes e tem contato com duas línguas diferentes ao mesmo tempo<sup>9</sup>.

Para isso,

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente (WLH, 2006 [1968], p. 108).

Por conta dessa variação, ou alternância de formas coocorrentes, que é inserido outro conceito na heterogeneidade ordenada, a variável linguística. Dessa maneira, algo que está dentro do código ou sistema permite que haja uma covariação entre as variáveis linguísticas, mas que é controlada por uma única regra que permite a alternância de duas variantes sem a perda de sentido (WLH, 2006 [1968], p. 105).

O sistema, apesar de heterogêneo, também contém regras categóricas, as regras que sempre acontecem do mesmo jeito. No entanto, ao mesmo tempo estão presentes as regras variáveis, que são as condicionadas por fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos. Por exemplo, como regra categórica, em português o artigo nunca vem depois do nome: temos “a casa” e nunca “casa a”.

Labov (2003) aponta que há três tipos de regras: as regras variáveis, Tipo III; as regras semicategóricas, Tipo II; e as categóricas, Tipo I. Observe, no Quadro 3.1, como estão distribuídas as regras propostas por ele.

---

<sup>9</sup> Discussões sobre as teorias de aquisição não estão em vista, pois este é apenas um exemplo para que os leitores menos experientes consigam entender uma maneira como os códigos podem ser diferenciados.

Quadro 3.1 - Categorias dos tipos de regras linguísticas.

<b>Tipo de regras</b>	<b>Quantas vezes operam</b>	<b>Violações</b>
I – Regra Categórica	100%	Nenhuma, na fala natural
II – Regra Semicategórica	95 – 99%	Rara e relatável
III – Regra Variável	5 – 95%	Nenhuma por definição e relatável

Fonte: LABOV (2003, p. 241-243).

Observa-se que a própria sistematização das três regras propostas por Labov (2003) toma como principal item a frequência em que cada uma das regras ocorre. O parâmetro para classificá-las está diretamente relacionado à frequência de ocorrências. Todas as regras são diferenciadas a partir deste critério. No primeiro tipo de regra, a categórica, a frequência de 100% não permite qualquer possibilidade de variação. Enquanto isso, nas demais regras, existe a possibilidade de variação. Sendo assim, as análises da variação envolvem tanto os contextos de variação quanto os invariantes para o entendimento do sistema como um todo (SCHERRE, 2017)<sup>10</sup>.

O ponto de vista quantitativo, que a proposta levanta, limita as regras de tipo II, as semicategóricas, a lidarem com margens de 5% ou menos de ocorrência, que pode ser considerado como um corte arbitrário de aplicação para o percentual de variação. Vieira e Brandão (2014, p. 86) lançam questionamentos em torno desta aplicação mais rígida em termos percentuais, propondo uma difusão da possibilidade de estudo da variação em mais ou menos variável.

Segundo a discussão de Vieira e Brandão (2014), isso significa que a pouca margem percentual de caracterização pode não se mostrar tão eficiente, pois é comum atribuímos a regras do tipo II como sendo um índice de processos de mudança linguística tanto no início quanto no final deles (LABOV, 2003, p. 242). No entanto, Vieira e Brandão (2014) consideram que a classificação das regras funciona como um poderoso recurso metodológico para o estudo da variação principalmente quando se levam em consideração as características sociolinguísticas das comunidades.

A Sociolinguística não se preocupa efetivamente com as regras categóricas, mas com a identificação de contextos de natureza categórica, os contextos em que favoreçam apenas uma das variantes no estudo do fenômeno variável (SCHERRE, 2016<sup>11</sup>). O principal foco de estudo

<sup>10</sup> Trecho retirado de uma das anotações de orientação da dissertação de mestrado.

<sup>11</sup> Trecho retirado de uma das anotações de orientação da dissertação de mestrado.

da Sociolinguística está nas regras variáveis da língua. Lembra-se quando mostrei que, em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, nos expressamos de uma forma que não fazemos em outro, ou seja, que alternamos em duas ou mais variantes (são as formas que têm o mesmo significado e podem ser alternadas em um mesmo contexto)?

As regras variáveis nos permitem, em certos contextos linguísticos, a possibilidade de alternância entre uma ou outra forma, quando não há perda de significado representacional, a depender da variante e do contexto em que estivermos.

As regras variáveis da língua são sistemáticas, indicando padrões linguísticos e padrões sociais e estilísticos de comportamento. O termo padrão, nesse caso, é entendido como um uso regular e frequente de uma dada variante, isto é, como uma tendência de comportamento linguístico (COELHO *et al*, 2015, p. 62).

Lembra-se da alternância entre alveolares e alveopalatais antes do /t/, o fenômeno que estou estudando? As variantes podem ser alternadas porque o contexto do português também nos permite, por exemplo, nos casos de *pasta*, *costa*, *casta*, geralmente, não produzimos um -R simplesmente porque, se o fizermos, poderíamos mudar o significado da palavra, teríamos *pa[h]ta*, *co[h]ta*, e *ca[h]ta*. A aspiração tende a ocasionar mudança de significado.

Segundo WLH (2006 [1968], p. 107), “Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que ‘frequentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam”. Logo, entre a variável a ser considerada e a sua ocorrência há que se relacionar a algum outro elemento sendo ele linguístico ou extralinguístico.

Ainda segundo Wenreich, Labov e Herzog (WLH, 2006 [1968], p. 114),

[...] existe uma matriz social em que a mudança está encaixada, tanto quanto uma matriz linguística. Relações dentro do contexto social não são menos complexas do que as relações linguísticas que acabamos de delinear, e técnicas sofisticadas são exigidas para sua análise. Mas, por diversas razões, os linguistas não procuraram a explicação da mudança linguísticas nesta área [...].

Por esse motivo a variação e a mudança linguística estavam sendo deixadas de lado pelas teorias anteriores, ou seja, por causa das preocupações que ficavam somente relacionadas à matriz linguística, considerando o idioleto, o falante-ouvinte ideal, intuindo sobre a língua a partir das impressões dos próprios pesquisadores, sem considerar a matriz social para a análise linguística e desconsiderando também a comunidade em que o fenômeno aparecesse.

Conforme Labov (2008, p. 150),

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Os conjuntos de normas podem ser desde configurações de classes sociais até avaliação de comportamentos explícitos, relacionados a particularidades de uso, que poderão ser estudados por meio de componentes linguísticos.

A fala de uma comunidade tem características linguísticas próprias que podem diferenciá-la de outras comunidades. O caráter homogêneo é uma proposta duvidosa e recusável (LABOV, 2008). Sendo assim, a heterogeneidade da língua seria inerente a todas as línguas naturais e, mesmo heterogêneo, o sistema é ordenado (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]).

Dessa forma, a Sociolinguística prevê a análise linguística realizada em conjunto com fatores sociais, como escolaridade, sexo/gênero, idade, considerando que estes possam influenciar a diversidade da fala, assim como a localização geográfica dos falantes, indicando que as variações/mudanças também são influenciadas por forças externas ao sistema.

Os membros de uma comunidade de fala possuem um conjunto de normas que são compartilhadas, muitas regras linguísticas estão abaixo do nível da correção social e não têm normas sociais explícitas associadas a elas (LABOV, 2008 [1972], p. 225-226). Mesmo que as normas não sejam conhecidas pela própria comunidade, elas podem ser expostas a partir dos seus usos linguísticos chegando a revelar a estratificação social.

Um princípio da Sociolinguística está relacionado à competência linguística dos falantes. Está diretamente ligado ao fato de o sistema ser heterogêneo, pois o falante sabe tanto as regras categóricas quanto as variáveis. O falante possui a competência que o permite utilizar a heterogeneidade do sistema.

Para WLH (2006 [1968], p. 125),

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

Dessa maneira, o indivíduo tem controle das formas a adotar em determinado contexto e, quando for necessário, aciona os estilos a serem utilizados naturalmente, mostrando total domínio das estruturas heterogêneas.

Labov (2008 [1972]) recomenda que os estudos devem se concentrar na comunidade de fala, pois

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21)

Sendo assim, a necessidade de a comunidade se levada em conta é vital, pois considerar o contexto social em que a língua é usada revelará como é o comportamento da comunidade e não apenas do indivíduo, porém é necessário verificar até que ponto o indivíduo merece maior atenção. A compreensão dos usos linguísticos poderá ser feita a partir dos dados da comunidade e não apenas com base em um único indivíduo.

A comunidade não é algo que possa ser analisado tão facilmente. Devem ser considerados fatores que estão além de apenas compartilhamento de normas ou uniformidade nos comportamentos dos indivíduos que fazem parte dela. Segundo Guy (2000, p. 18), a comunidade de fala tem duas funções dentro da Sociolinguística. Para ele,

Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas) (GUY, 2000, p. 18).

Sendo assim, apreendo que é o conjunto de idioletos que representa a parte fundamental para o entendimento da variação e mudança linguística. As considerações que tomam somente um indivíduo não ajudam a entender empiricamente como funciona a língua dentro da comunidade de fala. O aspecto a ser levado em consideração são as características compartilhadas entre os componentes de cada grupo de falantes que os diferenciam de outros.

Para Patrick (2002, p. 588),

a organização normativa de uma comunidade de fala é descoberta através da pesquisa empírica, que pode ser claramente diferenciada da estrutura socioeconômica da sociedade da qual a comunidade de fala pertence. O procedimento padrão nas pesquisas sociolinguísticas requer a consulta de pesquisas existentes da ciência social e histórica para compreender a composição de uma comunidade e informar o uso de variáveis sociais como fatores explanatórios para a variação e mudança linguística<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> “[...] the normative organization of a SpCom is discovered through empirical research, it can clearly be distinguished from the socioeconomic structure of the society to which that SpCom belongs. Standard procedure in sociolinguistic surveys requires consulting existing social science and historical research to understand the

Isso significa que o comportamento e organização dos indivíduos de qualquer comunidade pode apresentar resultados que ajudem a entender o uso linguístico que seja próprio dela, pois a organização da comunidade pode ser revelada por causa de pesquisas empíricas. Pode-se pensar que o controle do modo como os indivíduos organizam sua comunicação dentro da comunidade pode apresentar resultados que ajudem a entender o uso das diferentes variáveis na comunidade (WIEDEMER, 2008, p. 28). Através das análises empíricas, é possível entender os fatores de influência na variação e mudança linguística.

Para WLH (2006 [1968], p. 126),

A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

Os autores quiseram mostrar que a mudança linguística não acontece de forma abrupta sem que não sejam percebidos os seus estágios. A mudança envolve a covariação de formas dentro de alguns períodos de tempo acontecendo dentro de um espaço geográfico, ou grupo social. No caso da mudança, uma variante deixará de ser usada por conta da inserção da outra havendo a possibilidade de especialização de significado ou função. Sem perder a capacidade comunicativa, a língua continua estruturada enquanto a mudança acontece.

Cada estágio da mudança pode ser entendido como uma sincronia e com a competição entre as variantes instala-se uma variação. As línguas humanas nunca são inteiramente acabadas. Em qualquer estado sincrônico são indicadas variações e mudanças em ebulição (PAIVA, 2015)<sup>13</sup>.

A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da comunidade. Quaisquer discontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de discontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos (WLH, 2006 [1968], p. 126).

Para WLH (2006 [1968]), quando é levada em consideração a fala das crianças e argumentar-se que as crianças tomam como espelho a fala de seus pais, seria um equívoco, pois as crianças e adolescentes mudam muito as suas gramáticas no decorrer do tempo.

---

makeup of a community and inform the use of social variables as explanatory factors for language variation and change” (PATRICK, 2002, p. 588).

<sup>13</sup> Anotações de sala de aula na disciplina Estudos analítico-descritivos da linguagem, ministrada no primeiro semestre de 2015 no Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES.

Pode-se perceber que existem diferenças geracionais de pais e filhos, sendo assim, seria mais fácil pensar que eles não tomam como exemplo somente seus pais, antes seus pares e vão se adequando até que sua gramática se estabilize no momento em que se formam grupos com os quais eles se identificam. A partir desse contato do próprio grupo, suas gramáticas seriam formadas. Dessa maneira, não seriam apenas produtos da diferença entre as gerações.

No momento em que WLH (2006 [1968]) apontam os fatores sociais como sendo importantes para o estudo da mudança linguística, permitem pensar que, para a mudança ser melhor entendida, esses fatores devem ser considerados, pois colocam para dentro dela as motivações que partem do contexto social, sendo também influenciada por ele.

Para isso, WLH (2006 [1968]) argumentam que os fatores linguísticos e sociais estão intimamente ligados ao desenvolvimento da mudança linguística e as explicações relacionadas a somente um dos dois aspectos, mesmo se estiverem bem elaboradas, tenderão a falhar quando tentarem explicar a grande quantidade de regularidades que podem ser encontradas no estudo do comportamento linguístico. Para os autores,

Grande número das variáveis linguísticas que têm sido estudadas revelam uma complexa *estrutura sociolinguística*, na qual o valor da variável é determinado por diversos fatores sociais e linguísticos [...]. A interpretação dos dados em termos da mudança linguística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real<sup>14</sup> (WLH, 2006 [1968], p. 116).

Quando são unidas a sincronia e diacronia, abre-se a possibilidade de observar as mudanças no momento em que elas acontecem. Pode-se entender as diferenças entre os estados da língua permitindo que esses estágios deixem de ser imperceptíveis. Da mesma maneira, os estudos pancrônicos<sup>15</sup> levam em consideração a comunidade de fala por meio da análise de padrões de variação e pela dinâmica desses padrões ao longo do tempo (COELHO *et al*, 2015, p. 73).

Para WLH, “a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais” (PAIVA & DUARTE, 2006, p. 139). Ainda segundo eles, “Nem toda

---

<sup>14</sup> O estudo em tempo aparente é aquele em que, para falar de mudança linguística, são consideradas as diferenças faixas etárias de um grupo dentro de uma sincronia. O tempo real é quando se leva em consideração a diacronia, ou recortes de tempo em que permitem ser construídas as diferentes sincronias para o estudo da mudança (PAIVA & DUARTE, 2006).

<sup>15</sup> Quando juntamos a sincronia e diacronia para os estudos do fenômeno linguístico chamamos de pancronia, pois são estudados os estágios da mudança tanto em recortes de tempo quanto ao longo de todo ele. Qualquer estado de mudança sincrônica é o conjunto de mudanças ocorridas de modo diacrônico (PAIVA, 2015, anotações de sala de aula da disciplina Estudos analítico-descritivos da linguagem, ministrada no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFES).

variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade (WLH, 2006 [1968], p. 125).

A competição entre as variantes, junto com a significação social, pode revelar a variante inovadora a suplantará a variante arcaica. Mesmo assim, as formas podem conviver durante a variação por muitos anos sem que uma delas seja suplantada pela concorrente. Portanto a mudança, por vezes, pode não se completar e as formas continuarem em competição, proporcionando os casos de variação estável.

“É importante notar que, no curso da evolução linguística, a mudança caminha para se completar, e regras variáveis se tornam invariantes” (LABOV, 2008 [1972], p. 260). Aquilo que era variável, ou podia ter alternância de uso, deixa de ser, caminhando para a invariância. À medida que a ocorrência vai aumentando e desbanca a forma antiga o que era variável se torna invariável.

Para WLH (2006 [1968]), existem problemas empíricos que devem ser considerados por uma teoria que se propõe a estudar a variação e mudança linguística. São eles: o problema dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação. Apresentarei cada um deles.

Quanto ao problema dos fatores condicionantes, falarei um pouco mais no próximo capítulo. Neste aspecto, WLH (2006 [1968], p. 121) sugerem

que um possível objetivo para uma teoria da mudança é determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança; na medida em que tal programa deriva de um estudo minucioso de mudanças em progresso, acreditamos que é possível avançar.

Não existe um número fechado de condicionadores linguísticos e sociais para uma pesquisa que se dedique a estudar a variação e mudança linguística, muito menos determinar tudo que pode ser utilizado em se tratando das variáveis linguísticas. Nas pesquisas são realizados levantamentos acerca das possibilidades que podem ser utilizadas para o entendimento da variação e, a partir daí, verificar qual o melhor caminho para o delineamento da pesquisa e consequentemente do estudo da variação e mudança linguística.

Para o problema da transição, WLH (2006 [1968]) afirmam que, entre dois ou mais estágios observados de uma mudança em progresso, geralmente se tenta descobrir qual é o estágio intermediário que ajuda a enxergar o caminho pelo qual uma determinada estrutura evoluiu para

outra. Segundo os autores, uma teoria da mudança linguística pode aprender mais com a transição de todo o dialeto e não apenas com os estágios por que passam os dialetos no momento da mudança.

Ao “considerar alguns subsistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/inovador, a teoria da língua pode observar a mudança linguística enquanto ela ocorre” (WLH, 2006 [1968], p. 122). Por meio da observação, chamada pelos autores de *in vivo*, pode-se aprender mais detalhes sobre a mudança linguística em estágios que seriam anteriores a ela. “O problema da *transição* é encontrar o caminho pelo qual um estágio de uma mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior” (LABOV, 2008 [1972], p. 193).

Para WLH (2006 [1968], p. 122), a transição dos traços de um falante para outro se daria por meio de falantes bidialetais<sup>16</sup>. São geralmente os falantes que tenham sistemas heterogêneos que são caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança ocorreria à medida que o falante adquire uma forma alternativa. A partir da competência do falante, no momento em que as duas formas ocorrem ao mesmo tempo, uma delas vai deixando de ser usada. Ainda conforme WLH (2006 [1968], p. 122), segundo evidências empíricas, as crianças não preservam as características dos pais, mas sim do grupo de pares ou colegas, com quem têm contato durante seus anos de pré-adolescência.

“[...] a característica mais evidente da transição é o fato de a mudança não ser discreta, isto é, ela se dá de forma contínua: as formas antigas não são abruptamente substituídas pelas novas” (COELHO *et al*, 2015, p. 84). Logo, deduz-se que existem formas intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem. O problema de transição é estudado por meio das várias faixas etárias dentro da comunidade atual (LABOV, 2008 [1972], p. 197), pois no decorrer do tempo o uso de uma variante vai se tornando mais efetivo até que a mudança complete o seu estágio final.

Porém, “Se a variável linguística fosse uma simples distribuição pelas faixas etárias, então o processo de transferência de um grupo de falantes para outro um pouco mais jovem seria um fato misterioso, mais fácil de notar do que de explicar” (WLH, 2006 [1968], p. 109). Ou seja, seria mais fácil perceber as diferenças de usos entre faixas etárias, no entanto, explicar como

---

<sup>16</sup> No trecho citado de WLH (2006 [1968]), este termo não foi empregado no sentido de existência de dois sistemas ou dialetos diferentes em um mesmo falante. A proposta é de apreensão de duas variantes, o uso das duas formas e a competição delas até que uma variante se torne obsoleta no mesmo indivíduo, caracterizando a diferenciação ordenada no sistema heterogêneo.

isso acontecer seria muito mais difícil por conta do pouco tempo entre as gerações, tornando por vezes a mudança totalmente abrupta, algo que não acontece.

Na hipótese do estudo da mudança em tempo aparente, há o pressuposto de que cada pessoa guarda durante a vida o sistema vernacular que foi adquirido no período que vai desde a infância até a puberdade. Assim, quando estivermos mais velhos o nosso vernáculo refletirá os anos nos quais estivemos na adolescência. Segundo Labov (2008 [1972], p. 168), a pré-adolescência é o período em que os hábitos adquiridos se firmam como os padrões automáticos da produção verbal, a partir da interação com os outros grupos de pré-adolescentes.

Conforme Paiva & Duarte (2012), o estudo da mudança em tempo aparente possui algumas dificuldades que estariam relacionadas ao período de aquisição da linguagem e que as correlações sistemáticas com a variável idade não teriam índices muito conclusivos para o entendimento de uma mudança em progresso na língua.

Segundo as autoras, os falantes de uma língua alteram seu comportamento linguístico ao longo da vida, sem que as mudanças dentro do sistema pudessem ocorrer por conta da mudança de gerações. Para elas, a maneira adequada de solucionar esses problemas seria pela conjugação dos resultados obtidos com a mudança em tempo aparente e as mudanças em tempo real. Dessa maneira, confeririam aos resultados mais evidências para a mudança, pois “a combinação de observações em tempo aparente e tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso” (LABOV, 1994, p. 63)<sup>17</sup>.

Labov (1994, p. 63) ainda nos diz que nem sempre podem ser feitas observações em tempo real na comunidade porque não há como verificar as possibilidades da mudança que foram constatadas em tempo aparente. Segundo ele, “em alguns casos nós somos fortemente motivados a estudar o presente com maior profundidade, e ver o que podemos deduzir sobre a mudança em progresso a partir da atual distribuição em tempo aparente” (LABOV, 1994, p. 63)<sup>18</sup>.

Um outro problema levantado por WLH (2006 [1968]) é o encaixamento tanto na estrutura linguística quanto social. Este problema está relacionado a como a variação/mudança está encaixada na estrutura linguística e social da comunidade. Como o fenômeno variável se

---

<sup>17</sup> This combination of observations in apparent time and real time is the basic method for the study of change in progress (LABOV, 1994, p. 63).

<sup>18</sup> In such cases, we are strongly motivated to study the present in greater depth, and see what can be deduced about change in progress from the actual distributions in apparent time (LABOV, 1994, p. 63).

comporta dentro do sistema com outros fenômenos, que fatores linguísticos, sociais e estilísticos podem ser determinantes para o condicionamento da variação, verificando quais efeitos podem inibir ou favorecer a mudança.

“O problema do *encaixamento* é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo” (LABOV, 2008 [1972], p. 193). Logo, deve-se realizar uma correlação entre os elementos linguísticos e sociais. Esses elementos estariam de tal forma ligados que a partir do comportamento de um deles a movimentação do outro pode ser inferida. A partir do andamento de um deles automaticamente constataríamos o comportamento do outro.

Para o encaixamento na estrutura linguística, deve-se entender a variável como sendo da competência da comunidade, ou seja, é ampliada para além do idioleto. O modelo de língua proposto tem estratos discretos, coexistentes, definidos pela coocorrência estrita, que seriam funcionalmente separados e distintos dentro da comunidade de fala (WLH, 2006 [1968], p. 123). Dessa forma, não existiriam possibilidades que estivessem relacionadas a algo fora da língua. Não seria caótico, mas por ordenações que poderiam ser previstas a partir da competência linguística da comunidade.

Ainda na estrutura linguística, a mudança raramente seria de um sistema inteiro para outro. Segundo WLH (2006 [1968]), um conjunto limitado de variáveis dentro do sistema se altera de modo gradual de um polo para outro, ou seja, existe um *continuum* no uso das variantes.

Quanto ao encaixamento na estrutura social, para WLH (2006 [1968]), a estrutura linguística em variação estaria encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, pois seria difícil entendê-la sem considerar as variações geográficas e sociais como elementos intrínsecos da estrutura. Para eles, os fatores sociais pesariam sobre o sistema como um todo, no entanto, a significação social não seria distribuída igualmente para todos os elementos do sistema, ou todos os elementos marcados por variação regional.

Para que as mudanças sejam encaixadas tanto na estrutura linguística quanto social são necessários os condicionadores linguísticos e sociais. Desse modo, tanto os fatores dentro da própria língua quanto os que estão fora dela são responsáveis pelos fenômenos em variação e mudança. Somente a partir da observação do comportamento desses fatores percebe-se como uma mudança se encaixa na estrutura linguística e social (COELHO *et al*, 2015, p. 83 - 84).

“No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais” (WLH, 2006 [1968], p. 123). Sendo assim, nem sempre os fatores linguísticos e sociais são encontrados atuando ao mesmo tempo sobre a variação e mudança. Por vezes, somente os fatores linguísticos poderão ser suficientes para responder às questões sobre a variação/mudança. Mas, o papel do linguista é verificar de que maneira a correlação social influencia o sistema linguístico.

Em relação ao problema de avaliação, WLH (2006 [1968], p. 124) dizem que

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 353), em seus estudos sobre mudança linguística, as formas inovadoras avançavam com mais rapidez em grupo particular de falantes, geralmente, o de menor status social, mas é preciso verificar as dimensões da informação social que seria veiculada pelas formas linguísticas inovadoras. Conforme o autor, “Nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento” (LABOV, 2008 [1972], p. 354).

A avaliação está relacionada à atitude dos falantes em relação às formas linguísticas em variação ou mudança. A avaliação linguística também se conecta aos critérios comunicativos no âmbito da interação social e a avaliação social ao prestígio ou estigma que a variação sofre dentro da comunidade (COELHO *et al*, 2015, p. 92). “A noção de ‘prestígio’ precisa ser definida em termos de pessoas que a usam e da situação em que é usada” (LABOV, 2008 [1972], p. 354). Sendo assim, é necessário fazer um levantamento acerca da dimensão social, assim como das formas inovadoras que aparecem, a fim de perceber como a avaliação pode contribuir para a mudança linguística.

A avaliação social diz respeito às reações positivas ou negativas dos interlocutores em relação às variantes. Os falantes podem tanto acelerar quanto retardar o processo de mudança à medida que se identificam ou rejeitam determinada variante. A consciência social é determinante, pois a atitude positiva ou negativa dos falantes às formas em variação revela o valor social delas

(COELHO *et al*, 2015, p. 93). Daí vêm as noções de estigma e prestígio concedidas a algumas formas. Geralmente, as formas de maior prestígio são aquelas consideradas mais formais e usadas em contextos muito específicos como o trabalho, por exemplo; as menos formais são utilizadas em contextos mais informais, por exemplo, quando estamos em casa, ou com os amigos.

Por último, falarei do problema da implementação. Para WLH (2006 [1968]), há uma dificuldade relacionada à implementação porque seria evidente que as considerações mais consistentes acerca da implementação só poderiam ser feitas a *posteriori* no momento de completude da mudança.

Para discutir os fatores a serem atribuídos para a implementação da mudança, é melhor considerar todas as outras questões levantadas: como o problema de restrição; os condicionadores; como a variação/mudança se encaixou tanto na estrutura social quanto linguística; a transmissão do fenômeno em mudança, ou seja, a transição dele; além dos problemas de avaliação que são vistos a partir da atitude subjetiva dos falantes (COELHO *et al*, 2015, p. 95).

Por fim, a mudança estaria completa quando a variável passasse a ser uma constante se fazendo acompanhar a perda de qualquer significação social que o traço pudesse possuir (WLH 2006 [1968], p. 125).

### **2.2.1. A variação linguística: explicação das jogadas**

Agora passarei às terminologias adotadas na Sociolinguística. Você pode ter ficado com algumas dúvidas na seção anterior quando falei de variável, variedade, variação, variantes etc. Explicarei mais detalhes sobre cada terminologia, assim ficará mais fácil para que você possa continuar a leitura deste texto.

Tentarei deixar bem simples, diferente da seção anterior, pois ficaria muito difícil para que eu explicasse os vários detalhes acerca da teoria. Tomara que algumas questões básicas tenham ficado bem claras.

Bom, existem algumas características que diferenciam a nossa fala do jeito de falar de outras pessoas, pois alguns grupos têm características linguísticas que lhes são peculiares. Apesar de todos falarmos a mesma língua, o português, conseguimos perceber algumas diferenças

regionais e sociais. Como dito, uma comunidade de fala é definida a partir de normas que são compartilhadas entre os indivíduos que fazem parte dela.

À característica de determinado grupo é dado o nome de variedade. Por exemplo, existem algumas variedades do português brasileiro, assim como do inglês americano etc. Também se pode pensar em dividir as variedades a partir de critérios geográficos. Neste caso, são chamadas de variações diatópicas ou geográficas.

Pense nas divisões políticas dos estados brasileiros<sup>19</sup>, sendo assim, pode-se dividir em variedades como a baiana, capixaba, fluminense, amazonense etc., e dentro dessas mesmas regiões podemos delimitar ainda mais as variedades. No caso da Bahia, estado com uma relativa extensão territorial, encontramos a variedade soteropolitana, que fica bem ao norte do estado, e a caravelense, no Extremo Sul.

Além das divisões regionais, pode-se pensar em variedades divididas a partir dos critérios sociais. Nos deparamos, por exemplo, com os critérios relacionados ao sexo/gênero, variedade de homens e mulheres, assim como variedades ligadas à faixa etária, além de critérios ligados à ocupação/profissão, como no caso de Caravelas, onde existem muitos pescadores. Há a possibilidade de dizer que há a variedade dos pescadores, dos advogados, dos professores etc.

Para considerar como variedade, necessariamente, deve-se abranger os grupos que possuem as mesmas características que os diferenciam de outros, sendo também os traços identitários de determinada comunidade no momento de alusão aos seus usos linguísticos.

Quando menciono sobre variação linguística, deve pensar que “É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa” (LABOV, 2008 [1972], p. 221). Sendo assim, na variação, duas variantes devem ter os mesmos significados referenciais/representacionais. Para “essas formas em variação dá-se o nome de ‘variantes’. ‘Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto [...]. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística” (TARALLO, 2004, p. 8).

“Comumente chamamos de variável o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata; [...] Chamamos de variantes as formas individuais que ‘disputam’ pela

---

<sup>19</sup> Você deve ficar atento, pois a língua não respeita os limites geopolíticos. Por exemplo, podemos encontrar uma variedade qualquer que fica na divisa entre estados, assim como também entre países. No Brasil, temos comunidades que vivem nas fronteiras com outros países, podem falar português, mas não se restringem às delimitações oficiais. Nesse caso, pode se lembrar das comunidades indígenas, que, nas fronteiras, falam tanto português quanto a sua língua nativa.

expressão da variável” (COELHO *et al*, 2015, p. 17). Perceba que, por exemplo, a respeito da variação entre *tu* e *você*, a variável em questão será a expressão pronominal da segunda pessoa, e as variantes são as formas *tu* e *você*.

### 2.2.2. A variação linguística: as variantes em campo

Como disse, as variantes são as formas que expressam a variável. Vou mostrar a partir do fenômeno em estudo. Vejamos se consegue compreender por meio da variação em estudo.

As variantes são a fricativa alveolar surda [s] e a fricativa alveopalatal surda [ʃ]. A variável é a alternância entre duas ou mais variantes do /S/ em coda silábica, onde uma delas pode aparecer sem a perda de significado da palavra. Conseguiu entender? A variação estudada está no campo da fonética e fonologia. Por isso é diferente da variação entre as formas de segunda pessoa. Neste caso, há uma variação morfológica ou morfossintática, pois é a alternância de uma forma pronominal apenas.

“Sendo assim, um pré-requisito para uma análise de regra variável é a percepção, por parte do pesquisador, da existência de algum tipo de escolha entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas feitas pelo falante durante o desempenho” (SANKOOF, 1988, p. 948). Para a pesquisa, cabe aos linguistas apreenderem quando acontece a alternância de escolha entre duas ou mais variantes.

No caso desta pesquisa, primeiro percebi que em Caravelas os habitantes também utilizavam a variante alveopalatal [ʃ] do /S/ em coda silábica. No entanto, também observei que esta variante só aparecia antes da oclusiva alveolar surda [t] e da africada alveopalatal surda [tʃ]. As ocorrências nos demais contextos são realizadas sempre como fricativas alveolares, a surda<sup>20</sup> [s] e a sonora [z].

Vistas as variantes, bem como qual é a variação estudada, estabelecerei as devidas considerações acerca do jogo. No capítulo introdutório, apontei que encararia a variação como um jogo de futebol. Então, vamos às considerações a esse respeito. Observe que, quando falo de variação e mudança, também estou me referindo às regras, variáveis e invariantes. Dessa forma, posso pensar que, no jogo entre os times apontados na dissertação, as variantes [ʃ] e [s]

---

<sup>20</sup> Surdo e sonoro são os nomes dados para os sons realizados sem e com a vibração das cordas vocais, respectivamente.

também obedecem às regras, pois estão encaixadas linguisticamente e socialmente. Logo, acontece uma situação que se parece com a competição esportiva.

Os times estão competindo dentro da comunidade de fala. Os dois seguem as regras estabelecidas para sua ocorrência, tanto linguísticas quanto sociais. Assim, instituem uma relação de rivalidade, pois na variação há uma competição sem que aconteça o final do jogo, mas no caso de mudança há uma variante que compete para suplantá-la e cairá em desuso, sendo assim, haverá um vencedor.

O jogo de futebol, apontado nesta dissertação, poderá culminar em um caso de variação - uma vez que haverá um empate técnico, sendo que nenhum dos dois times em questão conseguirá vencer o outro e continuarão a competição por um tempo indeterminado; ou um caso de mudança, quando uma das variantes será a vencedora e substituirá a outra na fala dos habitantes da comunidade de Caravelas.

Quando falo de jogo, estou me referindo tanto aos times que obedecem às regras previstas quanto à relação entre comunidade e fenômeno, pois esta será afetada diretamente pelo resultado do jogo. Para isso, a comunidade revelará se manterá a competição, como um exemplo de variação estável, ou se vai terminar o jogo, como no caso de uma mudança. Então, a comunidade é quem vai definir se vai continuar patrocinando os dois times, ou se patrocinará apenas um deles. Continue assistindo ao jogo apresentado nesta dissertação, pois mais adiante vou falar sobre os resultados dele.

### **2.3. A teoria acústica de produção da fala**

A pesquisa também está fundamentada em teorias acústicas de produção da fala. Você entenderá melhor quando eu fizer a aplicação da teoria nos dados. Por enquanto, deve saber que esta teoria ajudou a entender porque estavam acontecendo casos de dúvida na identificação entre as alveolares e alveopalatais.

Foi necessário que eu buscasse meios para entender os motivos pelos quais não conseguia discernir se estava diante de uma fricativa alveolar ou de uma alveopalatal. Dessa maneira, a teoria da perturbação proporcionou a resposta para os casos. Falarei dela, nesta seção.

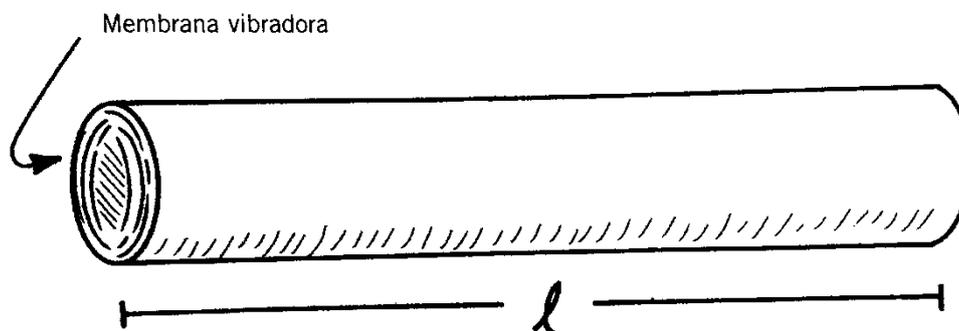
A teoria está fundamentada na noção de separação entre a fonte de energia e o filtro. Por conta disso, a teoria também é chamada de Teoria Fonte-Filtro de Produção da Fala (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 77). Basicamente, a teoria propõe que o trato vocal assume configurações para a produção de sons a partir de uma fonte de energia. Segundo Kent & Read (2015), as vogais, as fricativas e as nasais formam a base essencial da teoria acústica da fala. Os autores descrevem que alguns diagramas simples de produção de sons ajudam a identificar as principais características para a compreensão da teoria.

Todos os sons são produzidos de modo que o trato vocal funcione como um filtro, ou sistema selecionador de frequências, modificado especificamente para produzir padrões de ressonâncias (KENT & READ, 2015). Então, à medida que o ar passa por todo o trato, as contrações delineiam quais são os sons produzidos.

Na produção de vogais, uma configuração de trato bastante simples, o trato vocal fica relativamente aberto, de modo que, dessa maneira, consiga produzir os padrões de ressonância vocálicos. As modificações na configuração do trato são usadas para modelar os diversos sons: havendo a vibração laríngea, existe uma fonte de energia, o vozeamento. Para as fricativas, há uma constricção estreita em algum ponto do trato vocal, envolve um fechamento para que seja gerado um ruído, no qual a fonte dele é filtrada pelo trato vocal na parte anterior à constricção.

Observe, na Figura 4.1, como é o modelo de produção de sons proposto na teoria. Bem simples, mostra desde a produção, onde é o lado fechado, até o lado aberto, a atmosfera.

Figura 4.1 - Modelo simples de produção de vogais<sup>21</sup>



Fonte: Kent & Read (2015, p. 41).

<sup>21</sup> Este é um modelo de tubo, fechado num lado e aberto em outro, para a produção de uma vogal chamada de média central, o *schwa*, [ə].

O modelo de tubo simples mostrado na figura satisfaz com precisão um aparelho de produção específico para a vogal da fala humana (KENT & READ, 2015, p. 40). O tubo apresentado possui uma membrana elástica, a fonte de energia, que é uma membrana vibradora, e um ressoador, o tubo. Quando o tamanho do tubo é mudado, mudam-se também as frequências de ressonância, da mesma maneira que existem diferenças nos tamanhos de trato de crianças e adultos, frequências mais altas em tratos vocais das crianças e mais baixas em adultos do sexo masculino (KENT & READ, 2015, p. 41).

Quanto à fonte, a geradora de energia, pode ser situada em qualquer ponto do trato vocal, desde a glote, as pregas vocais, sendo periódica<sup>22</sup> com os pulsos produzidos pelas pregas vocais, até os lábios. Como pode também ser aperiódica, como na produção feita da passagem do ar pela parte estreita do trato, em se tratando da fricativa alveolar surda, o [s], havendo a possibilidade de unir periodicidade e aperiodicidade, como na fricativa alveolar sonora [z] (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 77).

Para o filtro, o som que é gerado pela vibração das pregas vocais é modificado à medida que o ar passa pelo trato. Isso acontece porque o trato acaba agindo como um corpo ressoador potencializando as frequências específicas de acordo com o eixo que vai da glote aos lábios, ou seja, conforme as regiões dentro do trato. Sendo assim, o trato vocal acaba sendo um filtro, favorecendo algumas frequências sonoras (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 82).

A partir da ideia de como são produzidos os sons vocálicos, alimenta-se a noção de que a energia ativa as ressonâncias, filtrada pela transferência acontecida no trato, em seguida radiada, resultando no espectro de saída. Esse conceito de produção das vogais é aplicado às consoantes. Porém, há a predição das mudanças das frequências dos formantes<sup>23</sup> resultantes de constrições acontecidas no tubo ressoador, a fim de verificar como as variações no formato do trato afetam as ressonâncias<sup>24</sup> (KENT & READ, 2015).

---

<sup>22</sup> É necessário lembrar que a onda glotal, pulso glotal, ou a vibração das cordas vocais, não é totalmente periódica. Trata-se de uma onda que tem duas características importantes: possui (i) ondas periódicas simples com a vibração das cordas vocais e todos os seus múltiplos, os harmônicos. A primeira frequência, por conta da existência das múltiplas frequências, é também chamada de frequência fundamental. Além das (ii) amplitudes dos harmônicos, que diminuem à medida que as frequências aumentam em 12 dB/oitava, ou seja, quando as frequências na onda glotal aumentam há uma queda de amplitude. Isso permite que sejam identificados os formantes, ou as frequências das ondas ressonantes no trato vocal (KENT & READ, 2015).

<sup>23</sup> Formante é uma característica acústica que pode ou não ser evidência de uma ressonância do trato vocal. Em conjunto, os formantes constituem a função de transferência do trato vocal. Uma função de transferência é a relação entrada-saída e uma maneira de descrever o que acontece no processo da filtragem (KENT & READ, 2015, p. 48-49).

<sup>24</sup> Este é um conceito da Teoria da perturbação, que também pode ser aplicada às vogais. O tubo continua sendo usado para marcar um exemplo, porém, a teoria fonte-filtro é usada com maior propriedade nas vogais. Não

A teoria da perturbação utiliza a mesma ideia da configuração do trato como um tubo. É aplicada à predição dos valores de frequências dos formantes no momento da constrição, a partir de uma configuração neutra. A teoria descreve o que acontece com cada um dos formantes quando as constrições são formadas em pontos de máxima ou mínima taxa de mudança de pressão sonora (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 106). Ela “permite a predição das mudanças das frequências dos formantes resultantes de perturbações (constrições locais) do ressoador de tubos” (KENT & READ, 2015, p. 56-57).

“Cada constrição local do tubo produzida pela compressão é uma perturbação e o efeito da perturbação na frequência do formante  $F_n$  depende de a constrição ser próxima a um nó ou a um antinó” (KENT & READ, 2015, p. 58). Ainda conforme os autores, cada formante,  $F_n$ , tem  $n$  nós<sup>25</sup> e  $n$  antinós<sup>26</sup>, onde  $n$  é um número inteiro. Dessa maneira, encontra-se a predição dos efeitos da constrição do trato nas frequências dos formantes.

Dependendo do falante, bem como onde acontece a constrição no trato vocal, as frequências dos formantes podem ser tanto abaixadas quanto aumentadas, ou seja, em regiões de nó podem ser abaixadas, e, em regiões de antinó, as frequências dos formantes poderão ser potencializadas.

Então, depois de saber que essas constrições podem acontecer à medida que nós produzimos os sons, sejam vocálicos ou consonantais, você verá como isso pode acontecer nas fricativas. Nas fricativas, existem constrições consideradas severas, pois, para que possam ser produzidas, há uma turbulência provocada pelo estreitamento do trato vocal. Veja, na figura 4.2, como a constrição é bastante estreita.

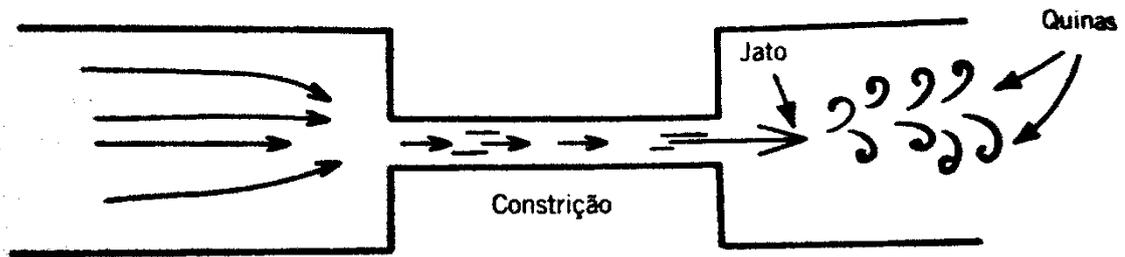
---

entrarei em detalhes, mostrarei mais conceitos a partir das fricativas. Isso significa que teremos um pouquinho da ideia teórica junto com as discussões sobre as fricativas.

<sup>25</sup> São regiões no tubo onde as partículas vibram com intensidade mínima, ou seja, têm-se mínimos de velocidade volumétrica (KENT & READ, 2015).

<sup>26</sup> São regiões no tubo onde as partículas vibram com amplitude máxima, máximos de velocidade volumétrica (KENT & READ, 2015).

Figura 4.2 - Modelo de produção de ruído para fricativas



Fonte: Kent & Read, 2015, p. 74.

Na Figura 4.2, fica claro, na constrição, o quanto é estreito o canal que passa o jato de ar. “Para que haja a fricativa, é preciso que o fluxo de ar, ao passar por uma constrição estreita, produza turbulência” (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 111). Clark & Yallop (2007, p. 238) afirmam que os sons fricativos podem ser gerados em qualquer local do trato vocal, desde a laringe até os lábios, satisfazendo as possibilidades para que sejam criadas as condições aerodinâmicas mínimas para a turbulência do fluxo de ar.

Segundo Kent & Read (2015), a constrição é como um esguicho. O ar que sai da constrição forma um jato, que se mistura ao ar em redor gerando a turbulência. A turbulência aparece em vórtices<sup>27</sup> formados no fluxo da contração e expansão do conduto. Dependendo de onde acontecem as constrições, podem ser produzidas diversas fricativas: glotais, faringais, uvulares, velares, palatais, alveopalatais, alveolares, labiodentais entre outras.

No capítulo dedicado à análise dos casos de dúvida, você verá que é bastante precisa a aplicação da teoria. Minimamente, mostrarei como identificar as fricativas e distingui-las através das frequências encontradas.

Este capítulo foi encarregado de mostrar as teorias usadas para analisar o fenômeno de variação das fricativas coronais em coda silábica. Discutiu-se a Teoria da Variação, suas preocupações e objetivos, bem como viu um pouco sobre Teoria Acústica de Produção da Fala, mais detidamente, nas considerações sobre as consoantes fricativas.

No próximo capítulo, verá como os trabalhos podem ser desenvolvidos a partir da proposta da Sociolinguística Variacionista. Também verá os caminhos que utilizei para realizar esta

<sup>27</sup> “Os vórtices são elementos volumétricos do ar que produzem rotações, ou flutuações de alta frequência, irregulares, em velocidade e pressão, em um certo ponto no espaço” (KENT & READ, 2015, p. 72).

pesquisa. Além disso, mostrarei com mais detalhes a comunidade escolhida para estudo, bem como os pormenores acerca da recolha dos dados para a análise acústica.

### 3. A METODOLOGIA VARIACIONISTA: AS TÁTICAS PARA O ESTUDO DA VARIAÇÃO

---

Uma parte muito importante de qualquer pesquisa é a maneira de como foi realizada e como foram encontrados os resultados. Os desenvolvimentos e o decorrer da pesquisa são de extrema importância, pois um passo errado, ou em falso, pode comprometer todo seu andamento. Dessa forma, significa que também é bom pensar bastante sobre as etapas ocorridas no momento da pesquisa.

Lido com dados de fala, com o uso da língua dentro da sociedade. Sendo assim, tive que escolher uma comunidade para estudar. Já se sabe que a comunidade é a cidade de Caravelas, na Bahia. Trata-se de uma cidade localizada no Extremo Sul Baiano, próxima às cidades de Alcobaça, Prado e Teixeira de Freitas.

Caravelas foi uma das primeiras localidades a serem encontradas pelos portugueses nas Américas. Sua “descoberta” data de 1503, logo depois de Porto Seguro.

#### 3.1. O local do jogo: a comunidade de Caravelas – BA

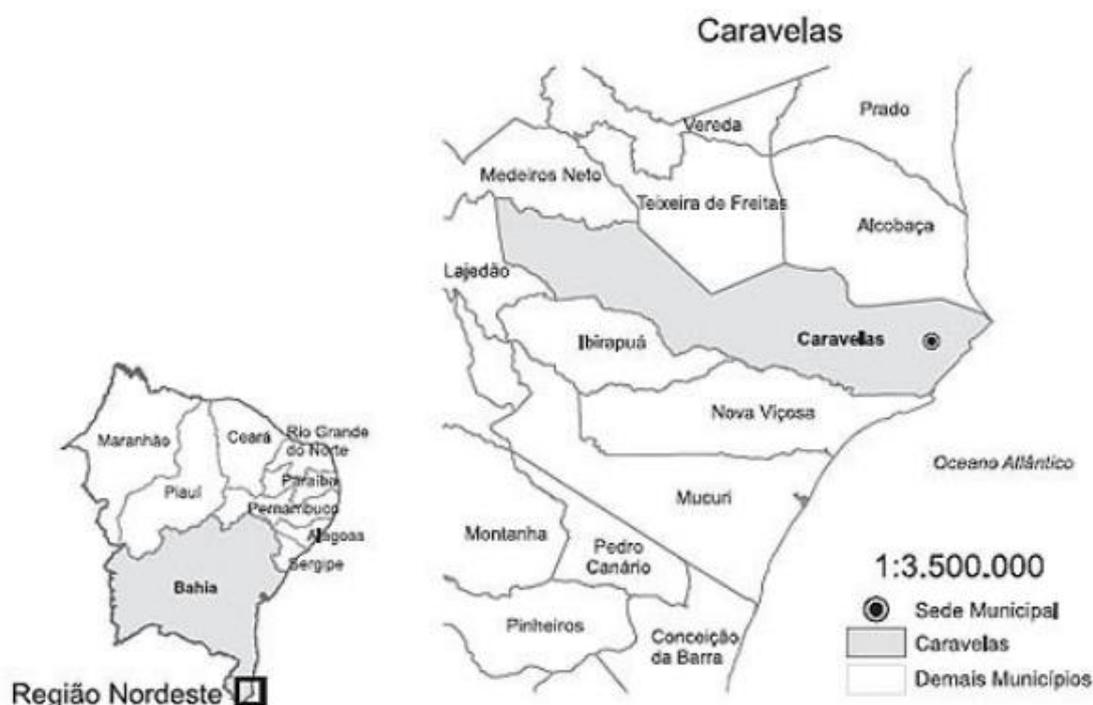
Conforme o último censo do IBGE, em 2010, Caravelas, no referido ano, possuía 21.414 habitantes. A expectativa elaborada pelo Instituto para a população, no ano de 2015, foi de 22.548 habitantes. Com área de 2.396,608 km<sup>2</sup>, é um município relativamente grande, mas é subdividido em 4 distritos: Caravelas (sede); Juerana; Ponta de Areia; e Santo Antônio de Barcelona; dois deles são distantes da sede, Juerana e Santo Antônio de Barcelona, com distâncias que ultrapassam 70 km da sede do município, tem-se a ideia de um município extenso, mas com uma população bastante recortada.

Sua divisão está constituída em distritos e alguns povoados. Entre distritos e povoados, temos: Caravelas (sede); Ponta de Areia; Juerana; Santo Antônio de Barcelona; Barra de Caravelas; Rancho Alegre; Ferrazópolis; Taquari; Nova Tribuna e Nova Esperança.

A sede da cidade fica a 36 km de distância do município mais próximo, chamado Alcobaça, e a cerca de 90 km de distância de Teixeira de Freitas. Além desses, também faz divisão com os municípios de Nova Viçosa, Medeiros Neto, Lajedão e Ibirapuã.

Caravelas é uma das cidades que faz parte da costa do descobrimento do Brasil e possui uma rica fauna e flora. Por isso há a presença de uma reserva extrativista, bem como possui uma localização privilegiada para saída ao Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. A base de sua economia é a agricultura, mas detém uma forte atividade relacionada à pesca de peixes e mariscos.

Figura 4.3 – Imagem da localização geográfica de Caravelas.



(Fonte: IVT – Instituto Virtual do Turismo)<sup>28</sup>

Caravelas é uma cidade histórica, porém não se tem registros históricos consistentes de seu processo de descobrimento e do que aconteceu entre os séculos XVI e XIX, apenas uma ou outra fonte que a cita na região do Extremo Sul da Bahia.

Tomando-se em consideração diversos pesquisadores de nossa história, o porto tocado por Vespucci ou Gonçalo Coelho foi o de CARAVELAS. Tal afirmativa merece acolhida, pois o porto que se acha a 18° de latitude sul é o de CARAVELAS, estando Porto Seguro muito mais ao norte e Cabo Frio bastante mais ao sul, tendo largura suficiente para ser notado pelos navegadores, mormente os do século XVI, que

<sup>28</sup> Disponível em: [www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10519&cat=NORDESTE%20.%20Bahia&ws=0](http://www.ivt-rj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10519&cat=NORDESTE%20.%20Bahia&ws=0). Acesso em 22 ago 2016.

podiam chegar bem próximo da costa. Não é difícil, portanto, ter Gonçalo Coelho ou Vespucci aqui aportado para refazer as provisões uma vez que as viagens de então eram morosas e os navios de pouca tonelagem (RALILE, 2006, p. 13 *apud* MIRANDA, 2014, p. 16).

Desde os primeiros registros históricos, tem-se notícia sobre Caravelas. A geografia da cidade facilitava a chegada pelo mar e, mesmo sendo uma das primeiras regiões nas quais os portugueses aportaram, não se tornou tão famosa quanto a cidade de Porto Seguro.

O seu nome é devido ao fato de várias caravelas no período colonial navegarem pelo braço de mar que banha a cidade. Depois de Porto Seguro, Caravelas era a localidade de maior relevância econômica, eclesiástica e política da região até o início do século XX<sup>29</sup>. Porém, ao longo dos anos, os seus moradores viram a cidade regredir, principalmente no quesito econômico e populacional. Com o surgimento de rodovias<sup>30</sup>, como a BR 101, as cidades circunvizinhas cresceram, vindo muitos habitantes a deixar a “cidadezinha” e ir para outras cidades maiores (MIRANDA, 2014, p. 15).

São poucos os registros sobre Caravelas, e este é um dos motivos pelos quais tive dificuldades em fazer referências aos aspectos históricos da cidade. As caravelas deram o nome da cidade, e o braço de mar facilitou a entrada e saída dos portugueses, assim como do escoamento das cargas que vinham para a cidade.

### **3.1.1. Os informantes: a torcida e os patrocinadores de ambos os times**

Como sabe, Caravelas é uma cidade do interior da Bahia, por isso já sabia que algumas dificuldades apareceriam quando fosse colher os dados necessários. Logo, elaborei algumas estratégias para a abordagem e conversa com os informantes. Primeiro, sabe-se que o melhor seria uma amostra do vernáculo caravelense. Como fazer as entrevistas sabendo que não haveria receptividade por causa da formalidade do momento, como o questionário, gravador, assinatura de termo etc.?

As primeiras pessoas consideradas informantes em potencial seriam aquelas que pudessem ser mais receptivas a minha presença, isto ajudaria no momento da “conversa gravada”. Mesmo assim, a presença do gravador trouxe algumas dificuldades. Os primeiros informantes eram conhecidos, e em algumas entrevistas podem ser percebidos trechos que demonstrem essa relação. Obviamente, o pesquisador cresceu na comunidade e morou lá até pouco tempo. Assim,

---

<sup>29</sup> RALILE, Benedito Pereira. **Relatos históricos de Caravelas**: (desde o século XVI). Caravelas, BA: Fundação Professor Benedito Ralile, 2006.

<sup>30</sup> O surgimento das rodovias foi um dos motivos para o fim da Estrada de Ferro Bahia e Minas. A desativação desta foi um duro golpe para a economia da cidade (Nota de PARANGUÁ, 2014).

a amostra não foi totalmente aleatória, pois para preencher as células sociais<sup>31</sup> com os informantes necessários foram utilizados alguns que já eram conhecidos e que logicamente satisfaziam as exigências para estarem na amostra.

Segundo Labov (2008 [1972], p. 102), a entrevista seria uma situação que, por si mesma, proporciona um contexto no qual apenas um estilo de fala normalmente ocorreria, a fala monitorada. No entanto, outras situações discursivas também condicionam o uso da fala monitorada em alguns contextos discursivos. O fato de fazer parte da comunidade, e das primeiras experiências com entrevistas sociolinguísticas terem sido com conhecidos, facilitou tanto para o entrevistador quanto para os informantes, pois a tensão inicial para resposta das perguntas foi amenizada por conta do conhecimento mútuo. Contudo, as entrevistas não perderam seu caráter de fala monitorada.

Penso que, se as entrevistas fossem realizadas por pessoas de fora da comunidade, eu encontraria problemas para que pudesse formar o banco de dados por conta da receptividade dos informantes porque, mesmo com alguém da comunidade, a situação de entrevista dificultou o andamento da conversa.

### **3.2. O banco de dados: Variação Linguística em Caravelas**

Os pressupostos da Sociolinguística são primordiais para serem determinadas as condições e os contextos extralinguísticos e linguísticos que podem influenciar a variação e/ou mudança linguística. A integração de perspectivas sociais permite realizar juízos quanto à valorização dos dados e verifica uma compreensão mais detalhada dos mecanismos que estejam envolvidos na variação.

Quanto à coleta de dados, primeiro elege-se uma comunidade de fala e depois se elabora a estratificação dos informantes. Necessitaria de falantes nascidos na comunidade, que, preferencialmente, não tenham morado em outro município por um período maior que dois anos. Para o levantamento de quais informantes seriam utilizados, perguntou-se se os pais eram de Caravelas, se haviam nascido na cidade e se não tinham morado em outro município por um período superior a dois anos.

---

<sup>31</sup> “divide-se a população em ‘células’ (‘casas’, ‘estratos’) compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a uma seleção aleatória. Assim, se for escolhida como objeto de pesquisa apenas a variável social sexo, pode-se ter, numa casa, 5 homens e, na outra, 5 mulheres, e a amostra pode ser teoricamente de 10 indivíduos” (OLIVEIRA E SILVA, 2012, p. 121).

Quanto à localização geográfica dos participantes da amostra, fiz entrevistas com informantes da sede da cidade, no centro, no distrito de Ponta de Areia, que fica a cinco minutos de carro, cerca de 03 km de distância, e Barra de Caravelas, que fica a 10 km de distância da sede da cidade.

O principal método para uma investigação sociolinguística consiste na realização de entrevistas<sup>32</sup> que necessariamente façam emergir o vernáculo, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244), e podem ser utilizadas perguntas que incitem narrativas de experiência pessoal fazendo com que o falante deixe de prestar atenção no como diz e passe a ficar atento ao que diz (TARALLO, 2004, p. 22).

Não utilizei uma transcrição fonética dos trechos, no entanto, para distinção das variantes, necessitaria da descrição de como ocorrem. Para a transcrição da amostra foram utilizados os sistemas de transcrição que têm ponto de referência na ortografia (PAIVA, 2012). Segundo Conceição Paiva (2012), não existe transcrição de dados linguísticos perfeita e incontestável, já que essa atividade envolve um componente subjetivo. Busca-se consistência e coerência na transcrição tornando os dados legíveis e acessíveis.

A amostra está estratificada por meio de variáveis sociais sexo/gênero, escolaridade e idade. Foram previstos cerca de 36 informantes a fim de serem preenchidos 02 informantes por célula social, teoricamente, o mínimo de entrevistas possível para análise dos dados (GUY & ZILLES, 2007, p. 127). Para que pudesse selecionar os informantes, primeiramente, fiz um questionário prévio verificando se o falante estaria apto a fazer parte da amostra. Ratifico que um dos principais critérios é terem nascido e passado a infância na cidade, sem que tenham se ausentado por mais de dois anos.

Quanto à faixa etária, foi dividida entre I - 14-25 anos, os informantes que representariam a faixa mais jovem, II - 26-49 anos, os de faixa intermediária, e III - mais de 49 anos, os da faixa etária mais alta. Na variável escolaridade, dividi entre os representantes do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, com 08 anos, 11 anos e acima de 11 anos de escolarização, respectivamente.

---

<sup>32</sup> As entrevistas foram transcritas por meio do programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo ELAN. Alguns detalhes para realizar as transcrições são feitos em Oushiro (2014, p. 117 – 132).

A divisão do banco foi motivada porque outras amostras, como o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - PEUL<sup>33</sup>, Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba - VAL-PB<sup>34</sup>, Projeto Português Falado na Cidade de Vitória - PortVix<sup>35</sup>, também levaram em consideração estas mesmas variáveis. Além disso, por conta do tamanho da comunidade e da possibilidade de não conseguir a quantidade de informantes necessária, optei por deixar com apenas três faixas.

Não pensei ser necessário considerar a localização da moradia, estou lidando com uma cidade pequena. Apenas me preocupei com os informantes da sede da cidade, um distrito e povoado mais próximos, que foram Ponta de Areia e Barra de Caravelas. Caravelas possui quatro distritos, três deles ficam muito distantes, a maioria com uma distância superior a 50 km, por isso, através desses distritos, não considero que encontraria uma representatividade da fala de Caravelas, pois alguns deles ficam isolados e poderiam ser considerados como uma outra comunidade de fala.

Para que você possa perceber melhor a organização em células necessárias para a formação do banco de dados, mais adiante está o Quadro 3.2 com os dados da quantidade de informantes necessários, bem como as variáveis sociais eleitas. É necessário que seja feita a exposição dos informantes previstos para a constituição da amostra. A questão da representatividade é bastante complexa (GUY & ZILLES, 2007), pois devo reconhecer o número previsto de informantes por conta das generalizações que seriam inapropriadas caso não tivesse ciência de tal fato.

---

<sup>33</sup> Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/peul/>. Acesso em abril de 2015.

<sup>34</sup> Variação Linguística no Estado da Paraíba. Disponível em: <http://valpb.com.br/>. Acesso em abril de 2015.

<sup>35</sup> Projeto Português Falado na cidade de Vitória. YACOVENCO, Lilian C. ; SCHERRE, Maria Marta ; TESCH, L. M. ; BRAGANÇA, Marcela Langa I. ; EVANGELISTA, Elaine Meireles ; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. ; CALMON, E. N. ; CAMPOS JUNIOR, H. S. ; BARBOSA, A. F. ; BASILIO, J. O. S. ; DEOCLECIO, C. E. ; BERBERT, A. F. ; SILVA, J. B. ; BENFICA, S. A. . PROJETO PORTVIX: A FALA DE VITÓRIA/ES EM CENA. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online) , v. 56, p. 771-806, 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4946/4361>. Acesso em abril de 2015.

Quadro 3.2 – Dos informantes a constituírem a amostra de fala

<b>QUADRO DE INFORMANTES</b>							
Idade/faixa etária	14 – 25		26 – 49		+50		
Sexo/gênero	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fund.	2	2	2	2	2	2	12
Ensino Médio	2	2	2	2	2	2	12
Ensino Superior	2	2	2	2	2	2	12
<b>TOTAL GERAL</b>							<b>36</b>

Até o momento ainda não tenho todos os informantes previstos. As análises nos contextos seguidos de /t/ foram realizadas com 25 informantes. Em razão do pouco tempo para terminar a pesquisa, tive que limitar a quantidade de dados. Retirei para análise um tempo correspondente aos primeiros 20 minutos dos arquivos de áudio de cada entrevista, pois também não daria conta de analisar todos os dados que provavelmente ocorreriam.

Dessa maneira, devo me limitar a fazer considerações apenas sobre os informantes que tenho. Também tenho ciência dos problemas que posso encontrar no momento da análise dos resultados e da interferência da má distribuição da amostra.

No Quadro 3.3, estão as células preenchidas até o momento. Tenho uma distribuição relativamente desequilibrada. No entanto, procuro refletir, a partir dos resultados, que podem existir ainda problemas relacionados à constituição da amostra. Deixo claro aqui que tenho ciência da necessidade de representatividade e, também por isso, saliento que a amostra ainda será finalizada. Sendo assim, pretendo, em análises futuras, minimizar os eventuais riscos que corro na apresentação dos resultados apresentados nesta pesquisa.

Quadro 3.3 – Dos 25 informantes já gravados para a amostra de fala

<b>QUADRO DE INFORMANTES</b>							
Idade/faixa etária	14 – 25		26 – 49		+50		
Sexo/gênero	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fund.		1	1	2	1	3	08
Ensino Médio	3	1	2	2			08
Ensino Superior	1	1	1	4	1	1	09
<b>TOTAL GERAL</b>							<b>25</b>

O Quadro 3.2 é a distribuição dos informantes analisados na dissertação. Não há uma boa distribuição da amostra, como já aponte. Não terminei a amostra a tempo. No entanto, os resultados obtidos analisando esses informantes se mostram satisfatórios, tendo em vista que, na análise estatística, os testes de razão de verossimilhança se mostraram como sendo estatisticamente significativos, dando uma ideia de que o problema da má distribuição da amostra pode ser amenizado nas análises.

Tenho ciência de que o não preenchimento de algumas células da amostra pode provocar efeitos não muito esperados nos resultados. Para isso, preciso ter em mente que podem surgir problemas por conta de algumas células sociais vazias, implicando uma análise mais cuidadosa. As análises realizadas levaram em consideração os possíveis efeitos dessa distribuição proporcionando um cuidado em apontar os resultados em relação aos informantes considerados até o momento.

Quadro 3.4 – Dos 10 informantes analisados em todos os contextos de coda silábica na amostra de fala

QUADRO DE INFORMANTES							
Idade/faixa etária	14 – 25		26 – 49		+50		
Sexo/gênero	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fund.				1	1	1	03
Ensino Médio	1	1	2	1			05
Ensino Superior	1	1					02
<b>TOTAL GERAL</b>							10

A fim de que pudesse verificar os contextos de predominância alveolar, dos 25 informantes analisados, utilizei 10 deles, 5 homens e 5 cinco mulheres, 3 com ensino fundamental, 5 com ensino médio, e 2 com ensino superior. Nessas entrevistas, para análise, retirei um tempo correspondente a 10 minutos dos arquivos de áudio, referentes aos primeiros minutos, apesar de representar um ponto de discussão. A proposta é realizar uma amostra que evidencie os contextos de categoricidade ou semicategoricidade da variante alveolar.

Dessa maneira, mostrarei os resultados referentes a todos os contextos de –S em final de sílaba, além daqueles que são referentes ao contexto de variação mais restrito, apenas antes do fonema /t/, o principal foco desta pesquisa. Dessa maneira, a investigação dos demais contextos se faz

necessária, pois é preciso que eu aponte para vocês como é o comportamento da variação, ou qual a possibilidade de variação, nos demais contextos consonantais seguintes.

### **3.3. Da parte acústica para analisar os casos de dúvida**

Para fazer a análise do fenômeno, é necessário que sejam identificadas as variantes no *corpus* levantado para a pesquisa. Por vezes, o pesquisador não consegue perceber qual é a variante da variável dependente em virtude da falta de clareza. Guy & Zilles dizem que “Os casos mais óbvios a serem excluídos do *corpus* são aqueles em que, no julgamento do pesquisador, há dúvida sobre como classificar a ocorrência em termos dos valores da variável dependente” (2007, p. 120).

Na codificação e identificação das variantes, encontrei 65 casos que considerei como duvidosos. Estes casos estão distribuídos em todo o *corpus*. A fim de analisar os casos que não consegui identificar as variantes, por meio do áudio das entrevistas sociolinguísticas, optei por voltar à Caravelas e fazer novas gravações. Como informantes, utilizei 04 daqueles que já fazem parte da amostra. Fiz um recontato e solicitei que fizessem a leitura de um conto.

No conto, chamado *Fala*, de João Anzanello Carraschoza, fiz algumas adaptações inserindo palavras nas quais aparecessem os contextos de variação. No Quadro 3.5, há o número total de palavras, bem como o total de repetições obtidas com as gravações. Devo lembrar que uma das palavras foi repetida duas vezes a mais, chegando a três repetições de uma mesma palavra por cada informante. Isso aconteceu porque utilizei um conto já publicado. Por ser uma narrativa, a palavra em questão, apareceu algumas vezes, um verbo na 3ª pessoa do singular, do tempo pretérito. O conto original e o adaptado estão nos anexos A e B da dissertação.

Quadro 3.5 - Das palavras no conto utilizadas para controle das frequências dos picos espectrais

<b>Palavras</b>	<b>Repetições</b>
Estava	72
Festa	24
Susto	24
Estranhamente	24
Encostada	24
Rosto	24
Tristeza	24
Restava	24
Triste	24
Desabastada	24
Mostrou	24
<b>Total</b>	312

As gravações aconteceram em uma sala, sem tratamento acústico, de uma igreja, a partir de um gravador portátil, marca Powerpack DVR-1087, com precisão de gravação de 16 bit. A taxa de amostragem foi de 32000 kHz, no momento da gravação, com um microfone simples de lapela.

Quatro informantes do sexo masculino foram gravados, I – DOR34ES, J – JAN37EM, N – MAD23ES, e P – MAC23EM, as informações sociais estão nas siglas, são as iniciais do nome (DOR), a idade (34 anos) e escolaridade (ES – Ensino Superior), respectivamente. As palavras inseridas tiveram de sofrer adaptações por conta do conto, em vista disso ficou mais difícil de controlar o contexto vocálico antecedente. Penso que não seria necessário demarcar o contexto antecedente, apesar de saber que as fricativas podem sofrer mudanças a partir da vogal antecedente, ou subsequente. Foram seis repetições, totalizando 78 picos espectrais para cada informante.

As frequências obtidas dos picos espectrais foram submetidas a um tratamento estatístico. Para isso, lancei de variáveis com as frequências consideradas como [s] e [ʃ], assim como daquelas consideradas como dúvidas, além das médias padrões para cada variante, retiradas do total de frequências dos quatro informantes. Nas ocorrências em que havia dificuldade para delimitação

da frequência em gráficos de FFT<sup>36</sup>, também utilizei gráficos de LPC<sup>37</sup> sobrepostos para a caracterização dos picos espectrais.

### 3.4. Os condicionadores: técnicas para esclarecermos as jogadas da variação

Antes de expor a respeito dos condicionadores, precisa entender que as escolhas realizadas pelos falantes no momento da interação verbal podem receber algum tipo de influência. Essas escolhas são permeadas por alguns fatores que exibem tanto favorecimento quanto desfavorecimento em razão das alternativas de que o falante dispunha no momento da interação.

A essência da análise está na avaliação de como o processo de escolha é influenciado por diferentes *fatores* cujas combinações específicas definem os contextos. Embora se aceite que a escolha não possa ser normalmente prevista com grau absoluto de certeza, é possível, todavia, estabelecer o quê favorece uma dada alternativa, a força de seu favorecimento, bem como o quê a desfavorece (SANKOOF, 1988, p. 03)<sup>38</sup>.

Temos de eleger o que pode favorecer, ou desfavorecer, uma determinada alternativa, para isso entram em cena os condicionadores. Por condicionadores entendo como sendo “forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala” (COELHO *et al*, 2015, p. 20).

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)”.

Os condicionadores nos ajudam a delinear o campo de variação, nos ajudam a compreender qual o caminho mais propício para a ocorrência de determinada variante. São divididos em dois grandes grupos que estão ligados aos aspectos internos da língua ou externos a ela.

Os condicionadores internos também são chamados de condicionadores linguísticos por levarem em consideração os aspectos relacionados aos ambientes dentro da língua, por exemplo, quanto aos constituintes de uma sentença, os fonemas envolvidos, a classe

<sup>36</sup> FFT, uma sigla em inglês, é a transformada rápida de Fourier, uma análise digital das formas de onda que resulta em um espectro mostrando a amplitude de cada harmônico (múltiplo inteiro) da frequência fundamental (f). Cada pico no gráfico é um harmônico da fundamental (KENT & READ, 2015, p. 147-148).

<sup>37</sup> LPC, uma sigla em inglês, é o código preditivo linear, diferente do FFT, não mostra harmônicos; é um envelope de espectro. Por vezes, mostram espectros altamente similares quando a fala se encaixa em ambos os modelos de análise. De maneira geral, o LPC consegue encaixar os picos do espectro de Fourier (KENT & READ, 2015, p. 151)

<sup>38</sup> Tradução caseira de Ivone Izidoro Pinto, Maria Thereza Gomes Fioretti, Maria Clara Álvares Correa Dias e Maria Marta Pereira Scherre (1993).

morfológica das palavras, tudo relacionado às características linguísticas do fenômeno em variação. Quanto aos outros condicionadores, os externos, são também chamados de extralinguísticos. Os condicionadores extralinguísticos mais usados são sexo/gênero, escolaridade e faixa etária do informante.

Já deve ter ficado claro que não são somente as influências linguísticas que afetam o uso da língua. Os condicionadores estão relacionados à classificação dos tipos de influências. No entanto, para ser mais específico no trato desses condicionadores, utilizarei outras denominações para esses mesmos condicionadores. Também são chamados de variáveis independentes. Se temos as independentes, também existem as dependentes.

As variáveis dependentes, quando se fala de um fenômeno linguístico, estão relacionadas às possibilidades das variantes dos fenômenos em estudo. Por exemplo, se esse estudo fosse sobre os pronomes *tu* e *você* em posição de sujeito, a variável dependente seria os pronomes de 2ª pessoa. No caso da variação entre alveolar e alveopalatal antes de /t/, a variável dependente deste estudo é o /S/ em coda final que pode ser realizado ora como alveolar [s], ora como alveopalatal [ʃ]. O termo dependente significa a variável possui algum tipo de relação com outros fatores, os independentes; e é por eles influenciada, variavelmente, e não deterministicamente.

As variáveis independentes são os “conjuntos de circunstâncias linguísticas e sociais (restrições) que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso de uma ou outra variante, assim se correlacionando ao uso da variável dependente sob análise” (SCHERRE & NARO, 2012, p. 148). São chamadas de independentes porque não têm uma relação de dependência entre si, ou seja, em princípio, não existe uma inter-relação inicial de um fator com outro. Entretanto, as variáveis independentes serão consideradas juntas quando forem colocadas na análise estatística para que se busque o efeito de cada uma delas, comparativamente, se houver.

Por exemplo, um jogador quando está com a bola e de frente para o goleiro em uma jogada qualquer. Como poderíamos enxergar a variável dependente e as independentes? A variável dependente seria fazer o gol. Considerando que o goleiro está no meio das traves, as variantes são um chute para o lado esquerdo e outro para o direito em baixo, e nos mesmos lados para cima. Existiriam quatro variantes, ou quatro possibilidades para o chute no intuito de fazer o gol.

Para as independentes “linguísticas”, seriam as formas de chute, com três dedos, com a parte de cima do pé, com o lado do pé, e com o dedão, ou até mesmo com a canela. São os fatores para a possibilidade dos chutes, e em qualquer direção, para terminar no gol. Essas seriam as variáveis independentes linguísticas. As variáveis independentes sociais seriam o sexo/gênero do jogador, a força do chute, a qualidade técnica do jogador, a posição em que ele joga etc. São as variáveis relacionadas diretamente com o jogador, ou quem realiza o chute.

Conseguiu entender como funciona a dinâmica entre variáveis dependentes e independentes? Se não, você terá que nos acompanhar um pouquinho mais para entender como funciona dentro da pesquisa.

Em seguida, estarão as variáveis em estudo. Apresentarei cada variável, bem como os fatores dentro de todas elas para tornar mais simples e didático, a fim de que consiga perceber como foram as escolhas para a análise do fenômeno. Coloquei os indivíduos em um quadro separado, pois é o grupo com o maior número de fatores, que também foi controlado na pesquisa, mas ainda não foi feita uma análise em termos de pesos relativos, como falarei mais adiante.

#### **3.4.1. Variável dependente**

Há apenas dois fatores dentro deste grupo. Em coda medial e final, antes de [t] ou [ʃ], só foram encontradas duas realizações do /S/:

- Alveolar surda: pa[s]ta, co[s]ta, e[s]tremo
- Alveopalatal surda: pa[ʃ]ta, co[ʃ]ta, e[ʃ]tremo

Nesta pesquisa, por enquanto, por conta da realização alveopalatal se manter diante de /t/, mesmo quando aparece em fronteira final de palavras, as análises que levam em consideração a significância dos fatores são feitas apenas antes deste contexto consonantal seguinte. Nos demais contextos de coda silábica, as realizações alveolares predominam, conforme a análise realizada de um piloto com 10 informantes.

#### **3.4.2. Variáveis independentes**

As variáveis foram divididas em sete: três variáveis sociais e quatro linguísticas. Trouxe primeiro as variáveis sociais, em seguida, as linguísticas.

### **3.4.2.1. Variáveis sociais**

#### **3.4.2.1.1. Escolaridade**

Há a necessidade de discussão desta variável tendo em vista o papel normatizador que a escola ainda exerce na sociedade brasileira, principalmente em se tratando de fenômenos que envolvem avaliação social e, conseqüentemente, estigma. Tem sido um fator de extrema significância, pois, no Brasil, o nível de escolaridade também pode estar relacionado à ascensão social. Aqui no país, a desigualdade social ainda representa um problema, pois, em muitos casos, quanto menor a escolaridade menor também será o poder aquisitivo.

Segundo Sebastião Votre (2012, p. 51), a variável escolaridade, por conta do papel da escola, pode ser “correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança” (VOTRE, 2012, p. 51). Para isso, verifiquei qual a relevância que esta variável pode exercer sobre o fenômeno em estudo. Esta variável pode ser um identificador e determinador de *status* social atribuindo um grau negativo ou positivo de marcação social das alternativas linguísticas (MOLLICA, 2012, p. 28).

Desde as primeiras impressões, pensava que a maior escolaridade seria um fator que inibiria a ocorrência da palatalização por conta da percepção de indivíduos mais escolarizados em relação a sua própria. No que se refere à variante alveopalatal, não apresenta nenhum tipo de estigma, ou mesmo ser um indicador explícito do ser caravelense. Não fiz testes de reação subjetiva, portanto, essas considerações serão feitas em um outro momento.

Partindo da importância desses níveis como identificadores de *status* social, além de inserção na comunidade letrada, sendo muitos próximos ao indicativo de classe social no Brasil, dividi em três fatores:

- Ensino Fundamental – 01 a 08 anos de escolarização
- Ensino Médio – 09 a 11 anos de escolarização
- Ensino Superior – mínimo de 12 anos de escolarização

#### **3.4.2.1.2. Sexo/gênero**

Devo lembrar que esta variável exige cautela para a explicação acerca de seus efeitos, pois devem ser observadas as peculiaridades de cada comunidade de fala e as transformações que ocorreram nas diversas sociedades devido as definições dos papéis sociais femininos e

masculinos (PAIVA, 2012, p. 41). Sendo assim, é necessário ter cuidado com os aspectos culturais de cada sociedade porque necessariamente os desempenhos sociais tanto do homem quanto da mulher podem ser refletidos no uso linguístico da comunidade.

Nesse estudo, não havia pensado que esta variável pudesse ter tanta relevância estatística quanto obteve. Para isso, tive que reelaborar as hipóteses e verificar como as outras variáveis poderiam ser analisadas junto com o sexo/gênero. Observei se os papéis sociais em Caravelas são claros o suficiente para que eu conseguisse realizar generalizações sobre o comportamento linguístico da comunidade. Para o status da variante alveopalatal, ainda não levantei hipóteses fortes sobre a influência desta variável. Farei esclarecimentos junto à variável escolaridade por pensar ser mais proveitoso. Os detalhes você verá no capítulo dedicado à apresentação dos resultados. Fique atento, pois esta variável pode se tornar uma polêmica nesse estudo.

#### **3.4.2.1.3. Faixa etária**

Por meio desta variável, pude entender se existe uma distribuição gradativa do fenômeno em relação às distribuições etárias. Deve-se observar se os usos linguísticos podem estar correlacionados a essas distribuições tentando entender o movimento que faz o fenômeno em se tratando da frequência de cada variante escalonada por cada faixa, verificando ainda se favorece ou desfavorece o fenômeno. Por meio desta variável, poderei entender e inferir as diferenças geracionais entre os informantes que fazem parte da amostra.

Para isso, a amostra foi dividida em três faixas:

- Faixa etária I: 14 a 25 anos;
- Faixa etária II: 26 a 49 anos;
- Faixa etária III: 50 ou mais anos.

Tinha como hipótese que esta variável seria estatisticamente relevante, pois inicialmente intuía que os indivíduos com mais idade apresentariam maiores índices de alveopalatais, ou seja, os informantes da faixa etária III, com 50 anos ou mais, seriam aqueles mais conservadores em relação à variante palatalizada. No entanto, do ponto de vista estatístico, não aconteceu como esperado para a variante alveopalatal.

Talvez, Caravelas, por ser uma cidade histórica, e ter recebido os portugueses, além de possuir portos e uma boa localização na costa, já apresentasse a variante palatalizada como sendo parte de sua variedade. Eram apenas intuições, pois não há muitos registros documentais das pessoas

que chegaram a Caravelas. Mesmo sem os registros, acredito que a variante alveopalatal esteja desaparecendo do dialeto caravelense. Estudos posteriores, caso eu consiga, nos dirão. Fica a expectativa. Confira, nos próximos capítulos, os resultados obtidos. Acho que são bastante interessantes.

#### **3.4.2.1.4. Os indivíduos**

A partir dos primeiros dados, comecei a considerar que este grupo de fatores pudesse se mostrar interessante. Existiram ocorrências, quase semicatóricas, de alveopalatais em alguns indivíduos. No contexto estabelecido como recorte para estudo, alguns indivíduos apresentam, em termos percentuais, pouca variação, enquanto outros mostraram um comportamento totalmente contrário, com mais de 90% de realizações alveolares.

A proposta é entender melhor o comportamento dos indivíduos<sup>39</sup> com a continuação da pesquisa, bem como, futuramente, verificar quais os tipos de influência que podem ocorrer quando esta variável é mencionada, em se tratando da variação dentro da comunidade de Caravelas.

Considero que esta variável demande uma análise mais complexa, mas, por conta do tempo, e das observações que devem ser feitas, além de ser uma variável que, na maioria das vezes, será selecionada (SCHERRE, 2016)<sup>40</sup> se for analisada junto às demais variáveis sociais, além de evitarmos o problema da falta de ortogonalidade do grupo de fatores sendo uma supercategoria (GUY, 2007, p. 52) que engloba as variáveis sociais observadas aqui.

Nesta pesquisa, não penso em verificar o grau de significância desta variável em relação à palatalização, mas acredito que ela contribua ainda mais para o entendimento da variação em Caravelas, quando as características sociais individuais forem consideradas na análise. Quero verificar, futuramente, se as características individuais são um influenciador para a palatalização, assim como de que maneira podem desfavorecer a variante alveopalatal.

A fim de perceber melhor quais as características sociais dos informantes analisados na pesquisa, são apresentados os percentuais da variante palatalizada no Quadro 3.6. As ocorrências e percentuais mostrados no quadro são os totais da variante alveopalatal, nas

---

<sup>39</sup> Vou realizar a análise dos indivíduos, esta é uma proposta que faz parte do projeto de doutorado.

<sup>40</sup> Contribuições das reuniões de orientação. Ainda estou verificando fontes que consideram esta variável em suas pesquisas.

análises antes de [t] e [tʃ], em coda medial e final, ou seja, são os resultados encontrados na análise do contexto variável.

Alguns informantes apresentam números bem diferentes. São percentuais que vão desde 6% a 94% de alveopalatais<sup>41</sup>. Dessa forma, alguns informantes apresentam muito mais variantes alveolares do que alveopalatais. Por conta disso, em função das características individuais, o fenômeno estudado pudesse receber algum tipo de influência. Sendo assim, a possibilidade de estudar o comportamento da variável, em um outro momento, seria melhor aproveitada e vista com maior cuidado.

Quadro 3.6 – Relação da quantidade de indivíduos analisados na pesquisa e porcentagem de uso da variante alveopalatal em contexto variável seguida de [t] ou [tʃ]

Nº	INDIVÍDUO	ESCOLARIDADE	SEXO/ GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	FREQUÊNCIA DE ALVEOPALATAIS
01	F	FUNDAMENTAL	F	I (14-25)	12/34=35,3%
02	Q	FUNDAMENTAL	F	II (26-49)	3/38= 6,8%
03	B	FUNDAMENTAL	F	II (26-49)	40/46=87,5%
04	T	FUNDAMENTAL	M	II (26-49)	41/50=82%
05	V	FUNDAMENTAL	F	III (50+)	17/24= 70,8%
06	Z	FUNDAMENTAL	F	III (50+)	65/71=91,5%
07	K	FUNDAMENTAL	M	III (50+)	15/25=60%
08	U	FUNDAMENTAL	F	III (50+)	19/19=100%
09	O	MÉDIO	F	I (14-25)	36/38=94,7%
10	D	MEDIO	M	I (14-25)	3/24= 12,5%
11	P	MÉDIO	M	I (14-25)	18/20=90%
12	W	MÉDIO	M	I (14-25)	6/12=50%
13	R	MÉDIO	F	II (26-49)	63/75=84,0%
14	G	MÉDIO	F	II (26-49)	57/63=90,5%
15	Y	MÉDIO	M	II (26-49)	43/54=79,6%
16	J	MÉDIO	M	II (26-49)	52/70=74,3%
17	M	SUPERIOR	F	III (50+)	46/57=80,7%
18	X	SUPERIOR	F	I (14-25)	70/77=90,9%
19	N	SUPERIOR	M	I (14-25)	40/83=48,2%
20	C	SUPERIOR	F	II (26-49)	3/42=7,1%
21	L	SUPERIOR	F	II (26-49)	13/41=31,7%
22	A	SUPERIOR	F	II (26-49)	17/18=94,4%
23	H	SUPERIOR	F	II (26-49)	58/63=92,1%
24	I	SUPERIOR	M	II (26-49)	37/83=44,6%
25	S	SUPERIOR	M	III (50+)	9/56=16,1%
TOTAL					783/1189= 65,9%

<sup>41</sup> Devo alertar que tenho ciência da existência de poucos dados por indivíduo nesta pesquisa aumentando a chance de erro por conta da quantidade de dados.

### 3.4.2.2. Variáveis linguísticas

#### 3.4.2.2.1. Contexto vocálico antecedente

Dividi este grupo em sete fatores, que corresponderiam às vogais orais do português. Foram elaborados assim:

Vogais coronais:

- Alta – [i] – p[i]sta - pista
- Média alta – [e] – d[e]ste - deste
- Média baixa – [ɛ] - f[ɛ]sta - festa

Vogais labiais:

- Alta – [u] – c[u]sto - custo
- Média alta – [o] – g[o]sto - gosto
- Média baixa – [ɔ] – m[ɔ]stro – mostro

Vogal dorsal:

- Baixa – [a] – p[a]sta

Nas primeiras hipóteses, previa que a ocorrência de alveopalatais pudesse ser influenciada por traços da vogal alta anterior [i], seguida pela média alta anterior [e]<sup>42</sup>. A característica [+alta] favoreceria a variante alveopalatal. Também considerava que a vogal baixa [a] pudesse favorecer, apesar do traço [+baixo], considerando os resultados de Brescancini (2003) sobre a posição mais recuada da língua na vogal mais baixa do PB.

Minimamente, acreditava que o traço [+alto] seria o mais favorecedor, englobando as vogais altas posteriores [u] e [o]. Então, as vogais mais altas seriam as de maior relevância estatística. Afinal, a alveopalatal também possui o traço [+alto]. Assim, havia a hipótese de que o principal processo envolvido seria o da assimilação. Inicialmente, o efeito do traço [+posterior] não nos chamou atenção, apesar da palatalização ser [-anterior].

---

<sup>42</sup> Veja os itens 4.1.2.1 e 4.1.2.2 com os traços presentes na variante alveolar e alveopalatal indicando as características semelhantes nos traços das variantes e vogais antecedentes a fim de que entenda a razão de levantar esta hipótese.

### 3.4.2.2.2. Contexto consonantal seguinte

Este grupo foi utilizado nas análises com 10 e 25 informantes. Dividi em sete fatores, porém, nas análises com 25 informantes, havia somente dois fatores, antes da oclusiva e da africada.

São eles:

- Final absoluto (pausa longa)
- Vogais
- Dorsais: [k, g, X, γ, h, fi]
- Coronais anteriores e não-anteriores: [d, s, z, ʃ, ʒ, l, n, p, Λ, r]
- Labiais: [p, b, m, f, v]
- Coronal anterior/oclusiva alveolar surda [t] – pis[t]a
- Coronal não-anterior/africada alveopalatal surda [tʃ] - linguís[tʃ]ica

A hipótese inicial foi elaborada a partir das primeiras impressões tomadas com base na assimilação de traços. Inicialmente, a variante alveopalatal ocorreria categoricamente seguida da africada, ou seja, antes de [tʃ] seria um contexto de invariância, em que as ocorrências seriam apenas de [ʃ]. Antes de [t] teria um contexto de variação com a ocorrência de [s] ou [ʃ]. Sendo assim, a variação só ocorreria diante de uma oclusiva alveolar. A hipótese não foi confirmada em relação ao contexto categórico dito acima, mas houve uma tendência para as africadas alveopalatais favorecendo a variante alveopalatal, como mostrarei mais adiante. Diante dos demais contextos consonantais /p/, /b/, /d/, /f/, /v/, /k/, /g/... e diante de pausa final não seguida por [t] ou [tʃ], as ocorrências seriam de alveolares [s] ou [z], a partir da sonoridade do contexto seguinte.

### 3.4.2.2.3. Categoria gramatical

Este grupo foi dividido em quatro fatores:

- Substantivo;
- Adjetivo;
- Verbo;
- Outras categorias;

A hipótese era de que as categorias de verbo e substantivo seriam consideradas como estatisticamente relevantes. Em estudos como de Hora (2003), o verbo e o substantivo, por conta da frequência, mostraram-se significativos.

#### **3.4.2.2.4. Tonicidade da sílaba**

Com relação à tonicidade da sílaba, dividi em três posições. Sendo o contexto bastante restrito, localizando-se em meio de palavra e em final seguido de /t/, acredito que a posição pós-tônica não seja favorecedora da palatalização por conta da frequência superior nas posições tônicas e pré-tônicas.

- Posição tônica;
- Posição pré-tônica;
- Posição pós-tônica.

Minha hipótese inicial era de que a posição tônica favoreceria a ocorrência das variantes palatais por conta da proposta de Brescancini (2003), que argumenta sobre a força articulatória para a produção da variante palatalizada, com os traços [-voz] e [+voz].

#### **3.4.2.2.5. Posição na palavra**

Inseri esta variável para que pudesse perceber e diferenciar os contextos que eram e os que não eram seguidos por /t/. Esta variável foi utilizada nas análises com 10 e 25 informantes. No entanto, com 25 informantes só dois fatores eram codificados, apenas medial e final antes de /t/. Por completo, está dividida em quatro fatores:

- Coda final;
- Coda medial;

#### **3.4.2.2.6. Traço do segmento seguinte**

Este grupo foi elaborado para controle dos traços [+voz] ou [-voz], apenas para controlar a sonoridade do segmento seguinte. Foi utilizado apenas nas análises com 10 informantes. Não havia necessidade de ser marcado nas análises com 25 informantes, por conta do contexto ser apenas surdo, antes de /t/. Por meio deste grupo, saberei a sonoridade do segmento seguinte, ou seja, quais as características de seu vozeamento, para uma visão de conjunto dos dados. Possui três fatores:

- Desvozeado;

- Vozeado;
- Ausência de segmento.

### 3.5. A estatística por trás do evento: o GoldVarb X e o R

Para realizar as análises sociolinguísticas, utilizei um programa do pacote Varbrul no tratamento estatístico dos dados, o Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2006).

O Varbul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes (GUY e ZILLES, 2007, p. 105).

O que significa dizer que o Goldvarb X realiza uma análise multivariada? Você deve se lembrar que foram levantados diversos grupos de fatores para compreender quais deles influenciam na alternância das variantes. O programa foi desenhado para realizar uma análise estatística que leva em consideração todas as variáveis independentes, tanto linguísticas quanto sociais, utilizadas em razão de uma variável dependente. Ele faz uma relação entre todas as variáveis para verificar, passo a passo, os fatores significativos na influência do processo linguístico. Guy & Zilles (2007), Naro (2012), Sankoff (1988), Scherre e Naro (2012) apresentam detalhes de como acontece a adição dos grupos de fatores até a significância estatística final.

Assim como existe o movimento para verificar a significância estatística dos grupos de fatores, também há um movimento inverso para que alguns grupos sejam eliminados, se não forem estatisticamente significativos para a influência no processo de escolha da variante (SANKOFF, 1988, p. 26). Assim, na comparação grupo a grupo, o programa tanto seleciona quanto elimina os grupos de fatores.

Segundo Guy & Zilles (2007, p. 100), o programa já “prevê a necessidade de uma análise multivariada, em que cada efeito de um fator [...] na análise é calculado enquanto são controlados, até o máximo possível, os outros fatores” (GUY & ZILLES, 2007, p. 100). Ainda conforme os autores, geralmente, os linguistas trabalham maximamente com cerca de 10 variáveis, por conta da sobreposição de fatores, pois à medida que as análises vão caminhando, a quantidade de fatores também pode diminuir, mas isso também não é uma regra. As possibilidades que o programa nos permite são grandes quando sabemos utilizá-las.

Para Naro, “as limitações são do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua” (NARO, 2012, p. 15).

Como produto da análise realizada pelo programa, há um resultado numérico que estão relacionados aos grupos de fatores que foram eleitos. Esse resultado numérico mede “o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. São valores projetados, denominados pesos relativos (SCHERRE & NARO, 2012, p. 161). Primeiro, são geradas as percentagens depois os pesos relativos e outras medidas estatísticas, que mostram se os grupos de fatores considerados possuem status de significativo depois da análise estatística (Op. cit.).

Para análise estatística dos casos de dúvida, utilizei a linguagem de programação R (R CORE TEAM, 2013), com um modelo simples de regressão linear utilizando testes estatísticos de variância a fim de verificar como acontece a interação entre as variáveis por meio da interface *RStudio*.

O R é uma linguagem de programação que pode ser utilizada para realizar computações gráficas e estatísticas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas (Gries, 2009b; Tagliamonte, 2011). O programa funciona através de uma interface textual em que se digitam e se executam linhas de comando, que podem ser salvas, adaptadas e reutilizadas posteriormente. Algumas de suas principais vantagens são o fato de ser gratuito, estar disponível para uma variedade de plataformas (Linux, MacOS, Windows) e permitir a customização de tarefas, sobretudo aquelas de caráter mecânico, repetitivo e previsível, em *scripts/códigos* criados previamente pelo próprio usuário ou por outros (OUSHIRO, 2015, p. 52).

Além da linguagem R, em se tratando das análises dos picos espectrais, fiz uso do programa Praat (BOERSMA & WEENINK, 2013). Por meio dele, aferi os espectrogramas, além de ter feito a identificação dos picos espectrais utilizando da transformada rápida de Fourier (FFT – Fast Fourier Transform). Este foi o critério que utilizei para verificar quais eram as variantes pronunciadas pelos informantes, categorizando em alveolares ou alveopalatais.

Nas considerações deste capítulo foram apresentadas as características da comunidade escolhida, bem como os passos utilizados para a formação da amostra. Descrevi os detalhes sobre a estratificação do banco de dados e apresentei as variáveis dependentes e independentes. Por fim, fiz algumas considerações acerca dos programas que foram utilizados para a análise estatística. No próximo capítulo, estará a descrição do fenômeno, em se tratando de suas características fonéticas e fonológicas.

## 4. A MOVIMENTAÇÃO: QUAIS OS TIMES EM CAMPO?

---

Olhar a língua, ou as línguas, sob esta multiplicidade de aspectos é uma dádiva. Analisar uma língua em sua intimidade é um privilégio. Esmiúçar as entranhas das formas linguísticas e sentir a sistematicidade que envolve línguas, dialetos e variedades, sem julgamento de valor, é de beleza ímpar e só pode fazer bem aos que têm essa possibilidade. Partilhar esse bem constitui mais do que um dever, é uma responsabilidade social, é uma questão de cidadania (SCHERRE, 2005, p. 10).

Neste capítulo, o trabalho é esmiúçar as entranhas do fenômeno em estudo e verificar qual a sistematicidade por trás das formas linguísticas. Para isso, mostrarei como se comporta o recorte da variação do /S/, ou seja, apresentarei melhor o contexto definido como sendo o mais relevante para a palatalização. A proposta é entender, acima de tudo, como se comporta a realização variável do /S/ antes do [t] ou [ʃ] e compreender como ela acontece na comunidade de Caravelas.

### 4.1. O envelope: times selecionados para o jogo

Vamos descobrir quem são os times que participarão do grande jogo. Obviamente, você já deve estar ansioso para saber com mais detalhes as características dos jogadores dos dois times envolvidos. Então, vamos nessa.

#### 4.1.1. Os sons linguísticos

Em qualquer língua temos a presença de vogais e consoantes que são caracterizadas conforme a movimentação de articulação, incluindo, por vezes, critérios acústicos (CAVALIERE, 2010, p. 63). E isso “resulta de um processo psíquico da parte de quem fala e quem ouve” (CÂMARA JR., 2002 [1970], p. 33).

Segundo Câmara Jr. (2002 [1970]), essa caracterização foi uma preocupação que se perpetuou durante muito tempo na Linguística, cujo estudo foi chamado de Fonética. Com alguns linguistas do fim do século XIX e início do século XX, deu-se um passo maior construindo o conceito de fonema.

“Na realidade física a emissão vocal é um contínuo, como assinalam quer os aparelhos acústicos, quer os aparelhos de registros articulatórios. Já se trata, pois, de uma primeira

abstração intuitiva do espírito humano em face da realidade física” (CÂMARA JR., 2002[1970], p. 33). Conforme Mattoso Câmara (op. cit.), no final do séc XIX e início do XX, com Baudouin de Courtenay (1845-1929), Ferdinand de Saussure (1859-1913) e Edward Sapir (1884-1939), criou-se, ao lado do som vocal elementar, o conceito de fonema (op. cit.).

Esse conceito parte do princípio doutrinário de que no som vocal elementar o que realmente interessa na comunicação linguística é um pequeno número de propriedades articulatórias e acústicas, ou traços (ing. *features*), e não todo o conjunto da emissão fônica. Esses traços, ditos distintivos, são os que servem para distinguir numa dada língua uns sons vocais elementares dos outros (CÂMARA JR., 2002 [1970], p. 33).

Sendo assim, cada fonema, ou cada unidade mínima, possui certos traços que o diferenciam de outras formas que não apresentam as mesmas propriedades, pois cada unidade, para se distinguir das demais, possui traços que a tornam significativa dentro da língua. Isto pode ser percebido, de maneira mais objetiva, nas palavras utilizadas como exemplo.

Ex: *vaca/faca*; *cala/fala*; *tala/bala*; *astro/castro*; *vela/velha*; e assim vai.

No caso de *vaca/faca*, a vibração das cordas vocais é que torna o /f/ diferente de /v/, por isso, posso dizer que as duas palavras são compostas por quatro fonemas. Três dos quatro fonemas são iguais. Apenas por causa do vozeamento de um deles, poderíamos relacionar à distintividade das palavras. Neste caso, a diferença fonética entre o /f/ e /v/ estaria somente relacionada à sonoridade, ou a vibração das cordas vocais, que acontece no momento em que /v/ é pronunciado.

Por exemplo, temos dois jogadores gêmeos idênticos e que também jogam na mesma posição, porém um é canhoto, e outro é destro. Como poderíamos diferenciar os dois jogadores a não ser pela característica de um ser destro e o outro canhoto? Assim também funciona com os fonemas, podemos diferenciá-los por conta de pequenos traços ou características que os tornam diferentes, mesmo que pareçam iguais inicialmente. E é essa propriedade distintiva que os torna importantes na língua, ou seja, quando são trocados ou eliminados mudam os sentidos das palavras.

Conseguiu entender? Bom, tentei tornar o mais simples possível para que pudesse compreender o conceito de fonema. Assim, os sons usados para realizar a distinção das palavras são chamados de fonemas pela Fonologia. Porém, nem todos os sons podem ser considerados como fonemas, por exemplo, no caso de [d]ia, uma oclusiva alveolar/dental sonora – som produzido

com a ponta da língua nos dentes, e [dʒ]ia, a africada alveopalatal sonora – som produzido com a língua tocando em parte dos alvéolos (região que fica acima dos dentes na cavidade bucal) e no palato duro, ou o céu da boca. Apesar de serem fones (sons) muito diferentes, não são usados para diferenciar palavras no português, então, não são fonemas (no PB), podem ser chamados de variantes ou alofones<sup>43</sup>.

#### 4.1.1.1. O arquifonema

Devo lembrar que “Cada língua tem os seus próprios fonemas, que são elementos fônicos dotados de função representativa no sistema” (CALLOU & LEITE, 2005, p. 42). A realização do fonema pode variar e, aos muitos sons que são a realização de um mesmo fonema, também chamamos de variantes, como já foi discutido acima. A variante apresenta-se como manifestação de uma unidade abstrata ou como a variante do padrão que representaria essa unidade (CALLOU & LEITE, 2005).

Para conceituar o arquifonema, devo retomar algumas propostas que partem do estruturalismo europeu. Segundo Callou e Leite (2005, p. 43),

Dentro do estruturalismo europeu, temos de lembrar ainda o conceito de neutralização, que não deve ser confundido com o de variação. Existe neutralização quando há uma supressão das oposições entre dois ou mais fonemas em determinados contextos, isto é, quando uma oposição é anulada ou neutralizada.

O conceito de neutralização está relacionado à perda de oposição dos fonemas entre si quando aparecem em um determinado contexto, o resultado disso foi popularizado como arquifonema (CÂMARA Jr, 2002 [1970], p. 52). “Neutralização significa a perda de contraste fonêmico. Quando isso acontece, usamos um símbolo representativo dessa perda de contrastividade, que é denominado de **arquifonema**” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 108, grifo das autoras).

---

<sup>43</sup> Relembro que os alofones são representados entre colchetes [ ], pois são usados quando se quer distinguir propriedades específicas de cada som. Diferencia-se da representação entre barras, pois quando usamos as barras queremos representar aspectos superiores, ou mais gerais, no nível mais abstrato dentro da língua, ou seja, sua capacidade de distinguir significados. Por exemplo, no caso do /s/, usamos para representar os casos de palavras como *assa* - /'asa/, *sapo* - /'sapu/, *próximo* - /'proximo/. Quando não temos o objetivo de indicar qual é o fonema, mas o som elementar com todas as suas características fonéticas utilizamos os colchetes (CÂMARA JR., 2002 [1970], p. 34).

“Em PB, exemplos de neutralização podem ser vistos entre os fonemas /s z ʃ ʒ/ em posição final de sílaba ou palavra, pois nessa posição os sons /s z ʃ ʒ/ perdem sua função distintiva” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 108).

Por exemplo, para as palavras *pasta* e *mesmo*, podemos realizar a pronúncia delas como ['pastɐ] ou ['paʃtɐ] e ['mezmo] ou ['mezmo]. Observe que, na posição final de sílaba, se fizermos a pronúncia dos fonemas /s z ʃ ʒ/ de maneira diferente, não há contraste de significado, ou seja, o significado da palavra não é alterado, nesses casos, há uma neutralização.

“Devemos buscar uma maneira de expressar este tipo de comportamento, ou seja, o fato de certos fonemas perderem o contraste fonêmico [...]. Para representarmos a consoante que ocorre em posição final de sílaba [...] utilizamos o símbolo /S/ o qual representa um arquifonema” (SILVA, 2009, p. 158).

Para marcar que existe a perda de contraste entre esses fonemas /s z ʃ ʒ/ em posição final de sílaba, ou seja, em coda silábica, usamos o arquifonema /S/ e, portanto, as palavras ‘gosta’ e ‘mesmo’ podem ser representadas usando a notação fonológica /'gɔStɑ/ e /'meSmo/ (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 108). Os quatro fonemas perdem a sua propriedade contrastiva em posição final e são representados pelo /S/ neste contexto (SILVA, 2009, p. 159).

Mattoso Câmara (2002 [1970], p. 52) nos diz que são quatro consoantes que podem ocorrer em posição pós-vocálica:

/S/ /N/ (/l/) /r/

Estes são os quatro arquifonemas encontrados no PB. O /S/ é um deles e serão vistos mais detalhes nas próximas seções.

#### **4.1.1.1.1. As fricativas: características gerais**

As fricativas são os sons produzidos com uma fricção quando ocorre a passagem da corrente de ar. Não chegando a produzir uma obstrução completa e sim parcial que causa a fricção (SILVA, 2009, p. 33). Existem aquelas que são produzidas antes da cavidade anterior, como /f, v/, por exemplo, as produzidas na cavidade anterior /s, z/, além daquelas que são produzidas em cavidades mais posteriores, como as alveopalatais /ʃ, ʒ/. Junto a isso, faz-se uma oposição

de sonoridade, entre surdas /s, ʃ, f/ e sonoras /v, ʒ, z/. Ainda são encontradas as fricativas que são variantes do /R/, as glotais e velares /h, ħ, X, ɣ/ dependendo da variedade onde aparecem.

Abaixo estão algumas das fricativas que podem ocorrer no início de sílaba em português:

alveolares: /s, z/ – ca/s/a, ca/z/a

alveopalatais: /ʃ, ʒ/ – cai/ʃ/a, ca/ʒ/á

labiodentais: /f, v/ – /f/aca, /v/aca

glotais: /h, ħ/ – /h/ita, ca/ħ/o

velares: /X, ɣ/ – /X/oupa, /ɣ/ústico

Conforme Callou & Leite (2005), são vários os contextos em que o /S/ pode aparecer: a) em posição final absoluta (luz); b) em final de palavra, diante de consoante (ás de espadas); c) em final de sílaba, no interior da palavra (espadas); d) em final de palavra, diante de vogal (lápiz azul).

Segundo Callou, Leite, e Moraes (2002, p. 554), a realização do /R/, determinada dialetalmente, vai de uma vibrante múltipla alveolar, não recorrente em coda, a um zero fonético quando na posição final de vocábulo. A possibilidade de variadas realizações pode ser encarada como um processo de enfraquecimento, levando até mesmo ao apagamento do segmento.

#### **4.1.2. O caso do /S/ em Caravelas: times selecionados para o jogo**

Nesta seção, farei a descrição fonética e fonológica do /S/, além de descrever as suas realizações dentro da variedade caravelense.

Quando das considerações fonéticas, quanto ao modo de articulação, as realizações do /S/ são fricativas. Já apontei que, para a produção das fricativas, o ar passa pela cavidade oral e, com a aproximação da língua perto dos alvéolos e do palato duro, acontece uma fricção, um ruído, que se trata de um efeito acústico, daí vem o seu nome.

“A fricativa mais comum é o s alveolar, cuja ocorrência é quase universal. Também bastante comuns são as fricativas labiais e as palato-alveolares” (SCHANE, 1975 [1973], p. 36).

No caso estudado aqui, o /S/ pode ser produzido como [s] ou [ʃ] dependendo do dialeto. Em Caravelas, a tendência para a ocorrência alveopalatal [ʃ] está no contexto medial da palavra e

aparecerá muito pouco em fronteira final. Todavia, mostrarei mais adiante que este contexto é importante para o entendimento do aumento e/ou diminuição da palatalização.

Observe os casos em que a variante palatalizada pode aparecer na variedade de Caravelas: *misto* – ['miʃto] ou ['misto]; *gosto* – ['goʃto] ou ['gosto]; em outros contextos como antes de consoantes sonoras ou de vogais, casos de *mesmo* – ['mezmʊ] e *desde* – ['dezdʒi] teremos a variante sonora [z]. O [ʒ] não acontece na posição de coda medial ou final das palavras, somente em início de palavras, onset silábico.

Utilizo os traços distintivos para a caracterização do fenômeno, a fim de conseguir distinguir as variantes de maneira mais abstrata. Apesar de ser um enfoque que teve início com o Círculo Linguístico de Praga, com a divisão de Fonética e Fonologia, foi através da Fonologia Gerativa que a ideia de traços distintivos ganhou um importante papel.

Trubetzkoy e alguns outros do Círculo Linguístico de Praga se dedicaram à classificação dos sons em termos de suas oposições fonológicas. No entanto, foi com a publicação dos trabalhos de Jakobson, Fant e Halle (1961), que parte da caracterização acústica dos sons, e Chomsky e Halle (1968), com base articulatória, que construiu-se uma abordagem para dar conta de todas as oposições (CALLOU & LEITE, 2005, p. 40).

Para Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 133), a escolha dos traços distintivos deve respeitar os critérios de (i) terem base fonética; (ii) distinguirem diferenças entre segmentos de línguas diferentes, apesar de não aparecerem em conjunto; (iii) compreenderem os principais alofones de uma língua; (iv) apresentarem os contrastes suficientes para as oposições dentro de uma língua; e (v) compartilharem os traços fonéticos dos segmentos que sofrem os mesmos processos fonológicos.

Segundo Schane (1975), os principais traços de classe são silábico, soante e consonantal. O traço [silábico] caracteriza o papel desempenhado por um fonema na estrutura da sílaba. As vogais são [+silábicas], enquanto as consoantes são [-silábicas]. O traço [soante] se refere à qualidade de ressonância de um som, as vogais, nasais, líquidas e semivogais são [+soantes], enquanto as oclusivas, fricativas, africadas e glides laríngeos são [-soantes]. As oclusivas, fricativas, africadas, nasais e líquidas são [+consonantais], vogais e semivogais são [-consonantais].

Para os traços de cavidade, temos: coronal e anterior. Dentro dos traços de cavidade, temos os traços de corpo da língua: alto; baixo; recuado e arredondado. E para as aberturas secundárias,

temos: nasal e lateral. Quanto aos traços de modo de articulação, temos: contínuo; soltura retardada e tenso. Em relação aos traços de fonte: vozeado e estridente (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 133-134).

Demandaria tempo explicar traço por traço, por isso a descrição será apenas das variantes estudadas. Apesar de mencionar a neutralização do arquifonema, que acontece em final de sílaba, não me detive às considerações apontadas pela escola estruturalista. Penso que seria melhor explorar a descrição das variantes a partir da Fonologia Gerativa, por considerar mais simples a abstração.

#### 4.1.2.1. O time das alveolares: [s] Futebol Clube

Farei as descrições relacionadas aos traços do [s]. Seguirei as recomendações de Schane (1975) para a classificação dos traços, no entanto, adoto alguns outros pontos por pensar que sejam mais simples para caracterização das diferenças entre as variantes que aparecem na pesquisa. Vamos para os traços distintivos do [s]:

- [s]:
  - [+consonantal]
  - [+contínuo]
  - [+estridente]
  - [+anterior]
  - [+coronal]
  - [-alto]
  - [-sonoro]

Quanto aos principais traços de classe, temos o traço [+consonantal] indicando que há uma constrição no trato vocal, há algum tipo de obstrução no momento de pronúncia da variante, definindo que se trata de uma consoante, pois para a produção de vogais não há obstrução. Em se tratando do modo de articulação, o traço [+contínuo] indica que a constrição no trato vocal permite a passagem do ar durante toda a produção do fonema, não ocorre bloqueio completo pela cavidade oral. Em seguida, está o traço [+estridente], que são os segmentos produzidos com maior quantidade de ruído, este traço se restringe às fricativas e africadas.

Quanto ao ponto de articulação, o traço [+anterior] significa que a obstrução é realizada em uma região anterior à região alveopalatal, ou seja, o som é pronunciado com obstrução um pouco acima dos dentes, que seria a parte mais extrema da cavidade oral. Para Schane (1975,

p. 52), o traço [anterior] não é bem fundamentado foneticamente. Segundo o autor, a denominação de “parte anterior da cavidade oral” é vaga e arbitrária. Penso que este traço consegue dar conta da descrição porque consigo realizar uma distinção entre a realização alveolar e a alveopalatal.

O traço [+coronal] significa a produção com o ápice ou a lâmina da língua elevada um pouco acima da posição neutra, na região que fica atrás dos dentes incisivos superiores, entre os alvéolos e o palato duro. Em relação à posição da língua, o traço [-alto] significa que a língua se mantém em uma posição um pouco acima da posição neutra, mas o corpo da língua não é elevado. O traço [-sonoro] significa que não há vibração das cordas vocais.

Esses são os traços que penso ser suficientes para que possam ser realizadas as descrições e as diferenças entre as alveolares e palatais. Em seguida estarão os traços distintivos relacionados à realização palatalizada.

#### **4.1.2.2. O time das alveopalatais: [ʃ] Esporte Clube da Bahia**

Agora, os traços distintivos que são característicos do time das alveopalatais. Alguns traços se repetem por causa da similaridade dos times: são times bem equilibrados. As características que se repetem não serão detalhadas, pois preferi expor as diferenças entre eles.

- [ʃ]:
  - [+consonantal]
  - [+contínuo]
  - [+estridente]
  - [-anterior]
  - [+coronal]
  - [+alto]
  - [-sonoro]

Estou falando de duas realizações de um arquifonema. Logicamente, alguns traços se repetiriam, no entanto, alguns deles não aparecem no outro segmento, são os traços [-anterior] e [+alto]. O traço [+alto] está relacionado à elevação da língua, significa que o segmento é produzido com o levantamento do corpo da língua acima da posição neutra. A parte medial da língua toca no palato duro.

O traço [-anterior] se dá por conta da região no trato em que a obstrução é realizada, está acima da região alveolar, no palato duro. Essas são as diferenças entre os segmentos do jogo. Acho

que seria mais claro apresentando cada traço a fim de que você pudesse perceber mais facilmente por meios deles as diferenças entre as duas realizações, bem como as tendências de ocorrência nos traços das vogais precedentes e consoante seguinte.

Dessa forma, os traços nos ajudam a identificar as propriedades fonéticas dos segmentos como sendo o [s] uma consoante fricativa alveolar surda, e o [ʃ], uma consoante fricativa alveopalatal surda.

Conseguiu perceber a diferença entre os dois times? Nesse caso, apresentarei apenas essas duas variantes do /S/, pois a preocupação está voltada para o processo de palatalização do [s] em [ʃ]. Sendo assim, o traço [+anterior] pode se tornar [-anterior] quando a variante aparece antes de /t/. Esta seria a diferença que considero ser a mais importante, o fato da variante alveolar ser [+anterior] e a palatalizada ser [-anterior], obviamente, também devo lembrar do traço [-alto] da variante alveolar e [+alto] da variante palatalizada.

#### **4.1.2.3. O contexto das jogadas: o ambiente dos times**

Há uma tendência para o contexto de variação se limitar à coda silábica na parte medial da palavra, no meio da palavra e não em final absoluto, a não ser que esteja seguida por um /t/.

Os traços do [t] são [+anterior] e [+coronal], estas características tenderiam a favorecer a variante [s] por também compartilhá-los. Então, teoricamente, haveria um processo de assimilação. A assimilação acontece quando um segmento passa a assumir os traços daquele que lhe está próximo. Porém, temos a variação com um segmento [-anterior]. Bom, ainda preciso mostrar os motivos para a variação. Sendo assim, descreverei as propriedades do contexto fonológico em que a variação ocorre<sup>44</sup>.

Como dito, a variação acontece em um contexto fonológico bastante específico, somente antes do [t] ou [ʃ]. Vejamos alguns traços do [ʃ], que são:

[-anterior]

[+coronal]

[+alto]

[+metástase retardada]

No caso do [ʃ], estou falando de uma africada. Sendo assim, o traço [+metástase retardada] é usado para diferenciá-la das oclusivas, ou plosivas, e é assim porque o trato vocal se abre

---

<sup>44</sup> Acompanhe a síntese de traços presentes no Quadro 3.9, na página 103.

gradualmente para produzi-las. “Embora tanto as oclusivas como as africadas comecem com uma oclusão total, a metástase se realiza de forma diversa. As africadas apresentam uma metástase retardada [...]; a metástase das oclusivas é instantânea [...]” (SCHANE, 1975, p. 50). As africadas são produzidas com uma oclusão inicial seguida de soltura ou explosão – metástase, diferente do [t], mostrado mais adiante. Os demais traços já foram apontados anteriormente.

No PB, em boa parte das variedades, o [tʃ] só aparece diante da vogal alta anterior [i]. Em Caravelas, temos uma distribuição complementar, ou seja, onde o [t] aparece o [tʃ] não aparece. Por exemplo, nas palavras *tia* e *tinha* não aparece o [t] alveolar/dental, elas serão produzidas como [ˈtʃiɐ] e [ˈtʃiɲɐ], o que não acontece em algumas variedades nordestinas que podem produzir como [ˈtiɐ] e [ˈtiɲɐ], com a oclusiva alveolar/dental. Nos traços do [t], perceba que alguns deles, assim como no [tʃ], também aparecem nas duas realizações do /S/.

Os traços de [t] são:

- [+anterior]
- [+coronal]
- [-alto]
- [-metástase retardada]

As diferenças entre [t] e [tʃ] se dão entre os traços [+anterior] e [-anterior], [+alto] e [-alto]. Isso será refletido nos dados quando uma frequência de variantes acontecer, especificamente, antes de cada segmento. Adiantando, o [t] é o contexto onde ocorre, em termos de frequência percentual, mais a variante alveolar, e no outro contexto, o [tʃ], são encontradas frequências maiores da variante palatalizada. Logo, as frequências percentuais de cada variante podem ser atribuídas também por conta de contextos fonológicos favorecedores.

Em Caravelas, a variação acontece no meio da palavra. Para isso, trago alguns exemplos de coda silábica dentro da palavra, ou em posição medial, e em fronteira final não absoluta. Seriam casos como:

- (03) GIL33FEM - não... acho que precisa... toda cidade precisa melhorar na nossa [baʃˈtãʃi]... ah acho que precisa na área de saúde
- (04) DIN76FEF - alí da da da rodoviária que alí era a antiga [eʃtaˈsãw]
- (05) JAN37MEM - o que eu [ˈgɔʃtu] na cidade até hoje ainda é a:...
- (06) ELI37FES - tenho [ˈsejʃ] três homens e três mulheres

Em contextos de fronteira de palavra, ou seja, no final da palavra, a não ser que esteja precedida por um [t] ou [ʃ], não ocorre a variante alveopalatal [ʃ]. Por exemplo:

(07) DOR34MES - se for parar pra analisar é muito ['mais] complicado

(08) JAN37MEM - uma cidade:: não ['tãtus] conhecem né...

Por palatalização, chamarei a transformação do [s] em [ʃ], pois, quando na coda silábica medial, a variante adquire o traço [-anterior] no momento de sua produção, além desse movimento de retração da língua também há sua elevação em direção ao palato duro.

Nas primeiras análises, com apenas 04 informantes, as alveolares, em termos de frequência percentual, já alcançavam maior número em indivíduos de faixa etária mais jovem e grau de escolaridade mais elevado, com 40% e 40,8% respectivamente (cf. LIMA, 2015), no contexto variável. Poderia atribuir a fatores extralinguísticos a motivação das ocorrências alveolares, assim como para as alveopalatais. Porém, o contexto seguido de /t/, e em coda medial, é o único em que as ocorrências palatalizadas acontecem em maior número.

Para falar da posição medial e da variação consonântica no português, Mota (2002) utiliza Silva (2009) que lembra das particularidades que podem ser encontradas no Nordeste.

A particularidade dialetal de Recife (e outras regiões do Nordeste) é marcada quando o s ortográfico ocorre em limite de sílaba seguido de uma das consoantes alveolares: [t, d, n, l]. Neste caso a fricativa alveopalatal – [ʃ] ou [ʒ] – ocorre. [...]

Assim, entre falantes do dialeto de Recife o s ortográfico se manifesta como [s] ou [z] em limite de sílaba quando a consoante seguinte não for alveolar (cf. ‘aspa, casca, rasga, asma’). Quando a consoante que segue o s ortográfico for alveolar (ou seja, um dos segmentos [t, d, n, l] temos então [ʃ] ou [ʒ] dependendo do vozeamento da consoante seguinte (cf. ‘vasta, asno’) (SILVA, 2009, p. 53)

Diferente de outros estados do Nordeste, em Caravelas não é encontrada nem mesmo a alveopalatal sonora em coda silábica, só temos as variantes alveolares surdas e sonoras a depender do contexto seguinte.

Conforme os dados, apenas uma variante palatalizada aparece em contexto medial, a surda. Quando seguida por uma oclusiva alveolar/dental sonora é encontrada uma alveolar sonora. Dessa forma, em casos como ‘desde’ - ['dezdzɨ], normalmente não é encontrada a fricativa alveopalatal sonora e sim uma fricativa alveolar sonora.

## 4.2. A revisão dos jogos anteriores

Quando falo de revisão dos jogos anteriores, quero dizer que são os jogos acontecidos em outras variedades do português brasileiro, que não a caravelense. Começarei pelos jogos no Sul do Brasil.

Para o Sul, vou mostrar apenas um dos trabalhos realizados por Cláudia Brescancini (2003), em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Neste momento, abordarei os principais resultados das variáveis linguísticas da pesquisa publicada em 2003.

As entrevistas utilizadas no trabalho da referida pesquisadora são provenientes do banco de dados Projeto Varsul (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), com 48 informantes residentes na região urbana do município e 52 residentes nas regiões interioranas<sup>45</sup>, com total de 25.434 ocorrências de /S/ em posição de coda. Brescancini (2003) definiu, quanto à variável dependente determinada em relação à palatalização da fricativa, as seguintes variantes:

Fricativa Alveolar	[s, z]
Fricativa Palato-Alveolar	[ʃ, ʒ]
Fricativa Glotal	[h, h̥]
Zero Fonético	∅

Brescancini (2003) aponta que a realização palato-alveolar do /S/ é predominante no dialeto de Florianópolis. Em se tratando de um trabalho de vertente variacionista, todas as variáveis linguísticas se mostraram estatisticamente relevantes para a realização da variante alveopalatal.

Como fator mais favorecedor, temos o contexto seguinte [-voz]. A autora justifica que consoantes [-voz], produzidas com maior esforço que as consoantes [+voz], têm mais chances de sofrerem processo de palatalização, de maneira geral, produzido com maior energia no momento da articulação.

A segunda variável mais relevante seria o contexto precedente, especificamente, a vogal /a/, pois seria mais elevada e mais recuada na variedade de Florianópolis, além das vogais labiais

---

<sup>45</sup> São três regiões do município de Florianópolis: centro urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa – distritos influenciados pela imigração açoriana e madeirense iniciada em 1748 (BRESCANCINI, 2003).

também mais recuadas e, conseqüentemente, favorecedoras. Quanto aos contextos vocálicos coronais, apresentam-se menos significativos.

De maneira mais ampla, para Brescancini (2003), os contextos que promovem a retração do corpo da língua e o levantamento dela favorecem a produção palato-alveolar. As sílabas pretônicas são mais indutoras do que as sílabas tônicas quando o /S/ assimila o traço [-voz] de um contexto forte seguinte. E a posição medial como maior favorecedora para a disposição da fricativa na palavra.

Apesar de termos um exemplo de variação que abarque uma gama maior de variantes do /S/, algumas considerações são semelhantes em Caravelas. Claro, apesar de mais específico, de modo geral, estou falando do mesmo fenômeno. Os resultados encontrados em Caravelas mostraram as semelhanças com outras variedades do PB, o que me deixa feliz, pois, certamente, conseguirei realizar algumas propostas de generalização acerca do fenômeno, pelo menos no que diz respeito às variáveis selecionadas neste e em outros trabalhos.

Para o Sudeste, há o trabalho de Alzira de Macedo e Marta Scherre, no Rio de Janeiro, com dados oriundos do *Corpus Censo*, com 64 falantes, gravados pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). No Rio de Janeiro, assim como em outras comunidades pesquisadas, a posição do /S/ no meio de palavra favorece o aparecimento da variante alveopalatal quando em posição tônica em polissílabos não oxítonos, e em polissílabos não paroxítonos.

Para as autoras, “o sistema tende a bloquear as variantes zero e a aspirada na posição medial, mesmo em palavras em que a alternância não acarretaria mudança de significado” (SCHERRE & MACEDO, 2000, p. 59). Sendo assim, naturalmente, as variantes zero teriam menor possibilidade de aparecerem na posição medial.

Quanto à classe gramatical, as alveopalatais ocorrem com classes que tendem a resistir a processos de enfraquecimento ou de cancelamento, seriam o substantivo próprio, substantivo comum, numeral e verbos. Quanto ao contexto vocálico precedente, os traços [+alto] e [+anterior] tendem a provocar taxas mais altas de palatalização, segundo as autoras, existe uma correlação entre estes traços e o traço [+alto] da alveopalatal, evidenciando um processo assimilatório.

No Nordeste, em Recife, Macedo (2004) estuda a palatalização no falar culto recifense. Seu *corpus* foi constituído por 12 inquéritos do projeto NURC<sup>46</sup> – Recife. Em sua pesquisa, a autora aponta que a variável sexo se mostra ser a mais significativa para favorecimento da produção alveopalatal na capital pernambucana com predominância das mulheres. Uma das variáveis linguísticas selecionadas foi o contexto fonológico seguinte com mais influência dos segmentos coronais na realização palatalizada.

O traço [-voz] do contexto seguinte fonológico seguinte se mostrou como o que mais favorece a ocorrência palatalizada. Quanto à posição da sílaba, a coda medial também se mostra estatisticamente relevante para a palatalização.

No trabalho de Hora (2003), em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, com relação às variáveis sociais, foram selecionadas a faixa etária e os anos de escolarização. Os resultados de Hora (2003) indicam que há uma equivalência nas tendências, pois foram encontrados níveis de significância similares para duas faixas etárias, entre os mais jovens e os mais velhos. Os da faixa intermediária favorecem ligeiramente a palatalização em relação à tendência similar das outras duas faixas etárias.

Para os anos de escolarização, segundo Hora (2003), os universitários são responsáveis pela inibição da variante palatalizada com peso de (0.43), enquanto que indivíduos com menor nível de escolarização favorecem a palatalização. Conforme o autor, à medida que os anos de escolarização aumentam diminui a aplicação da regra de palatalização, muito embora a variável não apresente efeitos muito fortes.

Quanto às restrições linguísticas, os resultados de Hora (2003) mostram que o contexto fonológico seguinte se mostra como o mais significativo de todas as restrições: as coronais [t] e [d] se revelam como fortes favorecedoras para a palatalização das fricativas /s, z/; ao passo que as dorsais e labiais a desfavorecem. Segundo o autor, isso permite concluir que estão diante de um processo dissimilatório, mas que seria analisado posteriormente. Em João Pessoa, a palatais [ʃ] e [ʒ] parecem estar em quase distribuição complementar, pois, segundo Hora (2003, p. 82), estão fortemente condicionadas ao aparecimento de [t] e [d] seguintes.

Por último, a categoria gramatical foi selecionada como estatisticamente relevante, sendo os verbos um pouco mais favorecedores da palatalização. Para Hora (2003), o verbo é a categoria mais favorável para a palatalização pelo fato de também algumas formas verbais serem mais

---

<sup>46</sup> O Projeto Norma Urbana Culta (NURC) levantou dados de fala de informantes com Ensino Superior de cinco capitais brasileiras: São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre.

frequentes no *corpus*, verbos como ‘estar’, existir’ e ‘estudar’. O autor apoia-se na ideia de que itens menos frequentes são os que mais resistem às mudanças foneticamente motivadas.

No Norte do Brasil, em Macapá, no estado de Amapá, apresento o trabalho de Monteiro (2009). O *corpus* foi coletado do Projeto Vozes do Amapá, que é constituído por 35 informantes. A produção alveopalatal também é superior à alveolar. As mulheres também utilizam mais as variantes alveopalatais.

A variável posição da fricativa na palavra não foi selecionada como estatisticamente significativa. Como contexto consonantal seguinte, as consoantes dorsais e coronais tendem a favorecer a palatalização. Em Macapá, os falantes mais jovens favorecem a produção alveopalatal, enquanto que os falantes mais velhos a inibem.

Por último, apresento os resultados de Callou, Leite & Moraes (2002), cujos dados foram extraídos do *corpus* do projeto NURC, com 9026 ocorrências de /S/. Os falantes foram estratificados por idade, sexo e origem geográfica. Para as cinco capitais, com dados apenas em posição medial, o sexo e a faixa etária se mostraram relevantes estatisticamente. No Rio de Janeiro, há altos índices de palatalização, por volta de 90%. Em tempo aparente, há uma curva de mudança no sentido de perda da regra. Em Recife, os resultados apresentam um padrão de curva de variação estável, também com altos índices de palatalização, 85%, onde homens e mulheres mostram uma extrema polarização.

Os dados de Salvador revelam que há um equilíbrio da realização palatalizada e alveolar, 53%, com uma curva de mudança em favor da palatalização. Nos dialetos do Sul, a realização alveolar predomina, a palatalização em Porto Alegre ocorre em 23%, e em São Paulo é insignificante, com 09%. Em SP, a palatalização ocorre apenas entre os homens com mais de 56 anos. Em Porto Alegre, há um contraste entre homens e mulheres: as mulheres da segunda faixa apresentam a variante palatalizada quase categoricamente, e os homens, a alveolar.

Callou, Leite & Moraes (2002) concluem afirmando que a palatalização parece se tratar de um caso de mudança que dependeria diretamente da imitação de uma pronúncia supostamente de prestígio, comportando-se de maneira diversa, não se sujeitando a tendências universais.

Bom, estou encerrando este capítulo e, no próximo, vou analisar os resultados. Finalmente, vou apresentar com mais detalhes o que realmente acontece na variação em Caravelas. Discuto quais as variáveis foram as mais relevantes estatisticamente, assim como relaciono quais delas não

foram selecionadas. Fique ligado! Logo mais você saberá em detalhes o que realmente está acontecendo em Caravelas.

## 5. VENDO OS RESULTADOS: AS DISCUSSÕES E COMENTÁRIOS SOBRE O JOGO

---

Neste capítulo, farei as discussões acerca dos resultados do jogo entre alveolares e alveopalatais. Agora iniciarei os “bate-bolas” sobre a variação em Caravelas, trata-se de uma das partes mais interessantes do campeonato visto nesta pesquisa. Aplicarei a teoria na qual esta pesquisa está baseada na tentativa de fazer com que você perceba melhor como foi o desenrolar das jogadas de cada time. Depois dos resultados gerais, discutirei novamente as hipóteses do primeiro capítulo. Alguns deles se tornaram bastante interessantes.

Fique atento aos resultados. Primeiro, farei a exposição dos resultados gerais acerca do comportamento de todos os times, as variantes que podem ser encontradas no campeonato com base na fala de 10 informantes, observando todos os contextos de segmento seguinte. Havia descrito somente dois times, no entanto, terei de acrescentar mais um, o Esporte Clube das Aspiradas. As variantes aspiradas do /S/ são produzidas depois do véu palatino. São as variantes que podem ser encontradas na palavra *mesmo* – [ˈmehmʊ], *castigo* – [kahˈtigu] etc. Se preferir, pode voltar à página 71 e conferir com mais detalhes as características das variantes. As aspiradas foram inseridas apenas nas análises gerais, em todos os contextos, não somente antes de /t/.

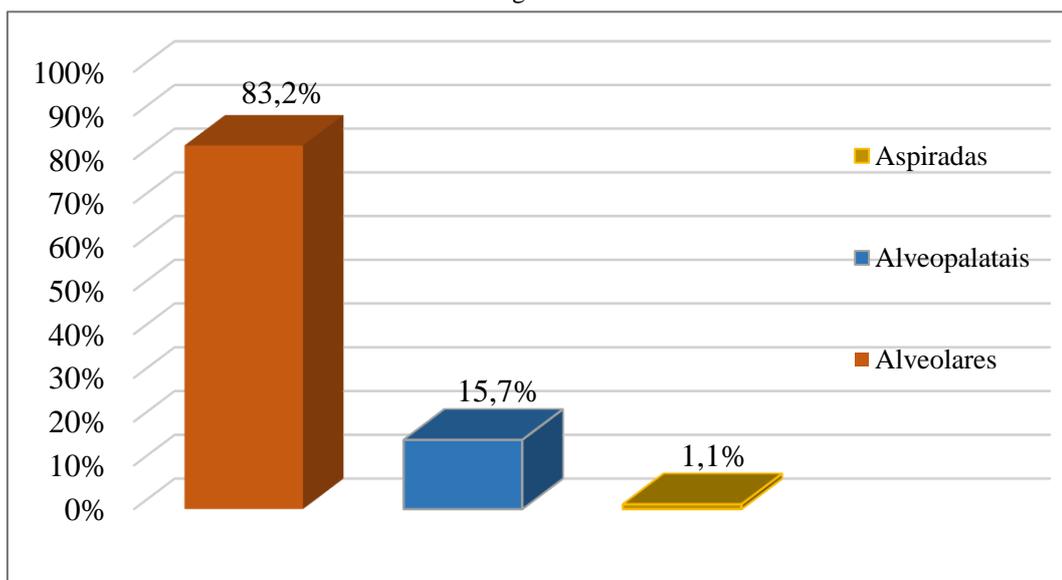
Então, para os resultados gerais, temos três times: as alveolares, as alveopalatais e as aspiradas. Em seguida, mostrarei as análises percentuais de cada time. São os aspectos mais gerais para que depois você possa perceber o campo de ação das variantes palatalizadas, a que contexto elas ficaram restritas na variedade caravelense. Depois dos resultados gerais, mostrarei os resultados de 25 informantes nos contextos de variação, ou seja, com [t] e [ʃ] seguintes em coda medial e final.

Acredito que os resultados deste estudo são bastante interessantes. Sendo assim, adianto que vocês encontrarão, neste capítulo, propostas polêmicas de análise e interpretação, pois serão feitas discussões a fim de se entender como acontece o encaixamento linguístico e social da variação na comunidade caravelense.

### 5.1. Dos resultados gerais: a quantas andam as fricativas em coda na variedade caravelense

Dos três times, as alveolares têm o elenco mais forte. Em relação às alveopalatais, possuem um campo de ação bem maior, tendo em vista o maior número de jogadores e de contextos em que atua. Observe, no Gráfico 5.1, como são bem mais presentes do que os demais times na variedade caravelense:

Gráfico 5.1 – Distribuição geral de /S/ na amostra com 10 informantes em todos os contextos seguintes



Como se pode perceber, as alveolares são as variantes de maior frequência na variedade de Caravelas. Porém, bravamente, resistem as alveopalatais. O contexto restrito mostra que, talvez, tenham perdido<sup>47</sup> terreno em relação às alveolares. No entanto, não tenho dados para afirmar tal fato, são apenas especulações. Comento, pois quero que tenha ciência dos pouquíssimos registros sobre a cidade de Caravelas, bem como sobre o seu desenvolvimento do ponto de vista histórico. Na Tabela 1.1, constam os resultados sobre a predominância de alveolares no vernáculo caravelense.

<sup>47</sup> Estas são conjecturas foram elaboradas tendo em vista que em algum momento, na variedade caravelense, a variante palatizada já tenha sido uma norma. No entanto, não posso afirmar por conta da falta de documentos sobre as pessoas que aportaram ou se estabeleceram na cidade.

Tabela 1.1 – Distribuição geral das ocorrências de /S/ na amostra com 10 informantes em todos os contextos seguintes

<b>Variante</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de Ocorrências</b>
Alveopalatais	15,7%	147
Alveolares	83,2%	780
Aspiradas	1,1%	10
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>937</b>

Agora, como disse antes, no capítulo 04, onde estão as considerações sobre a metodologia, vou mostrar como cheguei a esses resultados. Primeiro, já havia percebido a predominância de alveolares sobre as alveopalatais em Caravelas. Porém, precisaria realizar um levantamento de todos os casos de /S/ em coda, não apenas diante de /t/. Então, fiz uma amostra de todos os casos.

Devo lembrá-lo: são 10 informantes dos 25 utilizados nesta pesquisa. Sendo assim, o objetivo foi mostrar que não seria necessário estudar mais a fundo todos os outros contextos. As alveolares aparecem em todos os ambientes de coda silábica e comandam decisivamente alguns deles. Por isso, optei por estudar apenas os contextos seguidos de [t] e [ʃ], tanto em coda medial quanto final.

No momento de codificação para a análise, ponderei que seria necessário abordar da maneira mais abrangente possível os ambientes em que poderiam aparecer as alveopalatais. Marquei todos os ambientes mediais e finais seguidos da maior parte dos segmentos, assim como do final absoluto, ou seja, seguido de pausa longa.

Veja, conforme exposto na Tabela 1.2, os contextos marcados no momento da codificação, para que pudesse enxergar nitidamente onde estão presentes as alveopalatais. Confirma-se totalmente o contexto em que elas aparecem, o ambiente restrito é melhor delineado quando são vistos os contextos invariantes. No Quadro 3.7, a categoricidade das alveolares nos contextos seguintes, que não são seguidos de [t] ou [ʃ], exige que me volte para os resultados dos contextos de variação.

Fique tranquilo, não estou manipulando os dados, apenas demonstro que os contextos de maior força das alveolares são categóricos em alguns casos, e semicategóricos em outros. Na Tabela 1.2 mostrarei os fatores que constavam na análise, nela estarão os fatores, o número de ocorrências e a frequência.

Tabela 1.2 – Distribuição geral das ocorrências de /S/ em função do contexto seguinte com 10 informantes

Contexto seguinte	Variantes			Frequência
	Alveopalatais	Alveolares	Aspiradas	Total
Final absoluto (Pausa longa)	0,0% 0	100% 109	0,0% 0	11,6% 109
Vogais	0,0% 0	100% 150	0,0% 0	16,0% 150
Dorsais [k, g, X, γ, h, fi]	0,0% 0	100% 138	0,0% 0	14,7% 138
Coronais/Anteriores [d, s, z, ʃ, ʒ, l, n, p, Λ, r]	0,0% 0	99,3% 138	0,7% 1	14,9% 139
Labiais [p, b, m, f, v]	0,0% 0	94,9% 150	5,1% 8	16,9% 158
[t]	60,5% 133	39,5% 87	0,0% 0	23,5% 220
[tʃ]	63,6% 14	31,8% 7	4,5% 1	2,3% 22
<b>Total por variantes</b>	15,8% 147	83,1% 780	1,1% 10	100% 937

As alveolares estão liderando os contextos em coda na variedade caravelense. Isto fica fácil de perceber por meio dos resultados da Tabela 1.2. Antes de consoantes dorsais [k, g, h, X...], vogais e final absoluto, além da pausa longa, há a ocorrência categórica de alveolares que, dependendo do vozeamento do contexto seguinte, será surda ou sonora. Fica bastante clara, quando trago os dados e números sobre a variedade caravelense, a maior ocorrência das alveolares. Além disso, perceba que, na Tabela 1.2, retirei do grupo de coronais o fonema /t/, em suas duas variantes, a oclusiva [t] e a africada [tʃ].

Como os únicos contextos em que aparecem as alveopalatais são antes desses segmentos, dividi as variantes para que tivesse ideia da distribuição geral entre os contextos. Trata-se de cerca de 25% dos casos gerais de /S/ em coda. Mesmo assim, cerca de 38% desse total são casos de alveolares.

Acredito que, por enquanto, não haverá um espraiamento para outros contextos da variante palatalizada, tendo em vista a força que possuem as alveolares. No entanto, são apenas conjecturas que devem ser comprovadas. Sendo assim, continuo com a proposta de polemizar um pouco a respeito dos resultados encontrados na pesquisa em Caravelas.

Os contextos do Quadro 3.7 foram descritos anteriormente. Tenho certeza de que não há necessidade de voltar a esses detalhes. Faltam algumas explicações a respeito do caso das aspiradas. A maioria deles acontece antes do segmento [m]. Basicamente em um item lexical

específico: ['mehmʊ]. Não controlei o item lexical, mas as ocorrências foram recorrentes. Relato um caso que foi bastante interessante, uma ocorrência de aspirada na fala da informante W. A informante produziu [kah'ʧiɡʊ], sendo o único caso de aspirada antes de /t/, dos 10 casos encontrados, além disso, 30% dos casos encontrados são dessa mesma informante.

A partir dos resultados, posso voltar à proposta de Labov (2003), como mostrei no Quadro 3.1, na formulação das regras categóricas, semicategóricas e variáveis. No Quadro 3.7, vejam os contextos que se encaixam nas respectivas regras.

Quadro 3.7 – Classificação dos contextos em função da natureza do contexto seguinte nos termos de tipo de regras segundo Labov (2003, p. 241-243)

<b>Contexto seguinte</b>	<b>Tipo do contexto</b>	<b>Variante dominante</b>
Final absoluto (Pausa longa)	Categórico	Alveolar: 100%
Vogais	Categórico	Alveolar: 100%
Dorsal [k, g, h]...	Categórico	Alveolar: 100%
Coronal/Anteriores [d, l, n]...	Semicategórico	Alveolar: 99,3%
Labiais [p, b, m, f, v]	Variável, no limite superior/semicategórico	Alveolar: 94,9%
[t]	Variável	Alveopalatal: 60,5%
[ʧ]	Variável	Alveopalatal: 63,6%

Perceba que não há dúvida acerca da predominância de alveolares na variedade caravelense. O único contexto variável está antes de /t/, dividido em dois fatores: a oclusiva [t] e a africada [ʧ]. Em razão disso, as análises foram voltadas para este contexto variável. Quero saber como é o comportamento das variáveis independentes na variedade caravelense somente neste contexto, o único realmente variável do ponto de vista laboviano. Em outras palavras, é o único contexto em que opera o que a Teoria da Variação e da Mudança Linguística nomeou em seus momentos iniciais de regras variáveis.

Sempre que a escolha entre duas (ou mais) alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho linguístico, e sempre que esta escolha puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer a noções e métodos estatísticos conhecidos pelos estudiosos de variação linguística como regras variáveis (SANKOFF, 1988, p. 1).

Sendo assim, o estudo das regras variáveis permite que entendamos, a partir dos resultados estatísticos, a alternância das escolhas feitas no momento do desempenho linguístico. Permite

compreender como os fatores contribuem a favor ou contra a ocorrência de determinada variante, como apontado anteriormente no item 3.5 quando mencionei sobre a estatística utilizada para a análise linguística.

## 5.2. Revisitando as hipóteses do técnico

Esta seção tem intuito de apresentar de imediato que algumas das hipóteses levantadas foram comprovadas. Sou um pouco ansioso? Sim, é isso mesmo! Estava certo com relação à primeira hipótese de que fatores extralinguísticos seriam muito importantes para o entendimento da variação. Nas próximas páginas estarão as descrições mais detalhadas das hipóteses levantadas, bem como estará o quadro 3.8 com as variáveis selecionadas pelo programa e sua ordem de seleção.

Quadro 3.8 – Ordem dos fatores sociais e linguísticos selecionados por 1189 dados de 25 falantes

Fatores		Variantes	Alveopalatal x alveolar
Sociais	Escolaridade		2° selecionado
	Sexo/Gênero		3° selecionado
	Faixa Etária		Não selecionado
Linguísticos	Contexto vocálico antecedente		4° selecionado
	Categoria gramatical		Não selecionado
	Contexto seguinte: oclusiva x africada		5° selecionado
	Tonicidade da sílaba		6° selecionado
	Posição na palavra		1° selecionado

Começando pelos fatores sociais, o programa selecionou dois deles como os mais significativos, as primeiras posições na ordem de seleção, escolaridade e sexo/gênero, em 2° e 3° lugar, respectivamente. Então acho que comecei bem. Pensava que a primeira variável social a ser selecionada seria a escolaridade, pois percebia que informantes de maior escolaridade apresentavam mais variantes alveolares do que os informantes com menor escolaridade. A hipótese foi confirmada e, em termos de resultados, consegui comprovar a tendência da variante

alveopalatal em relação à escolaridade, quando a variável, na ordem de seleção, ficou na segunda posição.

Isto não significa que as hipóteses previram tudo, apenas eram pressuposições de parte do que aconteceria. Como dito, imaginava que variáveis independentes, escolaridade, faixa etária e sexo/gênero seriam as mais significativas, nesta ordem. Não aconteceu totalmente, logo depois da variável escolaridade, foi selecionado o sexo/gênero do falante. Esta foi a surpresa, pois acreditava que a variável faixa etária viria logo depois da escolaridade. Os informantes mais jovens, em minhas hipóteses, também tendiam a palatalizar menos, ou seja, haveria menor ocorrência da variante alveopalatal, mas também não ocorreu da maneira prevista, pois a significância estatística não bateu com as expectativas.

Na comunidade, também percebi através dos dados que as mulheres palatalizam mais que os homens. Como dito, não havia elaborado hipóteses significativas com relação ao efeito da variável sexo/gênero. Isso será melhor discutido quando forem apresentadas as tabelas com os resultados.

Em relação aos grupos de fatores linguísticos, a primeira variável estatisticamente relevante foi a posição na palavra, o de maior influência entre todos os fatores, sejam os sociais ou linguísticos. A posição medial, assim como em Salvador (MOTA, 2002), favorece a palatalização. Em outros trabalhos, como os de Macedo & Scherre (2000) e Brescancini (2003), também foi significativa.

Uma característica comum a muitos dos trabalhos sobre a variação estudada está relacionada à posição dentro do vocábulo. O fator que se mostra favorecedor em todas as pesquisas é a posição medial. No Sul do Brasil, com os resultados de Brescancini (2003), no Rio de Janeiro, resultados de Scherre e Macedo (2000), em Salvador, nos resultados de Jacyra Mota (2002), em Recife, com Macedo (2004), em João Pessoa, nos resultados de Hora (2003), e no Norte do Brasil, nos resultados de Monteiro (2009), a posição medial é o fator sempre selecionado como favorecedor da variante alveopalatal.

A quarta variável selecionada foram as vogais precedentes. Como exposto, havia dividido em [i], [u], [e], [ɛ], [o], [ɔ] e [a]. Até aí, tudo bem, mas, intuitivamente, acreditava que as médias anteriores favoreceriam a ocorrência de palatais por conta do traço [+anterior], assim como a vogal [i]. Com relação ao contexto vocálico, aventava que a alveopalatal seria mais influenciada pela presença precedente da vogal alta anterior. Acreditava que depois do [i] haveria maior

ocorrência de [ʃ], porém, não foi confirmado. O fator mais significativo para a vogal precedente foi o [u], uma vogal alta posterior. O efeito mais contundente, como você verá, foi a alta posterior. Isso mesmo, produção? Pois é, verdade. Vamos discutir isto mais tarde.

Uma outra hipótese foi a seguinte: antes da africada não haveria a ocorrência de alveolares; o que também não aconteceu, desde as primeiras análises com apenas 04 informantes. Pensava que esse contexto seria categórico. Desde o início, foi um grupo de fatores sugerido pela profa. Marta Scherre para controle, com certeza ela já sabia que isso aconteceria.

Na pesquisa de Macedo (2004), segundo argumentos da pesquisadora, a fronteira para a palatalização seria a sílaba tônica, porque depois dela, em Recife, não havia mais ocorrências de palatais. Os resultados também podem corroborar esta proposta, pois os casos de maior ocorrência estão na posição pretônica com 69,1% de palatais e tônica com 71, 3%. Em Caravelas, as posições pré-tônicas e tônicas apresentaram uma tendência favorecedora.

Confirmei algumas hipóteses, refutei outras, porém isso só serve como um pontapé para entender melhor a variação do /S/ em final de sílaba em Caravelas. Delinear com maior propriedade as possibilidades que a variação poderia ter em Caravelas sempre foi algo que ecoou durante os primeiros passos da pesquisa. Desde o início, a preocupação foi: – Será que temos variação em Caravelas? Na primeira etapa de análise, esta foi uma preocupação constante.

Então, vamos às discussões dos resultados, que foram divididos em fatores sociais e, em seguida, os fatores linguísticos. Farei as discussões com maior vigor da ordem de seleção exposta Quadro 3.8, tendo em vista que os fatores sociais serão discutidos de maneira mais próxima. Mesmo que este trabalho ainda tenha uma amostra relativamente pequena e com problemas na distribuição, como foi apresentado no Quadro 3.3, acredito que as análises nos permitem reflexões bem robustas acerca da variação em Caravelas.

### **5.3. Discutindo os resultados**

Primeiro, vou discutir os resultados relacionados às variáveis sociais, pois sempre imaginei que os fatores extralinguísticos seriam o carro chefe da pesquisa. Passarei às tabelas com os dados

e aos desdobramentos teóricos acerca das influências sociais relacionadas à palatalização do /S/ em Caravelas. Farei uma descrição mais detalhada das minhas hipóteses no decorrer das análises, penso que as hipóteses sociais são bastante interessantes, principalmente quando são mencionadas as influências sociais sobre o uso linguístico. Antes, vou apresentar os resultados gerais da análise, aqueles nos quais foram delimitados os contextos variáveis.

### 5.3.1. Resultados gerais dos contextos variáveis

Na tabela 1.3 foram distribuídos os resultados gerais acerca da palatalização, as frequências e a quantidade de ocorrências de cada variante. A tabela é utilizada como base para deixar claro o que já está sendo mostrado sobre o fenômeno em Caravelas. Apesar das dúvidas iniciais, não há o que ser contestado: temos um caso de variação em se tratando do conjunto de dados. As frequências apontam que a alveolar está sendo usada no mesmo contexto, seguido de [t] e [ʃ], em que a alveopalatal, muito embora apresente frequência mais baixa.

Tabela 1.3 – Distribuição geral das alveopalatais vs alveolares nos contextos variáveis na fala de 25 informantes

<b>Variantes</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
[ʃ]	65,9%	783/1189
[s]	34,1%	406/1189

A variante alveolar aparece nos mesmos contextos em que as alveopalatais, antes de [t] e [ʃ]. Perceba a semelhança nos resultados apresentados na página 84, Tabela 1.2, e os apresentados na Tabela 1.3. Os percentuais para as variantes alveopalatais e alveolares são muito próximos, mesmo com número de indivíduos diferentes na amostra para os resultados. Tal fato indica que há uma regularidade percentual da variação na comunidade. Dessa maneira, os percentuais de realização das variantes em ambas as tabelas podem ser encarados com maior confiabilidade.

Parti da ideia de que os traços [-ant] e [+cor] do contexto seguinte são os que favoreceriam a variante palatalizada. Talvez, por isso, só aconteçam apenas antes do [t], fone com os traços [+ant] e [+cor], e [ʃ] com traços [-ant] e [+cor]. Isto abre a possibilidade de aventar que, em Caravelas, os contextos de palatalização poderiam ter diminuído. Obviamente, o fato de não serem encontradas pesquisas ou dados anteriores, impede que eu faça esta afirmação. Quem sabe, indique que a variante alveolar possa assumir o único contexto de recorrência das alveopalatais, caso a frequência de uso no contexto aumente.

Algo diferente acontece em outros trabalhos, como na pesquisa de Mota (2002), em Salvador, onde as alveopalatais parecem estar se espalhando para outros contextos, mas não será discutida esta proposta<sup>48</sup>. Conforme, Pedrosa e Hora (2012, p. 315), para a variedade pessoense,

Isso nos leva a concluir que a porta de entrada para uma maior frequência da variante palato-alveolar nesse falar é o contexto coronal, conseqüentemente caberia a ele iniciar o processo de variação, que depois poderia assumir outros ambientes e tornar-se mais frequente. (PEDROSA & HORA, 2012, p. 315).

Certamente, os contextos coronais, por conta da presença de traços análogos, podem ser figurados como os ambientes de entrada da variante palatalizada, bem como de maior recorrência. No entanto acredito que para Caravelas o contexto mais restrito de variação represente a única resistência de manutenção das variantes alveopalatais, em se tratando dos aspectos fonético-fonológicos, como apontaram Pedrosa & Hora (2012), levando em conta as características favoráveis à variante palatalizada.

O espalhamento também pode acontecer por conta dos acordos realizados dentro da comunidade. Em vista disso, considero que a inserção das variantes alveolares nos contextos mais fortes para a ocorrência de alveopalatais pode significar a diminuição ou, então, o começo de uma comunidade totalmente alveolarizada (MOTA, 2002, p. 413). Estas são apenas algumas intuições acerca da comunidade. Estudos posteriores poderão confirmar ou refutar as propostas apresentadas no decorrer de todo este texto.

### **5.3.1.1. Variáveis sociais: escolaridade e sexo/gênero**

A variável escolaridade foi a segunda a ser selecionada no conjunto total das variáveis selecionadas. Confirmei a hipótese de que os indivíduos com mais escolaridade tinham uma frequência menor de alveopalatais. Dessa forma, os indivíduos com maior escolaridade apresentam maior ocorrência de alveolares nos contextos seguidos pela oclusiva alveolar e pela africada, porém são seguidos pelos informantes com menor escolaridade como inibidores da palatalização. Observe a Tabela 1.4:

---

<sup>48</sup> Não tenho mais evidências acerca da palatalização em Caravelas. Como disse antes, este é o primeiro trabalho. Além disso, não tenho as pistas históricas necessárias para que conseguísse realizar discussões com maior conhecimento acerca do desenvolvimento histórico da comunidade. São apenas ideias que tenho a respeito da variação em Caravelas. Creio que os comentaristas me ajudarão a esclarecer o que ainda estiver obscuro, assim como minha orientadora já vem fazendo muito bem.

Tabela 1.4 – Tendência da produção palatalizada em função da escolaridade na fala de 25 informantes

<b>Escolaridade</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Ensino Fundamental – 08 anos	0,463	67,7	212/313
Ensino Médio – 11 anos	<b>0,691</b>	78,1	278/356
Ensino Superior – + 11 anos	0,386	56,3	293/520
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

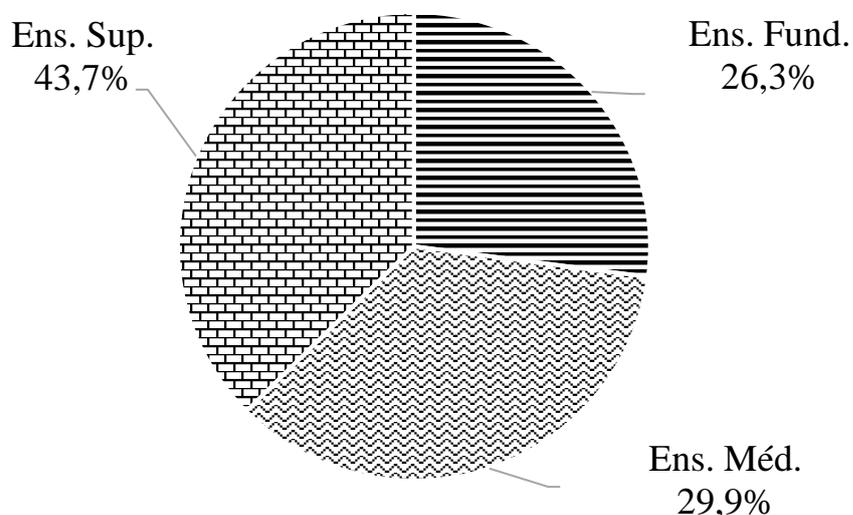
Percebe-se que no Ensino Médio se tem, em termos de porcentagem e peso relativo, um número maior de ocorrências das variantes palatalizadas do que nos outros dois níveis de escolaridade, seguido do Ensino Fundamental. Sendo assim, é justamente o fator Ens Sup, dentro do grupo da variável escolaridade, que mais inibe o uso de alveopalatais com peso relativo de 0,386, mesmo havendo um número de frequência das possibilidades de alternância das variantes relativamente maior em informantes com mais anos de escolarização.

Observe que esses resultados são claros porque há uma similaridade entre frequência e pesos relativos. O Ens. Sup. é o fator que mais inibe a variante palatalizada e também o fator que apresenta menor percentual de palatalização, enquanto o Ensino Médio, o fator do grupo que mais apresenta alveopalatais, é também aquele que mais favorece a palatalização em termos de pesos relativos.

Quanto ao Ensino Fundamental, temos um fator que apresenta uma frequência de alveopalatais mediana, no entanto, também inibe a variante, apresentando-se menos significativo se comparado com o Ensino Superior em relação aos fatores do próprio grupo. Penso que seria interessante, por causa do peso de 0,463, considerar quase como um fator neutro, ou muito próximo disso. Isto significa que a hipótese em relação aos informantes de menor escolarização não se confirmou. Inicialmente, havia conjecturado que seria um fator favorecedor, pois acreditava que a inserção da variante alveolar nos contextos antes de /t/ só fosse realizada por falantes mais escolarizados.

Mais à frente, o Gráfico 5.2 ajuda a perceber espacialmente o total de dados de ocorrências alveopalatais, 783 ocorrências. Quando o fator Ensino Superior é observado de perto, mesmo com maior frequência de ocorrências, é o mais desfavorecedor dentro do grupo. Dessa forma, pode-se apreender que os indivíduos com mais de escolarização representam um volume considerável de dados em relação aos representantes dos outros níveis de escolaridade.

Gráfico 5.2 - Percentual de casos das alveopalatais e alveolares no conjunto de 1189 dados em relação à escolarização na fala de 25 informantes



Como dito, a hipótese aventada de que quanto mais anos de escolarização menor seria a taxa de alveopalatais não foi totalmente confirmada. Encontrei um percentual de alveopalatais maior em indivíduos com níveis de escolarização intermediários, chegando a 78,1% do total de ocorrências para o fator, sendo superiores também em peso relativo. No entanto, deveria confirmar por meio do programa que o Ensino Superior se revelaria como um fator de inibição para o uso de alveopalatais, o que se mostrou ser verdadeiro.

Disse antes que poderiam ser encontradas mais ocorrências da variante palatalizada em indivíduos com níveis de escolarização mais baixos, porém o fator que apresenta efeito mais alto é o Ensino Médio, pois, para a produção da alveopalatal, os indivíduos que possuem entre 09 e 11 anos de escolarização, com peso relativo de 0,691, mostram-se favorecedores.

Os resultados se assemelham muito aos de João Pessoa, na Paraíba. Em relação à variável em questão, os resultados são parcialmente muito parecidos com os de Hora (2003). Para a variável anos de escolarização, os universitários paraibanos se revelam como aqueles que inibem a palatalização.

Segundo Hora (2003), “São, portanto, os universitários os responsáveis pela inibição da regra na comunidade em pauta” (HORA, 2003, p. 79). Hora (2003) defende que seja um caso de variação estável e que a acomodação da comunidade para um padrão de falar brasileiro possa levar muito tempo, já que temos variedades com palatais em todos os contextos e outras

somente com ocorrências alveolares. Sendo assim, “o que sobrevirá vai depender da acomodação fonológica dos falantes a um determinado padrão” (HORA, 2003, p. 80).

A resposta parcial para o resultado apresentado na Tabela 1.2 está relacionada ao deslocamento dos habitantes de Caravelas. Todos os informantes com Ensino Médio ou Fundamental moram na cidade, a maioria não pensa em sair e possuem familiares que também residem em Caravelas, mesmo caso dos informantes com Ensino Superior. Mas, o que seria esse deslocamento? Trata-se de uma cidade pequena, não possui instituições que permitam o acesso a um curso superior presencial. Então, para obter a graduação, há a necessidade de saída para as cidades vizinhas.

A cidade que mais recebe alunos de outros municípios é Teixeira de Freitas, que fica a 90 km, aproximadamente, de Caravelas. A grande maioria dos informantes com graduação realiza o curso em Teixeira, ou em outros poucos casos, como, por exemplo, Salvador e Ilhéus. Já existiram polos de algumas instituições: de uma instituição particular, polo que foi extinto; bem como de uma universidade pública estadual, que também atualmente não está recebendo mais alunos; ambas funcionavam no espaço de uma escola pública municipal.

Proponho que os indivíduos que saíram da cidade para estudar apresentam um número menor de variantes palatalizadas antes de [t] e [ʃ] em relação aos que não saíram. Assim, explica-se o peso relativo tão baixo relacionado ao Ensino Superior, de 0,386. Talvez, por causa da influência da comunidade teixeirense<sup>49</sup>, além das alveolares serem as variantes mais utilizadas na mídia, penso que proporcione aos informantes com Ensino Superior a tendência de diminuir a ocorrência de alveopalatais.

O deslocamento para outra cidade pode ser a principal causa para a diminuição das ocorrências palatalizadas. Além disso, esses mesmos informantes são também os que mais saem da comunidade para viagens por terem condições financeiras que proporcionem tal fato. Parte dos habitantes da comunidade caravelense, principalmente, em bairros como Ponta de Areia e Barra de Caravelas, ainda sobrevive da pesca e atividades relacionadas à pesca. Então, eles têm dificuldade para saírem da comunidade, até mesmo para as proximidades, as cidades vizinhas, mesmo que seja por causa do comércio ou de estabelecimentos que não existam em Caravelas, como um cartório eleitoral, por exemplo.

---

<sup>49</sup> Não existem trabalhos realizados sobre a variação estudada nesta dissertação nos municípios próximos, sendo eles: Teixeira de Freitas, Alcobaça, Prado, e Nova Viçosa.

Alguns informantes com Ensino Superior apresentam taxas elevadas de alveopalatais, como o informante nº 18, que é do sexo feminino e possui 24 anos, com mais de 90% de frequência das palatais. Esta é uma informante que não pretende sair da cidade e, apesar de ter feito graduação em Teixeira de Freitas, possui um grau de identificação relativamente grande com a comunidade caravelense.

- (09) ENT      você acha assim que é uma cidade muito parada que não tem nada?  
 KEL24FES      sim... sim parada não tem nada  
 KEL24FES      nada de interessante mas eu prefiro estar... num lugar desse  
 do que estar no movimento

A maioria dos informantes com taxas entre 80 e 90% de alveopalatais afirma que não pretende sair da cidade a não ser que seja impelida a fazê-lo, boa parte é de mulheres. As análises das entrevistas permitem inferir que independente de idade, sexo/gênero ou escolaridade aqueles informantes que se identificam com a comunidade também apresentam uma relativa frequência de alveopalatais. Sendo assim, decidi apontar os resultados sociais de maneira mais próxima, também por causa de alguns resultados que não me parecem estar bastante claros.

Ainda lembro que a amostra de 25 falantes não se apresenta bem distribuída, por uma dificuldade natural para encontrar os falantes com as características necessárias. O Ensino Médio, nos dados analisados aqui, apresenta o maior efeito sobre a palatalização, com peso relativo de 0,691. O Ensino Médio é exatamente o grupo que não tem falantes com mais de 49 anos.

Deve-se levar em conta que a faixa etária não foi selecionada nesta etapa, muito embora quase tenha sido, na última etapa de análise, com um nível de significância de 0.060. Então, vamos ver se os resultados da escolaridade se modificam quando cruzados com os da faixa etária, no interior da análise estatística que gerou os resultados apresentados na Tabela 1.5.

Tabela 1.5 – Tendência da variante alveopalatal em função da escolaridade quando cruzada com a presença da variável faixa etária na fala de 25 informantes

Escolaridade	Pesos Relativos	
	Sem faixa etária	Com faixa etária
Ensino Fundamental – 08 anos	0,463	0,442
Ensino Médio – 11 anos	<b>0,691</b>	<b>0,706</b>
Ensino Superior – + 11 anos	0,386	0,384

Perceba que a faixa etária praticamente não afeta o efeito curvilíneo da escolarização, algo que poderia ter relação com o padrão curvilíneo da classe social apresentado por Labov (2006 [1972], p. 151 – 172), quando discute o papel da classe média baixa na mudança linguística, que aqui seria representada pelos falantes do Ensino Médio (SCHERRE, 2017)<sup>50</sup>.

Conforme Labov (2006 [1972], p. 154 – 158), esse tipo de comportamento da classe média baixa é visto como um indicador sincrônico de mudança linguística em andamento, quando as variáveis linguísticas são correlacionadas com indicadores sociais. A partir de seus estudos, esses indicadores podem ser *status* social, profissão, educação, renda, dependendo do papel desse grupo na hierarquia de *status* social. No entanto, geralmente há uma variante de prestígio, porém ainda não sei se é o caso deste estudo.

Esta é uma proposição para pesquisa futura. Há a possibilidade de realizar uma análise sobre a avaliação do fenômeno, juntamente com a análise do papel do indivíduo, vistos no Quadro 04, mas ainda não contemplado nas análises de pesos relativos. Certamente, há muito trabalho pela frente.

Defini que abordaria os dois grupos de fatores, escolaridade e sexo/gênero, juntos por causa de uma pequena ligação que mantêm. Na Tabela 1.6, estão os resultados da variável sexo/gênero, e tentarei mostrar o motivo de os resultados destas variáveis serem colocados na mesma seção. Para esta variável, ainda há que se ponderar bastante a respeito da distribuição da amostra. Obviamente, depois que este problema for minimizado, terei uma oportunidade de realizar as análises com maior segurança. Tal fato não me impede de tentar potencializar os resultados obtidos até o momento.

Tabela 1.6 – Tendência da variante alveopalatal em função do sexo/gênero na fala de 25 informantes

<b>Sexo/gênero</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Masculino	0,359	55,3	264/477
Feminino	<b>0,596</b>	72,9	519/712
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

Para a variável social sexo/gênero, as expectativas/hipóteses não eram muito claras. Para isso, realizei uma primeira análise (LIMA, 2015), que já apontou os efeitos do sexo/gênero feminino. Pensava que talvez não se tornaria um grupo de fatores estatisticamente relevante. No entanto,

<sup>50</sup> Trecho retirado das anotações de orientação da dissertação em Janeiro de 2017.

foi o terceiro grupo selecionado. Apenas me preocupei com duas outras variáveis, a escolaridade e faixa etária, tendo em vista que as primeiras impressões revelavam o maior uso de alveopalatais em indivíduos de mais idade e menos escolarizados.

Em relação ao sexo/gênero, há uma diferença no comportamento dos informantes masculinos e femininos. Os informantes femininos apresentam percentual mais elevado de ocorrências alveopalatais e peso relativo também mais alto, 72,9% e 0,596, respectivamente. De modo distinto, os masculinos tendem a desfavorecer a produção alveopalatal, com percentual e pesos inferiores, 55,3% e 0,359.

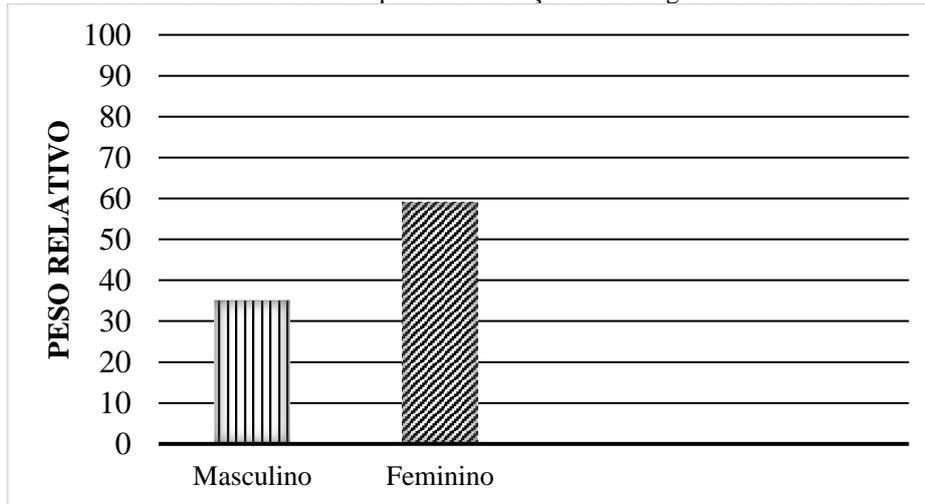
É importante salientar que, mesmo com uma amostra não muito bem distribuída, o efeito do sexo/gênero permanece consistente no decorrer da análise pelo GoldVarbX.

Tabela 1.7 – Tendência da variante alveopalatal em função do sexo/gênero quando cruzado com outras variáveis no decorrer das análises feitas pelo GoldVarb X na fala de 25 informantes

<b>Sexo/gênero</b>	<b>Nível 1 – Pesos isolados</b>	<b>Nível 2 – com posição na palavra</b>	<b>Nível 3 – com escolarização</b>	<b>Nível 4 – com faixa etária</b>
Masculino	0,359	0,379	0,360	0,359
Feminino	<b>0,596</b>	<b>0,582</b>	<b>0,595</b>	<b>0,596</b>
<b>Significância</b>	0,000	0,000	0,000	0,060

Os efeitos da variável, quando ela é inserida na análise juntamente com outras variáveis, permanecem muito próximos entre eles. Assim, pode-se perceber a consistência que a variável mantém à medida que o programa vai inserindo os grupos de fatores nas análises multivariadas. O sexo/gênero, desde as primeiras análises com 04 informantes (cf. LIMA, 2015), mostrou-se estatisticamente significativa, apesar dos desequilíbrios distribucionais.

Gráfico 5.3 – Tendência da variante alveopalatal em função do sexo/gênero na fala de 25 informantes



À medida que realizava a análise de dados, percebi que as mulheres produziam mais ocorrências de variantes palatalizadas do que os homens. Com a seleção da variável, tive que reelaborar as expectativas em relação ao fato de que não haveria significância estatística para a variável sexo/gênero dos indivíduos que fazem parte da amostra.

Labov (2001) diz que “Para variações sociolinguísticas estáveis, as mulheres apresentam um índice menor de variantes estigmatizadas e uma taxa mais elevada de variantes de prestígio em relação aos homens” (LABOV, 2001, p. 266)<sup>51</sup>. Então, você concorda que já podemos começar a pensar a respeito da conformidade linguística da mulher? Os resultados revelam que as mulheres, tanto em frequência quanto em peso relativo, utilizam mais a variante alveopalatal; fato que permite refletir, a partir da proposta de Labov, que mulheres tendem a mostrar mais variantes de prestígio no uso do que os homens quando no nível da consciência. Mesmo quando a variação está abaixo do nível de consciência, as mulheres tendem a estar à frente no uso de variantes inovadoras (LABOV, 2001, p. 279). Então, poderia inferir um prestígio local à variante palatalizada.

Posso pensar que estaria diante de uma variação estável, pois as mulheres tenderiam a apresentar um número menor de variantes estigmatizadas. Geralmente, são os homens que mais apresentam variantes que possam ter algum tipo de estigma. Os resultados desta análise permitem esta interpretação quando os homens inibem a aplicação da regra de palatalização e as mulheres favorecem.

<sup>51</sup> Trecho traduzido: “For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men” (LABOV, 2001, p. 266).

No entanto, há um aspecto importante que deve ser mencionado. A partir das entrevistas sociolinguísticas, que foram realizadas por mim, além de conversas informais, percebi que os falantes não têm consciência do uso da variação. Obviamente, não foram realizados testes de percepção, porém também sou da comunidade, fato que me possibilita discutir ou propor as discussões com intuito de tentar esclarecer estas questões relacionadas ao prestígio ou estigma. Com relação à avaliação, WLH (2006 [1968], p. 124) afirmam que “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente”. Dessa maneira, a consciência da comunidade sobre a variação pode acelerar ou retardar o processo de mudança linguística.

Ainda conforme as reflexões realizadas por Labov (2001, p. 274), os homens tendem a inovar inserindo as variantes de menor prestígio quando ela está no nível da consciência, enquanto as mulheres adotam as formas de prestígio. Ainda não posso afirmar que seja ou não uma variante de prestígio. Também ainda não sei se há algum tipo de avaliação em relação à variação, mas penso que a variação não esteja no nível da consciência.

Segundo Labov (2001), “as mulheres se conformam com mais força do que os homens às normas sociolinguísticas quando são prescritas publicamente, mas se conformam menos do que os homens quando elas não são prescritas” (LABOV, 2001, p. 293)<sup>52</sup>. Sendo assim, quando se trata de variação estável, as mulheres acabam favorecendo as variantes de prestígio na comunidade, mas quando não existe estigma ou avaliação acabam ficando à frente dos homens no uso das variantes inovadoras. Neste estudo, não consegui captar claramente por meio das entrevistas se existe, ou qual seria a variante de prestígio.

Dessa maneira, poderia refletir sobre uma questão que, se a variação não está no nível da consciência, significa que as mulheres estão inserindo as variantes inovadoras. Porém, quando são seguidas as tendências das duas variáveis juntas, sexo/gênero e escolaridade, encontro respostas mais contundentes acerca da movimentação da variação na comunidade de Caravelas.

No cruzamento entre as duas variáveis, encontrei resultados interessantes. Veja:

---

<sup>52</sup> Trecho traduzido “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not” (LABOV, 2001, 293).

Tabela 1.8 - Tendência da variante alveopalatal no cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade na fala de 25 informantes

Escolaridade e Sexo/Gênero	Masculino			Feminino		
	%	P. R.	Nº/Total	(%)	P. R.	Nº/Total
Ens. Fund. – até 08 anos	74,7	<b>0,590</b>	56/75	65,5	0,416	156/238
Ens. Méd. – 9 a 11 anos	67,8	<b>0,547</b>	122/180	88,6	<b>0,832</b>	156/176
Ens. Sup. – + 11 anos	38,7	0,201	86/222	69,5	<b>0,537</b>	207/298
<b>Total</b>			783/1189 = 65,3%			

Considerando as variáveis juntas, constata-se que a variante palatalizada continua sendo favorecida tanto pela escolaridade quanto pelo sexo/gênero, pois os pesos relativos obtidos para a variável Ens. Méd. são de 0,547 para os homens e de 0,832 para as mulheres. Este fator, em conjunto com o sexo/gênero, representa a maior probabilidade de ocorrências alveopalatais, principalmente para informantes com Ens. Méd. do sexo/gênero feminino. Em relação ao Ens. Fund., os pesos são maiores para os homens, de 0,590, e menores para as mulheres, com 0,416.

No cruzamento, vindo, em ordem decrescente, estão as informantes femininas com ensino médio – peso de 0,832 –, informantes masculinos com ensino fundamental – peso de 0,590 –, informantes masculinos de ensino médio – peso de 0,547 –, e informantes femininas com ensino superior – peso de 0,537.

Em outros trabalhos, como o feito em Recife, esta variável foi selecionada como sendo a de maior relevância estatística, com peso relativo de 0,75 para o sexo/gênero feminino. Em Caravelas, o peso de 0,596 para as mulheres, na Tabela 1.6, apesar de mais tímido em relação ao peso encontrado em Recife, também se revela como fator que favorece a variante alveopalatal quando é considerada a mesma variável.

Ainda não posso dizer que há uma variante de prestígio antes de [t] e [ʃ], a alveopalatal, em Caravelas. Não tenho uma resposta concreta, mas acredito que não. Nos contatos que tive com os informantes, não consegui perceber se eles tinham consciência da variante palatalizada, porém cheguei a questionar alguns a respeito do chiado diferente provocado pela palatalização. Minha expectativa é que não seja atribuído nenhum tipo de estigma à variante.

No que diz o problema da avaliação, ainda não consegui captar atitudes em relação à variante. Porém, assim como em Martha's Vineyard, bem como por causa do comportamento da variável escolaridade, quando considerada como um indicador de classe social no Brasil, penso que, em Caravelas, poderiam existir movimentos parecidos com os que aconteceram na ilha. No entanto esta é uma proposta futura de pesquisa.

Labov (2006 [1972]) conseguiu analisar os indicadores das atitudes subjetivas dos habitantes em relação à ilha. Para a centralização, Labov aponta

[...] que um valor social tinha sido associado, mais ou menos arbitrariamente, à centralização de (ay) e (aw): quanto mais um indivíduo se sentisse capaz de reivindicar e manter status como um vineyardense nativo, mas ele adotaria a centralização de (ay) e (aw). Filhos que tinham tentado ganhar a vida no continente, e que mais tarde tinham retornado à ilha, desenvolveram um grau ainda mais elevado de centralização do que seus pais. Mas a partir do momento em que um vineyardense abandonava seu desejo de permanecer na ilha e ganhar sua vida ali, também abandonava a centralização e retornava às formas padronizadas não centralizadas (2006 [1972], p. 201-202).

Dessa maneira, em Martha's Vineyard, apesar de os habitantes não terem consciência nítida da variação, o movimento de identidade a favor da ilha provocava o aumento da centralização de (ay) e (aw), servindo como identificação dos verdadeiros habitantes da ilha.

Mesmo sendo um contexto bastante específico, Caravelas está localizada em uma região, o Nordeste, que apresenta variantes alveopalatais em coda silábica. Além disso, recebeu portugueses no início de sua história. Também apresenta características comuns a outras cidades do Nordeste, como João Pessoa, Recife e Salvador, bem como tinha portos que facilitavam viagens tanto para Salvador quanto para o Rio de Janeiro, apesar dos registros históricos serem poucos.

Sem uma avaliação ou consciência da comunidade acerca da variação estudada, posso argumentar que, em Caravelas, a proposta de haver algo parecido com o que aconteceu em Martha's Vineyard não é descartável. Também lembro que, sem um nível de consciência, não há possibilidade de atribuir uma noção de prestígio ou estigma para qualquer variante. Contudo, a proposta deste capítulo também é de polemizar, bem como mostrar e discutir alguns pontos que podem se tornar interessantes por meio da variação estudada.

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala (PAIVA, 2012, p. 35).

Boa parte das mulheres de Caravelas é de donas de casa. Na amostra de Caravelas, temos 06 informantes que são somente donas de casa e não possuem um emprego formal, as informantes de nº 02, 03, 05, 06, 08 e 14, distribuídas entre as faixas II (26-49) e III (50+). Dessa forma, em Caravelas, as mulheres ainda se mantêm com um papel social de educadoras dos filhos, por isso apresentariam as variantes de prestígio (PAIVA, 2012), conforme resultados apresentados no Quadro 3.6, à página 57.

Em um caso específico, uma das cinco informantes, a Q, de nº 02 (cf. Quadro 3.6), que possui 47 anos, está dentro da segunda faixa, porém muito próxima da faixa de 50 anos ou mais, apresenta uma frequência de 93,2% de alveolares. Isso mesmo, produção? Isso aí! Mais de 90% de alveolares do /s/ antes de /t/. Como responder isso? No momento da entrevista, uma das perguntas foi sobre a programação dos canais de TV, quais os programas mais assistidos. Segundo a informante, ela passa muito tempo assistindo à TV. A resposta estaria relacionada à influência da mídia no que diz esta informante.

De forma diferente, constata-se que a variável mídia (em particular a televisão) possui efeito mais notável entre os falantes de sexo feminino, principalmente na quarta faixa etária (acima de 50 anos). Quanto maior o tempo de exposição à linguagem veiculada pela mídia, maior a ocorrência de variantes prestigiadas na linguagem das mulheres (PAIVA, 2012, p. 39).

O comportamento do indivíduo nº 02 foi uma das incógnitas nesta pesquisa, já que sempre morou em Caravelas e nunca ficou fora da cidade por mais de 01 (um) ano, está quase na última faixa etária e possui Ensino Fundamental, apenas os primeiros anos, o antigo primário. Acredito que talvez exista a influência do fator Ensino Fundamental, que junto com a influência da mídia, contribua como favorecedor da variante alveolar.

Tendo em vista o peso relativo de 0,463, apresentado pelo fator Ensino Fundamental na variável escolaridade, não consegui prever nenhuma outra motivação em se tratando desse movimento tão díspar dentro da comunidade. Ainda não encontrei uma resposta que pudesse ser mais viável quando me deparo com esta informante.

No entanto, de maneira geral, o fato é que os homens revelam comportamento segundo minhas expectativas, mas não as mulheres, que apresentam comportamento laboviano do tipo “crossover”.

Num cruzamento de escolaridade e sexo/gênero, com dados só de homens e, depois, só de mulheres, temos:

Tabela 1.9 - Tendência da variante alveopalatal no cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade em análises com dados separados de homens e mulheres na fala de 25 informantes

Escolaridade	Sexo/Gênero	
	Homens	Mulheres
Ens. Fund. – até 08 anos	<b>0,776</b>	0,269
Ens. Méd. – 9 a 11 anos	<b>0,604</b>	<b>0,831</b>
Ens. Sup. – mais de 11 anos	0,318	0,464

O comportamento dos homens acontece segundo as expectativas quando são considerados apenas os dados referentes ao gênero masculino. Homens de Ensino Fundamental favorecem, seguidos dos de Ensino Médio, e, por último, os desfavorecedores são aqueles que possuem mais anos de escolarização, os de Ensino Superior.

Quando somente os dados das mulheres são considerados, o comportamento delas se mostra diferente, as mulheres com até 08 anos de escolarização, peso de 0,269, e aquelas com mais de 11 anos, peso de 0,464, desfavorecem a produção palatalizada. Resta saber se serão encontrados os mesmos resultados com a amostra equilibrada.

Para as mulheres, o comportamento referente ao fator ensino médio é aquele que apresenta maior peso relativo, de 0,831. A principal diferença quando considerados apenas os dados de mulheres é em relação ao Ensino Fundamental. Em hipótese, também pensei que as mulheres de menor escolaridade poderiam apresentar favorecimento à variante palatalizada considerando que o ensino superior desfavoreceria e os demais grupos a favoreceriam, a tendência ao desfavorecimento é maior no Ensino Fundamental, com peso de 0,269, do que no grupo de mais escolaridade para sexo/gênero feminino. A expectativa levantada para a variável escolaridade se encaixa perfeitamente para os homens, porém, para as mulheres, não se mostra válida, pois os homens de Ens. Fund. favorecem com peso de 0,776.

Foram encontrados pesos favorecedores tanto para homens, peso de 0,604, quanto mulheres, peso de 0,831, no Ens. Méd., mesmo sendo considerados em separado os dados de homens e mulheres. Assim como nos resultados já mostrados, aqueles que poderiam representar a classe média no Brasil continuaram favorecendo a palatalização.

Por fim, também há a possibilidade de pensar que a variável sexo/gênero se comporta segundo as expectativas relacionadas à conformidade da mulher para o comportamento dentro da comunidade, apresentando a alveopalatal como a variante mais usada no contexto estudado. Além disso, percebe-se que a variável escolaridade atuaria junto ao sexo/gênero como sendo importante para o entendimento do comportamento dos indivíduos dentro da amostra.

Outra informante que é igualmente interessante, a nº 20 (cf. Quadro 04), tem índice superior a 90% de alveolares. A resposta para este comportamento estaria relacionada à escolarização, pois se trata de um informante do sexo/gênero feminino, mas de Ensino Superior: a partir dos resultados da variável escolaridade, apresenta o comportamento previsto. Sendo assim,

confirmo a proposta da força que possuem os dois fatores quando passam a atuar juntas para o favorecimento ou inibição da variante palatalizada.

A seguir, estarão os resultados pertinentes à faixa etária, um dos fatores não selecionados na rodada geral, mas selecionado na rodada com cruzamento de sexo/gênero e escolaridade. Serão vistas as expectativas relacionadas a este grupo de fatores, pois eram bastante aguardadas. Vamos aos resultados.

### 5.3.1.2. Variáveis sociais: a faixa etária

Diferente das outras duas variáveis, que foram as primeiras selecionadas, esta não apresentou relevância estatística na rodada geral, mas também não foi eliminada. No entanto, na rodada com cruzamento de escolaridade e sexo/gênero, ela é selecionada em 4º lugar, antes do contexto seguinte e da tonicidade. Apresentarei os resultados percentuais e de peso relativo, contudo, deve-se considerar que só foi considerada estatisticamente significativa quando as outras duas variáveis sociais foram cruzadas.

Como demonstra a Tabela 2.1, há uma proximidade muito grande entre as duas primeiras faixas, o peso de 0,507 para os informantes da faixa I (14 - 25), que se mostram neutros, e o peso de 0,455 para os adultos, a faixa II (26 - 49). A última faixa, mais de 50 anos, favorece a palatalização apresentando peso de 0,607. Por último, tendo em vista a variável não ter sido eliminada pelo programa na rodada geral, acho que seja importante apontar os resultados encontrados no cruzamento das outras duas variáveis sociais.

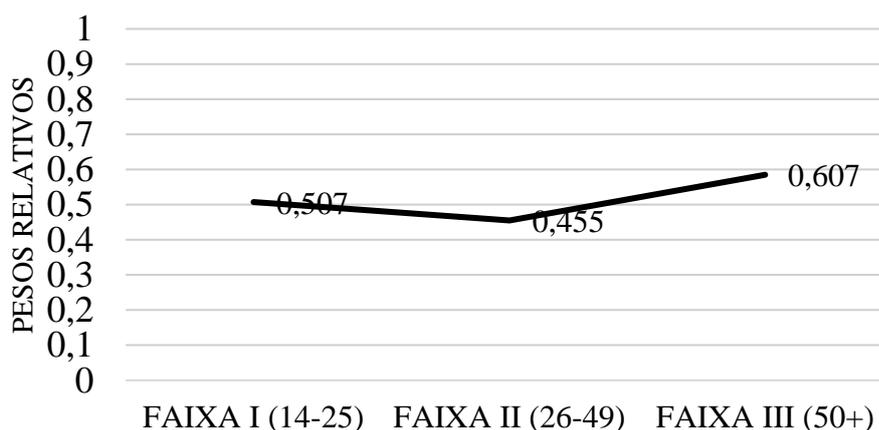
Em relação a esta variável, haveria um caso diferente de João Pessoa e Recife, que mostram a faixa intermediária como sendo a favorecedora da alveopalatal e as faixas mais jovens e mais velhas inibindo com pesos de 0,45 e 0,47, respectivamente, em Recife, e 0,49, em João Pessoa, para as mesmas faixas. Nesses trabalhos, os resultados parecem indicar um caso de variação estável.

Tabela 2.1 – Tendência da variante alveopalatal em função da faixa etária quando cruzadas as variáveis escolaridade e sexo/gênero na fala de 25 informantes

<b>Faixa Etária</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Faixa I (14-25 anos)	0,507	64,1	184/287
Faixa II (26-49 anos)	0,455	65,8	420/650
Faixa III (50 + anos)	<b>0,607</b>	67,9	171/252
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

O mesmo não acontece em Caravelas, pois das duas faixas uma parece inibir a variação enquanto outra se mostrou neutra. No Gráfico 5.4, pode-se perceber com maior nitidez, em termos de pesos relativos, como o fenômeno se comporta na comunidade caravelense.

Gráfico 5.4 - Padrão de linha ascendente dos pesos relativos em função da faixa etária na fala de 25 informantes



Por meio do gráfico, percebe-se a pequena curva decrescente que fazem as variantes em razão da faixa etária mediana e mais jovem. As alveopalatais são favorecidas na última faixa do gráfico, os mais velhos, enquanto que as alveolares aumentam nas outras duas faixas. À medida que a curva vai se mostrando ascendente, o grau de favorecimento da alveopalatal é maior na última faixa. Isso permite pensar que pode haver um indicativo de mudança linguística em direção ao maior uso de alveolares.

Por não existirem instituições de Ensino Superior em Caravelas, os mais jovens tendem a procurar os cursos nas cidades vizinhas. O aumento da escolarização junto com a frequência de alveolares na faixa etária mais jovem pode significar que quanto mais jovem e mais escolarizado menor seria o índice das variantes palatalizadas, pois haveria a inserção da variante alveolar a partir da faixa etária mais jovem.

### 5.3.2. Discutindo os resultados: as variáveis linguísticas

Quanto aos fatores linguísticos selecionados, um desses grupos de fatores foi o mais relevante estatisticamente, sendo o primeiro nos critérios do programa, vindo antes de duas variáveis sociais. O primeiro fator selecionado foi a posição da variante na palavra, seguido do contexto vocálico precedente, contexto seguinte: oclusiva e africada, e o último selecionado foi a

tonicidade da sílaba. A categoria gramatical não foi selecionada como estatisticamente significativa.

### 5.3.2.1. Variáveis linguísticas: posição da variante na palavra

Em trabalhos anteriores, esta variável indica que a posição medial favorece a variante palatalizada da fricativa coronal. Os resultados encontrados nesta pesquisa mostram que a variável é estatisticamente significativa apresentando peso relativo de 0,535 para a coda medial e 0,210 para a coda final. Nos resultados de Scherre e Macedo (2000), no Rio de Janeiro, o meio de palavra também é favorecedor com pesos de 0,64 e 0,66, são dois pesos porque a variável foi analisada junto com número de sílabas da palavra e tonicidade.

Em Salvador, no estudo de Mota (2002, p. 234), uma análise realizada em duas amostras, demonstra que a posição medial é a maior favorecedora da variante palatalizada, em ambas as amostras, na amostra I<sup>53</sup>, da década de 70, e na amostra II, da década de 90, indicando a importância da posição na palavra.

Os resultados de Macedo (2004), em Recife, indicam que posição também é favorecedora, com peso de 0,55 para a posição medial, e 0,48 para a final. Na maioria das pesquisas já vistas neste trabalho, o fator medial apresenta efeitos favoráveis à palatalização. A posição medial se repete como favorecedora nas pesquisas. Na pesquisa de Monteiro (2009), no Amapá, a variável posição da fricativa na palavra também foi selecionada. A posição medial favorece a produção alveopalatal com peso de 0,76 e posição final absoluta apresentou peso de 0,51. As codas finais seguidas de consoantes e vogais apresentaram pesos desfavorecedores de 0,26 e 0,08, respectivamente.

Tabela 2.2 – Tendência da variante alveopalatal em função da posição na palavra na fala de 25 informantes

<b>Posição na palavra</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Coda medial	<b>0,535</b>	69,8	751/1076
Coda final	0,210	28,3	32/113
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

<sup>53</sup> Em sua pesquisa, Mota (2002) utiliza duas amostras, uma do início da década de 70, e outra da década de 90. A primeira está constituída por dezesseis inquéritos de Elocuções em situação formal (EF) e dezesseis inquéritos do tipo Diálogo entre informante e documentador (DID). A segunda amostra foi constituída por inquéritos do tipo DID, dez informantes registrados anteriormente e oito registros coletados à época de sua pesquisa de doutorado defendida em julho de 2002 (MOTA, 2002).

Em Caravelas, conforme resultados apresentados na Tabela 2.2, a posição medial se mostra a mais produtiva para a produção da variante palatalizada. O percentual bastante alto, de 69,8%, parece ratificar resultados de outras pesquisas, em relação à maior produtividade da posição medial, e o peso relativo de 0,535 ajuda a confirmar esses resultados. O peso apresentado para a posição medial é muito próximo do ponto neutro porque

um fator associado à grande maioria dos dados necessariamente ficará com um peso perto do ponto neutro, porque é matematicamente impossível que a frequência de 'aplicações' observada em um subconjunto de dados que inclui quase todos eles, possa distanciar-se muito da frequência encontrada no conjunto total. Portanto, se o pesquisador define um grupo de fatores que contém um fator que corresponde, por exemplo, a uns 90% das ocorrências (*tokens*), vai descobrir que esse fator sempre tem um valor perto de 0,50 de peso relativo (GUY & ZILLES, 2007, p. 239).

É importante focalizar que a diferença de pesos relativos entre os dois fatores, mais de 30 pontos, indica uma boa diferença na força de influência da variável. A coda final desfavorece a variante com um peso de 0,210, indicando uma tendência bem forte de não ocorrência e ajudando a entender que, apesar de no contexto seguinte ser encontrado um [t] ou [tʃ], a posição final apresenta um efeito muito forte para o desfavorecimento.

Em Florianópolis, Brescancini (2003) aponta que a posição em coda medial surge como a mais favorecedora para a produção da variante palatalizada, apresentando peso relativo de 0,60. Em Caravelas, o contexto restrito, antes de /t/, também possui características próximas aos resultados encontrados na variedade florianopolitana.

Junto com o traço [-voz], em Florianópolis, com peso de 0,62, uma restrição favorecedora à variante alveopalatal na pesquisa de Brescancini, pode levar a posição em coda medial a ser considerada também a partir das características do ambiente seguinte que, na pesquisa da variedade caravelense, somente aparece antes de duas variantes surdas da oclusiva alveolar /t/. No entanto, deve-se ter cuidado ao mencionar isto já que estou falando apenas de uma variável, sem realizar qualquer análise com o vozeamento do contexto seguinte por conta de já ser um contexto com [-voz] corroborando os resultados de Brescancini (2003), pois o efeito [+voz], em meu caso, não apresenta variação.

### 5.3.2.2. Variáveis linguísticas: contexto vocálico precedente

A variável foi dividida em sete fatores, basicamente, a partir das vogais orais do PB. A tentativa era verificar quais as vogais favoreceriam a variante alveopalatal [+alta] e [-anterior]. A hipótese inicial foi elaborada a partir dos traços, quanto [+alto] maior seria a ocorrência de

alveopalatais. Dessa forma, a vogal mais favorecedora seria o [i], a alta anterior. Quanto à altura, estava correto, porém não aconteceu exatamente como estava previsto.

Tive uma surpresa e, com isso, uma dificuldade para explicar o porquê da seleção realizada pelo programa. Um dos traços das vogais que se mostrou mais significativo é o [+posterior], o que não aconteceu de modo recorrente em outras pesquisas, mesmo sendo natural tendo em vista que a variante palatalizada também é [-anterior]. Brescancini (2003) menciona que o traço [+posterior] é significativo, porém não dá ênfase à mesma vogal que apresentou efeito favorecedor em minha pesquisa. Vamos à Tabela 2.3 para verificarmos o que aconteceu:

Tabela 2.3 – Tendência da variante alveopalatal em função do contexto vocálico precedente na fala de 25 informantes

<b>Contexto vocálico precedente</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Alta posterior [u]	<b>0,647</b>	71,4	25/35
Alta anterior [i]	<b>0,588</b>	75,0	222/296
Média alta posterior [o]	0,492	65,1	84/129
Média alta anterior [e]	0,441	62,1	267/430
Média baixa posterior [ɔ]	<b>0,621</b>	78,5	117/149
Média baixa anterior [ɛ]	0,158	30,8	12/39
Baixa [a]	0,439	50,5	56/111
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

As médias anteriores relativamente desfavorecem a palatalização, com pesos de 0,440 para [e] e 0,158 para [ɛ]. Dessa forma, o traço [+anterior] das vogais em questão poderia ser considerado como desfavorecedor. Entretanto, já seria esperado, pois uma das características da variante palatalizada é o traço [- anterior].

O traço [+alto] continua sendo favorecedor, pois os contextos mais [+alto] se mostram mais favorecedores, com peso de 0,648 para a vogal [u] e 0,588 para a vogal [i]. Os contextos [+posterior] e [+alto] juntos são os que apresentam maior efeito estatístico presentes na vogal [u].

O fenômeno da palatalização no português do Brasil é frequentemente motivado pelos traços vocálicos [+alto, +anterior]. Assim, podemos pronunciar [ʃ] na palavra tira [ˈʃira], mas [t] em outros ambientes, como em tara [ˈtara]: [+baixo, +central], ou em turva [ˈtuhva]: [+alto, +posterior]. É possível também se produzir [ˈoyʃu] ou [ˈoʃu] variando com [ˈoytu] (Cardoso, 1993:102). Portanto, espera-se a correlação entre os traços vocálicos precedentes [+alto, +anterior] e taxas mais altas de palatalização (SCHERRE & MACEDO, 2000, 58).

Este seria o esperado e provavelmente o que poderia ter sido mais favorecedor, contudo, confirmei que o traço [+alto], apesar de possuir menor influência, continua sendo favorecedor, pois se olhar atentamente para os resultados, o traço [+anterior] continua se revelando menos significativo, apesar de ser um dos traços presentes na vogal [i], mostrando então um maior efeito do traço [+alto].

Os traços [+posterior] e [+alto] apresentam um peso de 0,648. Apesar de [u] ser uma vogal alta, temos duas vogais posteriores favorecendo. Dessa maneira, conclui-se que há uma prevalência do traço [+posterior] sobre o [+alto], já que é a conjugação dos dois que está sendo analisada.

Pode-se perceber, por meio dos pesos relativos, que duas das três vogais posteriores mostram efeitos mais fortes. Se colocasse os fatores em uma hierarquia de pesos relativos, poderia ser disposta da seguinte maneira:

1 – [u]

2 – [ɔ]

3 – [i]

4 – [o]

5 – [e]

6 – [a]

7 – [ɛ]

Segundo Brescancini (2003), isto seria previsto, pois a palatalização em sibilantes tanto pode ser favorecida por vogais posteriores quanto pelas vogais frontais precedentes. A pesquisadora, a partir da proposta de Bhat (1978) quando estudou processos de palatalização em 120 línguas de diversas famílias, afirma que “Conclui-se, diante disso, que tanto o movimento de elevação da lâmina da língua em direção ao palato duro quanto o consequente movimento de retração sofrido pelo corpo da língua são importantes para o processo” (BRESCANCINI, 2003, p. 294).

Os resultados de Brescancini (2003), para o dialeto florianopolitano, demonstram que há a preferência de sibilantes se palatalizarem após vogais posteriores, e não apenas após vogais frontais, como o [i]. As análises demonstraram que, apesar disso, o peso relativo de 0,56, continuou abaixo de outros fatores como a vogal dorsal [a] com peso relativo de 0,62.

Ainda conforme a autora, dois movimentos articulatórios, para o dialeto florianopolitano, seriam fundamentais: um certo grau de elevação da língua, que seria proporcionada pela vogal [a], assim como a retração do corpo da língua favorecida tanto pela vogal e glide labial (/w, u, o, ɔ/) quanto pela vogal (/a/) (BRESCANCINI, 2003, p. 318).

Se assumimos que o movimento de retração da língua desempenha papel relevante na produção variável da fricativa palato-alveolar, parece lícito crer que quanto mais posteriorizada for a articulação da vogal precedente, até mesmo para os contextos menos favorecedores, pesos relativos cada vez maiores serão obtidos (BRESCANCINI, 2003, 319).

A proposta da pesquisadora se mostra válida a partir dos dados da palatalização em Caravelas. A vogal [+posterior], com grau mais alto de retração da língua, com o maior peso relativo, mostra-se o contexto vocálico mais favorável à produção da variante alveopalatal. Para a variedade de Florianópolis, o fator que se diferencia é a vogal [a], quando a vogal dorsal também apresentou um peso relativo que indicava favorecimento.

A grande surpresa de minha pesquisa está justamente relacionada ao efeito da vogal média baixa posterior [ɔ], embora seja posterior, apresenta efeito favorecedor mais forte do que a média alta [o]. O peso da vogal [ɔ] é de 0,621, enquanto a vogal [o] apresentou peso de 0,491. O efeito da baixa posterior [ɔ] é relativamente mais alto, o que evidencia a proposta de Brescancini (2003), mas ainda existem discussões a serem feitas acerca da presença do traço [+alto] na vogal [o] que parece não ser tão forte quanto penso. No entanto creio que posso dirimir algumas dúvidas depois de realizar melhorias no banco de dados a fim de minimizar problemas que poderiam estar relacionados a ele.

Certamente, como aponta Brescancini (2003), em sua pesquisa, a influência da posteriorização de vogais no PB apontada por ela, pode ser mesmo o melhor caminho para análise dos contextos favorecedores. Os traços [+posterior] e [+alto] estão presentes na variante palatalizada e a assimilação de traços, principalmente em relação ao [+posterior], seja suficientemente coerente para a explicação de contextos antecedentes favorecedores. Na hierarquia apresentada, seriam, então, as três vogais posteriores que apresentariam efeitos mais fortes, à exceção da vogal alta [i], que é anterior.

Finalmente, por meio dos resultados apresentados, concluo a hipótese inicial de que o traço [+alto] favoreceria a variante alveopalatal, bem como as impressões acerca da vogal [a] não se mostraram ser verdadeiras, apresentando peso relativo de 0,439. Talvez os fatores desta variável possam proporcionar uma discussão mais profunda acerca da posteriorização da vogal dorsal

no PB, bem como a posteriorização ser um dos principais fatores na análise do contexto vocálico antecedente. Então, concluiu que o traço [+posterior], como nos resultados da pesquisa em Florianópolis, favorece a variante [ʃ], mesmo realizando algumas ressalvas por se tratar de um contexto linguístico mais restrito de variação.

### 5.3.2.3. Variáveis linguísticas: contexto consonantal seguinte

Este grupo foi dividido em dois fatores: a oclusiva alveolar surda [t] e a africada alveopalatal surda [tʃ]. Pretendia verificar qual das duas consoantes favoreceriam a produção da variante palatalizada. Nas primeiras intuições, especulou-se não haver variação antes da africada, ou que pudesse acontecer uma ocorrência ínfima de alveolares antes do [tʃ], não sendo confirmado, como nos resultados da Tabela 2.4.

Tabela 2.4 – Tendência da variante alveopalatal em função do contexto consonantal seguinte na fala de 25 informantes

Consoantes seguintes	Peso relativo	Frequência (%)	Nº de ocorrências
[t]	0,481	64,6	683/1058
[tʃ]	<b>0,645</b>	76,3	100/131
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

Tinha conjecturado que a africada, por conta dos pontos de articulação, um deles seria a parte anterior da língua na região do palato duro, fosse um contexto favorecedor. Tal expectativa não se confirmou, mas a tendência se mostrou consistente, pois apresenta uma frequência de 76,3% e peso relativo de 0,645.

Olhando melhor os resultados, pode-se apreender que há um tipo de distribuição das variantes alveolar e alveopalatal entre os dois fatores deste grupo. Geralmente as ocorrências de [ʃ] se dão, em maior percentual, antes de [tʃ], e as alveolares, antes de [t]. Isso acontece por causa da aproximação entre os traços da variante com o contexto seguinte. Há um processo fonológico, a assimilação progressiva, na medida em que a variante palatalizada aparece antes do segmento com traços análogos, acontecendo a mesma situação com a variante alveolar.

Quadro 3.9 - Síntese dos traços das variantes de /S/ analisadas e dos traços do contexto fonético-fonológico seguinte

Traços das variantes analisadas		Traços das variantes presentes no contexto fonético-fonológico seguinte	
[s] - alveolar	[ʃ] - alveopalatal	[t] – variante oclusiva	[tʃ] - variante africada
[+ consonantal]	[+ consonantal]	[+ consonantal]	[+ consonantal]
[+ contínuo]	[+ contínuo]	[- metástase retardada]	[+ metástase retardada]
[+ coronal]	[+ coronal]	[+ coronal]	[+ coronal]
[+ anterior]	[- anterior]	[+ anterior]	[- anterior]
[+ surdo]	[+ surdo]	[+ surdo]	[+ surdo]
[- alto]	[+ alto]	[- alto]	[+ alto]

Os traços compartilhados entre o contexto seguinte e as variantes nos permitam esta análise, pois a africada é [-anterior] e [+alta], traços presentes na alveopalatal, assim como [t] possui os traços [+anterior] e [-alto], que também estão presentes na variante alveolar, conforme apresentado no Quadro 3.9.

Brescancini (2003), conforme os resultados de sua pesquisa, indica que à variante alveopalatal são preferíveis os contextos seguintes [+anterior, -alto]. Os percentuais obtidos para a variedade caravelense também corroboram esta análise, já que a ocorrência de alveopalatais antes das oclusivas se mantém na média, com 64,6%, enquanto que antes das africadas a frequência aumenta para mais de 75%, os pesos relativos acompanham as frequências com, respectivamente, 0,481 e 0,641.

Segundo Mota (2002), “a frequência com que se encontra o /t/, em posição medial, no léxico português [...] ultrapassa a de todas as outras consoantes [...] inclusive aqueles em que o segmento favorecedor está ausente, como o final diante de pausa” (2002, p. 400). A pesquisadora ainda considera que, em Salvador, assim como em outras áreas do Brasil, destacam-se a posição medial e a consoante não-contínua coronal /t/, principalmente a variante posteriorizada, o [tʃ]. Sendo assim, o contexto de variação em Caravelas é totalmente previsível, no entanto, somente antes de /t/, o torna ainda mais restrito.

Conforme Rollemberg, “Assim, por assimilação a consoantes [-ant] subsequentes, as implosivas alveolares teriam modificado seu traço anterioridade, tornando-se realizações [-ant +coron], por outras palavras, palatalizando-se” (ROLLEMBERG, 1993, p. 42 *apud* MOTA, 2002, p. 400). Em Salvador, conforme Mota (2002, p. 398), diante dos contextos favorecedores /t, d/ independentemente da posição, os pesos relativos são mais elevados diante de [tʃ], seguidos de [dʒ] e [t], todos em posição medial.

### 5.3.2.4. Variáveis linguísticas: tonicidade da sílaba

Esta variável foi selecionada em outros trabalhos, como o de Brescancini (2003). Nos resultados das pesquisas em Recife e Amapá, não foi considerada como estatisticamente significativa. Em Caravelas, a variável apresentou significância estatística.

Tabela 2.5 – Tendência da variante alveopalatal em função da tonicidade da sílaba na fala de 25 informantes

<b>Posição</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Pré-tônica	<b>0,527</b>	69,1	514/744
Tônica	0,493	66,2	264/399
Pós-tônica	0,181	10,9	05/46
<b>Total</b>	-	65,9	783/1189

A variante alveopalatal ocorre com maior frequência em posição pré-tônica (69,1%) sendo uma frequência um pouco maior do que a média, diferentemente da posição tônica que fica na média. Dois dos fatores do grupo possuem pesos que ficam muito próximos ao ponto neutro de 0,50. Entretanto, a pré-tônica favorece ligeiramente a variante palatalizada, com peso de 0.527, enquanto que a posição tônica apresenta efeito intermediário, com peso de 0.493. Para a pós-tônica, o peso relativo indica que desfavorece fortemente, com 0,181.

Em Florianópolis, o acento se mostra favorecedor para a produção da alveopalatal, sendo os contextos mais fortes, os produzidos com maior força articulatória, na emissão de sílabas pré-pretônicas – peso relativo de 0,64 –, pré-tônicas – com peso de 0,71 –, e tônicas – peso de 0,51, mostrando-se neutra (BRESCANCINI, 2003, p. 310). Conforme Brescancini, o fator pré-tônico indica que a sílaba contígua à tônica torna mais suscetível a palatalização quando compara com a também precedente pré-pretônica.

A posição forte, em Florianópolis, englobando as pré-pretônicas, pré-tônicas e tônicas, parece ser a maior indutora da produção alveopalatal em posição de coda, e a posição fraca, compreendendo as posições pós-postônica e postônica, passa a figurar como pouco favorecedora.

Segundo Brescancini (2003), em qualquer posição de /S/ na palavra, seja medial, final seguida de consoante e final absoluta, os contextos fortes e com [-voz] surgem como favorecedores da variante palatalizada.

Dessa maneira, em Caravelas, a variante alveopalatal parece seguir o que propõe Brescancini (2003) quando menciona que a posição pré-tônica tende a favorecer as produções palatalizadas, sendo a posição mais próxima à tônica. Mesmo assim, temos pesos muito parecidos para as posições pré-tônica e tônica, respectivamente, 0,527 e 0,493, indicando que essas posições, mesmo juntas, podem continuar apresentando favorecimento para a variante alveopalatal quando comparadas ao peso encontrado para a posição pós-tônica de 0,181, apresentando-se completamente desfavorecedor.

### 5.3.2.5. Variável linguística: categoria gramatical

Apenas um dos fatores linguísticos não foi selecionado como estatisticamente relevante, a categoria gramatical, no entanto, também não foi eliminada pelo programa GoldVarb. Optei por dividir o grupo em apenas quatro fatores: substantivo, adjetivo, verbo e outros. Vamos aos resultados que serão apresentados na Tabela 2.6:

Tabela 2.6 – Tendência da variante alveopalatal em função da categoria gramatical em duas rodadas na fala de 25 informantes

Categoria	Pesos Relativos	
	Rodada Geral: Último nível para seleção	Rodada Geral: Nível com significância na amostra
Adjetivo	[0,633]	0,622
Verbo	[0,538]	0,538
Substantivo	[0,464]	0,447
Outros	[0,435]	0,504

Devo lembrar que os resultados apresentados na Tabela 2.6 são de uma variável que não foi considerada como estatisticamente significativa. Decidi apenas apontar que em Caravelas, assim como em outros trabalhos, o grupo não foi selecionado. Contudo, como percebido, o fator que se apresenta mais favorecedor, caso a variável fosse selecionada, é o adjetivo com peso relativo de [0,622], seguido do verbo, com [0,538]. O substantivo e a categoria outros parecem se comportar de modo diferente, com pesos de [0,447] e [0,504]. Parece inibir a palatalização do /S/, o substantivo, já a categoria outros, mostra-se neutra. Nos trabalhos em Recife e Amapá, este grupo de fatores também não foi selecionado.

Em Salvador, globalmente, as frequências mais elevadas se dão nos verbos e considerados junto com a posição medial, em um cruzamento de variáveis, os pesos relativos significativos são dos verbos com 0,57 e 0,59, nas amostras I e II, (MOTA, 2002, p. 316). Apesar da classe

morfológica não ter se mostrado estatisticamente relevante para a palatalização, com pesos relativos não significativos e considerados de modo global para as duas amostras, indicando a influência de outras variáveis, dimensão do vocábulo, dissílabo, trissílabo e polissílabo, bem como a tonicidade da sílaba.

Nos resultados obtidos em Caravelas, os adjetivos se resumem a 69 ocorrências na amostra, entretanto, dentro do grupo de fatores favorecem a palatalização. É necessário relativizar este fator, tendo em vista que são casos como *histórica*, *estranho*, *gostosa*, *turística*, entre outros vocábulos, nos quais, como apontado por Mota (2002), parecem receber influências de outras variáveis.

Os resultados de Scherre e Macedo (2000), no Rio de Janeiro, indicam que “palatais ocorrem mais com classes gramaticais que tendem a resistir a processos de enfraquecimento ou de cancelamento: substantivo próprio (0,68), substantivo comum (0,59), numeral (0,76) e verbos (0,60)” (SCHERRE E MACEDO, 2000, p. 62). O mesmo não acontece em Caravelas, a categoria substantivo acaba inibindo a ocorrência de palatais.

A expectativa era de que os verbos fossem selecionados como os mais favorecedores. Por ser uma variação com resultados sociais parecidos com casos de João Pessoa, imaginava que a categoria também pudesse ser selecionada dentro do grupo com o maior peso. O verbo veio logo depois do adjetivo, apresentando-se neutro. Em João Pessoa, Hora (2003) considera que “o verbo é a categoria gramatical mais favorável à aplicação da regra pelo fato de ser também a mais freqüente no *corpus*” (HORA, 2003, p. 83).

Em resumo, o capítulo 5 ficou encarregado de apresentar os resultados obtidos. Na análise geral, as variáveis sexo/gênero e escolaridade foram selecionadas. Na rodada com cruzamento das variáveis escolaridade e sexo/gênero, a faixa etária também foi selecionada. Globalmente, falantes mais velhos, aqueles com 50 anos ou mais, e as mulheres, favorecem a variante alveopalatal. Mas a escolaridade apresenta tendências diferentes para homens e mulheres. Na rodada geral, também foram selecionadas as variáveis linguísticas posição na palavra, contexto vocálico antecedente, contexto consonantal seguinte, e tonicidade da sílaba.

No próximo capítulo, falarei sobre os casos considerados como duvidosos. Vamos para o tira-teima sobre aqueles casos que não consegui identificar as variantes nas entrevistas sociolinguísticas, mas devo lembrar que tive de buscar novos dados por conta da qualidade dos

áudios das entrevistas não ser muito boa. Fique ligado, pois é uma discussão bem interessante e que me ajudou na tentativa de encontrar uma resposta para as dúvidas.

## 6. DA ACÚSTICA E ARTICULAÇÕES: COMENTANDO A TEORIA ACÚSTICA E AS FRICATIVAS

---

Este capítulo foi dedicado aos comentários e técnicas empregadas nas discussões sobre a teoria acústica utilizada, bem como ao esclarecimento dos casos de dúvida sobre a confirmação de quais variantes ocorriam no momento da codificação dos dados. Encontrei muitos casos duvidosos quando na identificação da variante nos dados de produção, inicialmente, as entrevistas sociolinguísticas.

No capítulo 03, item 3.3, estão descritos os meios utilizados para o levantamento dos dados referentes ao estudo das dúvidas, ou seja, os meios utilizados para entender a dificuldade em discernir as variantes alveolares e alveopalatais em outra amostra constituída para a análise dos casos imprecisos. Os 65 casos, representando um pouco mais de 5% dos dados da amostra, considerados como duvidosos foram retirados da análise sociolinguística. Então, montei um pequeno *corpus* com a leitura gravada de um conto.

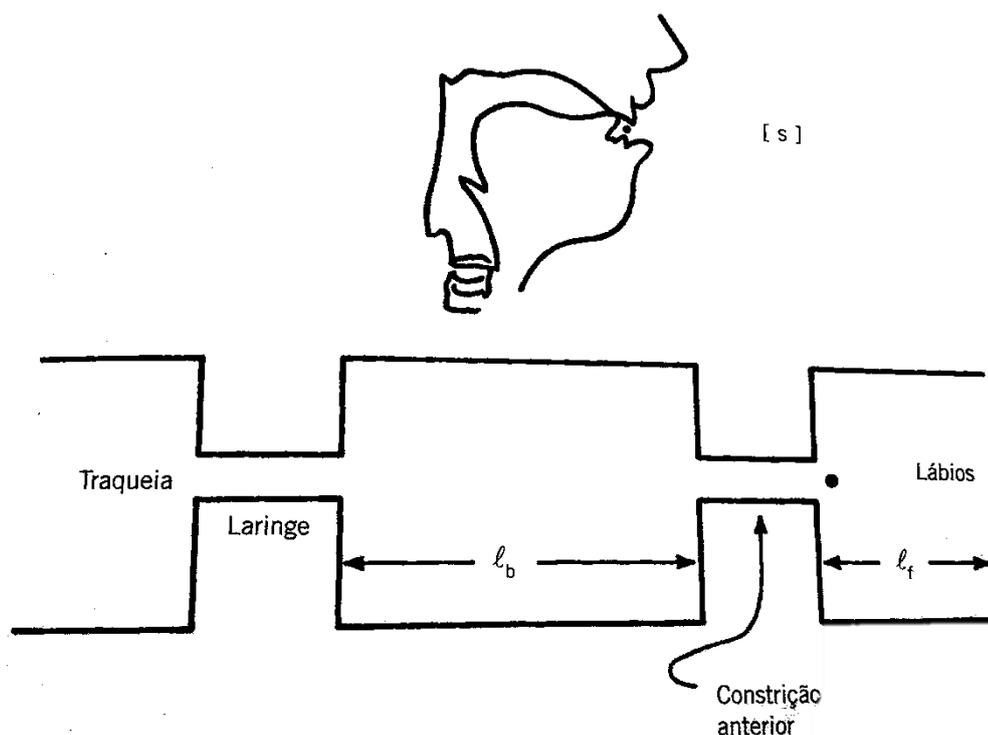
Sendo assim, farei uma breve discussão sobre a teoria linear fonte-filtro da produção da fala, especificamente a teoria da perturbação, uma proposta de Gunnar Fant, no início da década de 60. “Essa teoria é importante para se entender as relações acústico-articulatórias, bem como para fornecer fundamentos para muitos procedimentos necessários a uma análise acústica da fala e para métodos populares de síntese da fala” (KENT & READ, 2015, p. 37). Também teço comentários sobre os resultados da análise das dúvidas relacionadas à identificação das variantes.

### 6.1. Da acústica das fricativas: a teoria acústica de produção da fala

Conforme Ladefoged e Maddieson (1986), as fricativas podem ter ou não obstáculo. Aquelas que possuem obstáculo são consideradas como estridentes (são as fricativas de alta intensidade [s, z]), aquelas que não possuem obstáculo são denominadas não estridentes (são as fricativas de baixa intensidade [f, v]) (LADEFOGED E MADDIESON, 1986 *apud* KENT & READ, 2015, p. 75).

Ainda conforme Kent & Read (2015), os pontos principais para conseguirmos produzir um som fricativo são: (i) fazer uma constrição em algum ponto do trato vocal e (ii) fazer com que o ar seja forçado em alta velocidade através da constrição. Depois, propõem um modelo para o trato vocal no momento de pronúncia de uma fricativa alveolar surda [s], mostrado na Figura 4.2.

Figura 4.4 - Modelo de trato vocal para a fricativa /s/



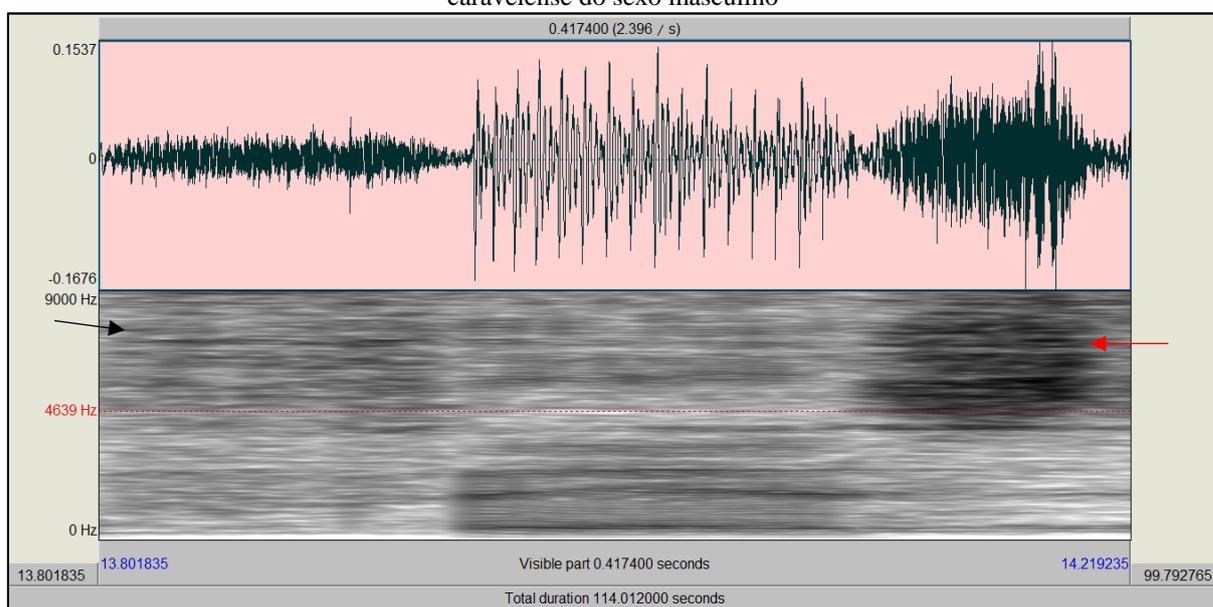
Fonte: Kent & Read, 2015, p. 77.

Na Figura 4.2, estão representados os movimentos necessários para a produção da alveolar surda, mostrando, desde a traqueia aos lábios, os articuladores envolvidos nesse processo. A constrição anterior representa onde o trato vocal é parcialmente fechado para provocar a pequena abertura na produção da turbulência, ou o ruído característico das fricativas.

Conforme Jongman, Wayland & Wong (1998), as propriedades espectrais do ruído provocado pelo estreitamento do trato servem para distinguir as fricativas estridentes, ou sibilantes, /s, z, ʃ, ʒ/ do grupo das não estridentes, ou não sibilantes, /f, v, h/. Dentro do grupo das sibilantes, ainda podem ser distinguidas /s, z/ de /ʃ, ʒ/ a partir das propriedades espectrais do ruído (1998, p. 196). Elas também podem ser distinguidas a partir do tempo de duração do ruído, porém, neste trabalho, serão vistas as características dos picos espectrais. Faço uma distinção entre elas por meio dos picos de frequência.

Para Kent & Read (2015), quando a cavidade anterior é muito curta, como no caso das fricativas labiodentais [f, v], a sua menor frequência de ressonância é muito alta para fornecer um formato apreciável de energia de ruído, ou seja, fica mais difícil enxergar no espectrograma. Conseqüentemente, o espectro para essas fricativas é plano ou difuso, perdendo picos proeminentes ou vales. Porém, quando o ponto de articulação passa para a cavidade oral, torna-se mais anterior. Quando nos alvéolos, por exemplo, a extensão da cavidade frontal aumenta, e isso faz com que sua frequência mais baixa diminua. No caso do [s], a alveolar surda, a frequência mais baixa está em cerca de 4,5 kHz, para um homem adulto.

Figura 4.5 – Forma de onda e espectrograma da sílaba [ˈfɛs] da palavra *feſta* produzida por um falante caravelense do sexo masculino



Perceba que, na Figura 4.5, a alveolar fica bastante nítida, possuindo um ruído em frequências mais baixas, indicado pela seta de cor vermelha. Entretanto, para a fricativa labiodental, a energia de ruído fica difusa, como apontado na região assinalada pela seta de cor preta. Não se consegue identificar claramente o ruído da labiodental pelo fato de ser produzido em articuladores à frente da cavidade anterior.

Para Kent & Read (2015), como um grupo, as fricativas não estridentes são fracas em energia total e possuem espectros bastante planos ou difusos. Para eles, a diferença de energia entre estridentes e não estridentes torna improvável que esses grupos sejam confundidos, pois a energia de ruído das estridentes é bem maior, facilitando a identificação entre eles. E, quando ocorrem confusões, elas são mais prováveis dentro de cada grupo, entre as estridentes, ou entre as não estridentes (2015, p. 273).

Kent & Read (2015) dizem que algumas propriedades como amplitude e duração não distinguem muito bem as fricativas estridentes, mas as características espectrais sim. Porém, o desafio estaria em selecionar uma característica espectral distintiva que pudesse se tornar confiável. Por isso a identificação de fricativas estridentes geralmente pode ser realizada por meio do espectro de ruído.

## 6.2. Das análises: os resultados das dúvidas entre alveolares e alveopalatais

Para que eu pudesse identificar qual das duas variantes estava ouvindo, no momento do levantamento de dados, apenas as distinguiu no momento de produção do som, por critérios puramente auditivos. Porém, em alguns casos, só isso não bastava. Havia dificuldade em identificar a variante, inicialmente, por causa da qualidade do áudio. Sendo assim, por vezes, era difícil perceber em que momento se tratava de uma alveopalatal ou de uma alveolar. No entanto, mesmo em entrevistas sociolinguísticas que possuíam menos ruídos externos, as dúvidas continuaram aparecendo.

Sendo assim, achei necessário estudar esses casos, minimamente, porque tiveram de ser retirados do volume de dados. Decidi voltar a dados dessa natureza, e encontrar uma resposta viável para as dúvidas, que apareciam de maneira recorrente. Dessa maneira, voltei à Caravelas para colher mais dados, especificamente para estudar os picos espectrais das frequências e fazer uma análise estatística dos casos.

Optei por utilizar quatro falantes do sexo masculino, que também fazem parte da amostra de fala de Caravelas. Na gravação, pedi que fizessem a leitura de um conto. Foram seis repetições. Obtive um total de 312 repetições, com 11 palavras<sup>54</sup>. Os picos espectrais das frequências obtidas com duas das palavras, *sapa* e *chapa*, em *onset* silábico, foram usados como referência para minimizar casos de dúvida que surgissem na leitura do conto.

Os espectrogramas não são ideais para um exame das características espectrais da fricativa. Para isso, é mais indicado usar espectros que sejam denominados por métodos como FFT ou LPC. Uma linha para a distinção espectral das fricativas alveolares e alveopalatais é baseada

---

<sup>54</sup> Esses detalhes já foram vistos no capítulo 3.

em uma comparação das maiores regiões de ruído da fricativa, como apontado nas figuras 4.4 e 4.5.

As regiões de maior concentração de ruído, marcadas nos espectrogramas com [s] e [ʃ], permitem diferenciar as variantes. A energia de ruído da figura 4.4 está centralizada em frequências mais baixas em relação à concentração de ruído na figura 4.5. Nas figuras 4.4 e 4.5 estão dois espectrogramas da palavra *estava*, de dois informantes diferentes.

Figura 4.6 - Forma de onda e espectrograma da palavra [eʃ'tavɐ] produzida por um caravelense do sexo masculino

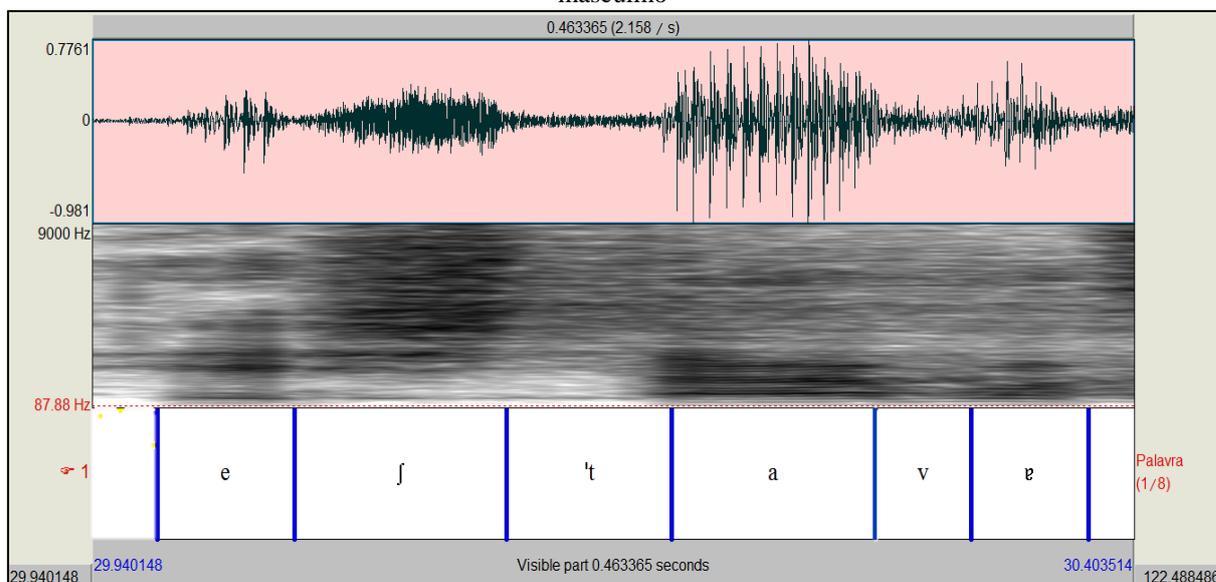
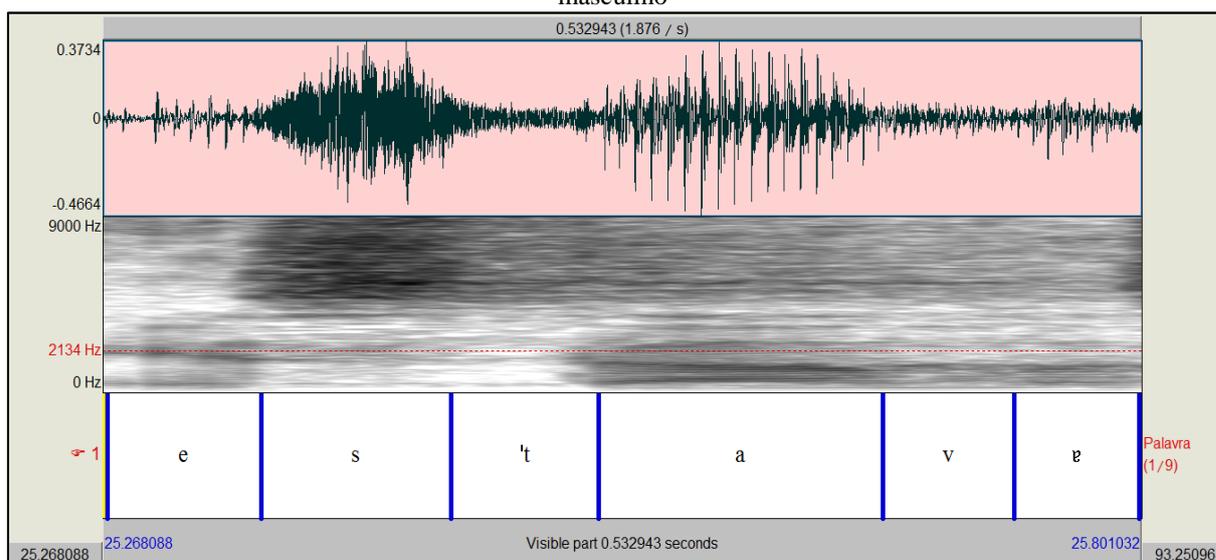


Figura 4.7 - Forma de onda e espectrograma da palavra [es'tavɐ] produzida por um caravelense do sexo masculino



Na Figura 4.4, temos a variante palatalizada, e, na Figura 4.5, a variante alveolar. Os picos espectrais encontrados são de 2,5 kHz, para a alveopalatal, e 5,5 kHz, para a alveolar, retirados dos picos das respectivas figuras. Então,

[...] pode-se dizer que [s], comparado a [ʃ], tende a ter um pico espectral de frequência mais alta, maior assimetria (mas não uniformemente em todos os estudos), mais energia na região de frequência de 3,5-5,0 kHz (em oposição à região de frequência 2,5-3,5 kHz) e uma inclinação mais rasa para o envelope espectral abaixo de 2,5 kHz (KENT & READ, 2015, p. 270).

Perceba que as concentrações de ruídos estão em regiões de frequências diferentes. Na variante alveolar, as energias ruidosas estão um pouco mais acima em relação à variante palatalizada. Isso significa que temos regiões de frequência mais baixas em [ʃ] e mais altas em [s].

### **6.2.1. Os resultados estatísticos: resolvendo os casos duvidosos**

A dificuldade em caracterizar qual das variantes ocorria em alguns dados permitiu que me atentasse para a análise desses casos. Desde sempre, acreditava que a dificuldade na identificação caracterizava, além dos critérios articulatórios, uma mudança na região de frequência.

Como dito, penso que, na variedade caravelense, estou lidando com um caso de diluição dos contextos favorecedores das variantes palatalizadas. Com a ajuda dos resultados gerais, as análises em todos os contextos, percebe-se que a força da frequência de ocorrência das alveolares pode ser um fator a indicar o desaparecimento das alveopalatais. Acredito estar diante de um caso de mudança, mesmo que nos casos diante de /t/ existam mais ocorrências das alveopalatais.

Sendo assim, precisava de uma comprovação física para poder confirmar que os casos de dúvidas não eram somente por causa da qualidade do áudio das entrevistas sociolinguísticas, e sim, por causa da mudança na região de constrição das variantes antes de /t/ provocando as mudanças nas frequências. O sentido da mudança previsto aqui é de que as alveopalatais [ʃ] estão adquirindo constrições mais anteriores, em direção a constrições mais próximas de [s], contribuindo para o aumento na região de frequências.

Para isso, foram colhidos novos dados, e com um controle das ocorrências de /S/ antes de /t/. Utilizei quatro informantes que fazem parte da amostra: 2 homens de ensino superior; e 2 de ensino médio. Nas análises sociolinguísticas, os resultados mostravam que a escolaridade é um dos fatores que desfavorecem a palatalização. Dentro do grupo, os informantes de ensino médio

são os que favorecem e, os de ensino superior, desfavorecem. Estes foram os critérios para selecionar os informantes, pois as ocorrências de alveopalatais seriam mais nítidas antes de /t/ nos informantes com até 11 anos de escolarização, e de alveolares em informantes com mais de 11 anos de escolarização.

#### **6.2.1.1. Conferindo as fricativas por meio dos picos espectrais**

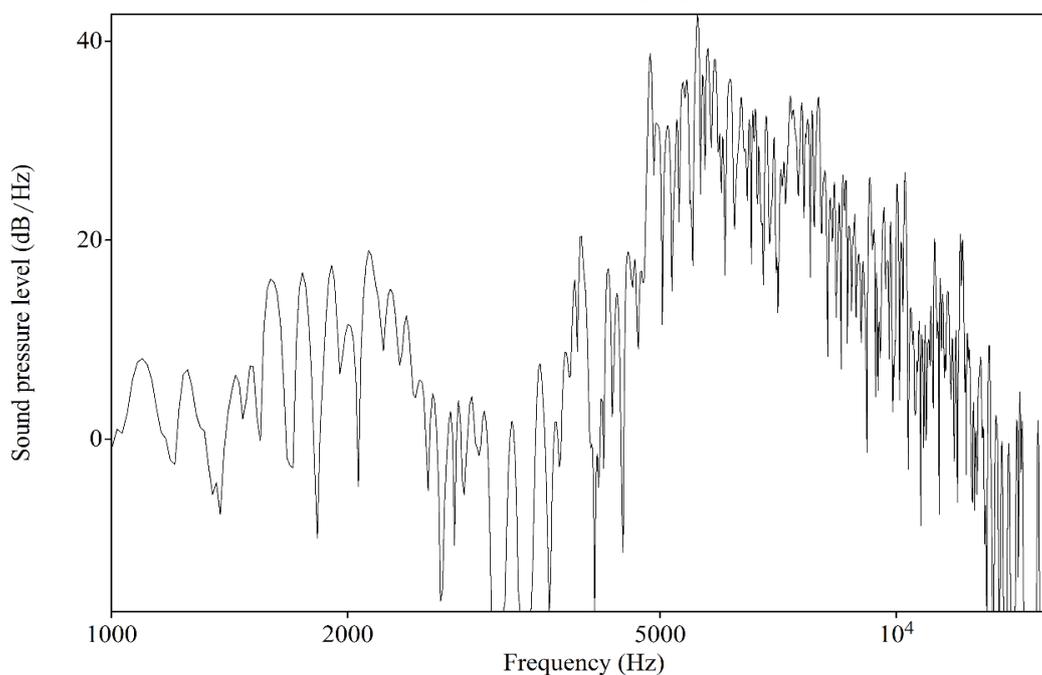
Para sanar os casos de dúvida, devo considerar as pistas essencialmente acústicas, já que os dados considerados duvidosos aconteceram por conta dos critérios puramente auditivos na identificação deles. Sendo assim, estes critérios não foram suficientes para a identificação entre as variantes.

As fricativas não são a única classe de sons que envolvem a geração de ruído. Porém, quando comparadas a outras consoantes como as oclusivas e africadas, possuem relativamente longas durações de ruído, e é o intervalo de ruído extenso de energia aperiódica que distingue as fricativas como uma classe de sons. No entanto, é arriscado atribuir uma duração específica para as fricativas porque pode ser influenciada por diversos fatores contextuais (KENT & READ, 2015, p. 264).

Segundo Klatt (1974, 1976), a duração da fricativa [s] pode se estender de 50 ms em encontros consonantais a 200 ms em posição final de sintagma (KLATT, 1974, 1976 *apud* KENT & READ, 2015, p. 264). Porém, é assegurado que quando comparadas as fricativas, oclusivas e africadas em um contexto equivalente, de maneira geral, as fricativas possuem os segmentos

ruidosos mais longos. Mesmo assim, são valores de frequências aproximadas (KENT & READ, 2015).

Figura 4.8 - Espectro de Fourier na região central da fricativa [s] em posição medial seguida de [t], da palavra *estava* analisado no programa Praat

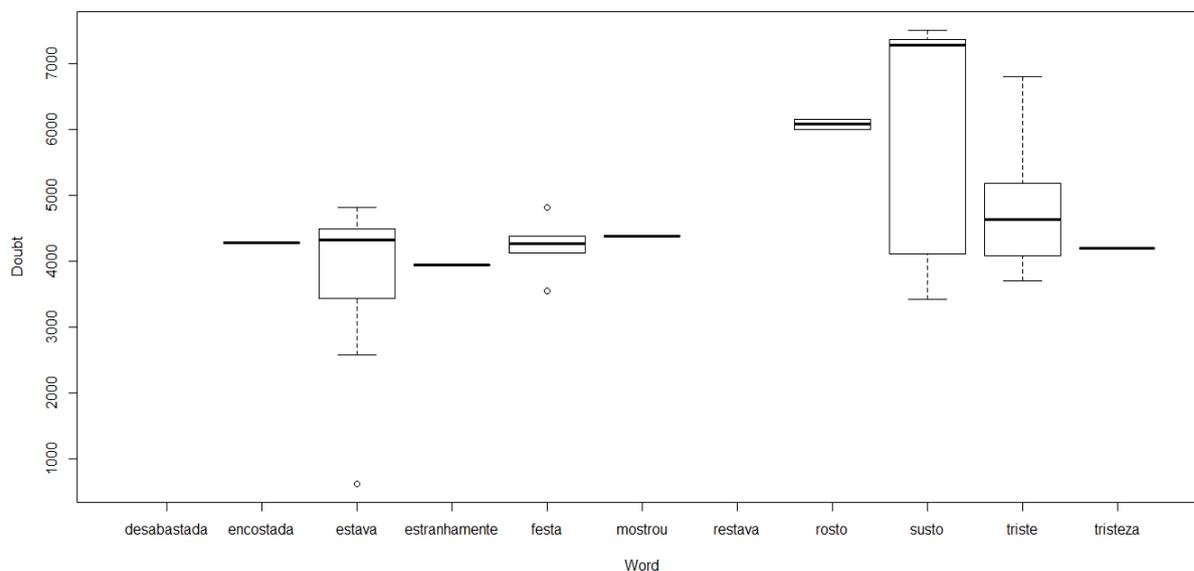


De cada uma das repetições, foi retirado um espectro como o mostrado na Figura 4.6. O pico espectral do [s], na Figura 4.6, foi de 5575,84 Hz. A associação desse pico à variante alveolar foi confirmada por meio de critérios acústicos, pois a região de frequência, além do espectro de ruído, possibilitou esta conclusão.

Sendo assim, como já apontado, os picos espectrais são uma ferramenta bastante eficiente para a caracterização das fricativas. No entanto, deve-se lembrar que ainda estão sendo levantados processos para que as fricativas sejam identificadas proficientemente, a fim de minimizar casos de dúvida na identificação delas (KENT & READ, 2015).

A proposta, quando encontrei os casos duvidosos, era de uma aproximação maior desses casos à variante alveolar. As variantes alveopalatais eram mais nítidas para identificação, no momento da análise sociolinguística. Sendo assim, nas ocorrências das dúvidas, pensei ser necessário comprovar de que maneira poderia ter classificado os casos que tiveram de ser retirados da análise. Acredito que haveria uma aproximação muito maior dessas frequências às frequências dos dados considerados como alveolares.

Gráfico 5.5 - Frequências consideradas como dúvida em função das palavras – Doubt (médias das frequências dos casos duvidosos) vs Word (palavras controladas na leitura do conto)



O Gráfico 5.5 aponta que a maioria das médias das frequências obtidas estão acima de 4000 Hz. Só isso já permite dizer que as frequências dos casos considerados duvidosos poderiam ser estimadas, minimamente, como dentro da região de frequências das alveolares.

Saliento que as palavras que não possuem informações são aquelas onde não aconteceram casos duvidosos. Dos 04 informantes analisados, as ocorrências duvidosas ficaram distribuídas em 09 palavras. Em apenas duas delas não foram encontradas dúvidas na identificação das variantes, as palavras *restava* e *encostada*. Creio que as ocorrências de ambas as variantes, nessas palavras, ficaram bastante claras, tanto para identificação da variante alveolar quanto para a alveopalatal.

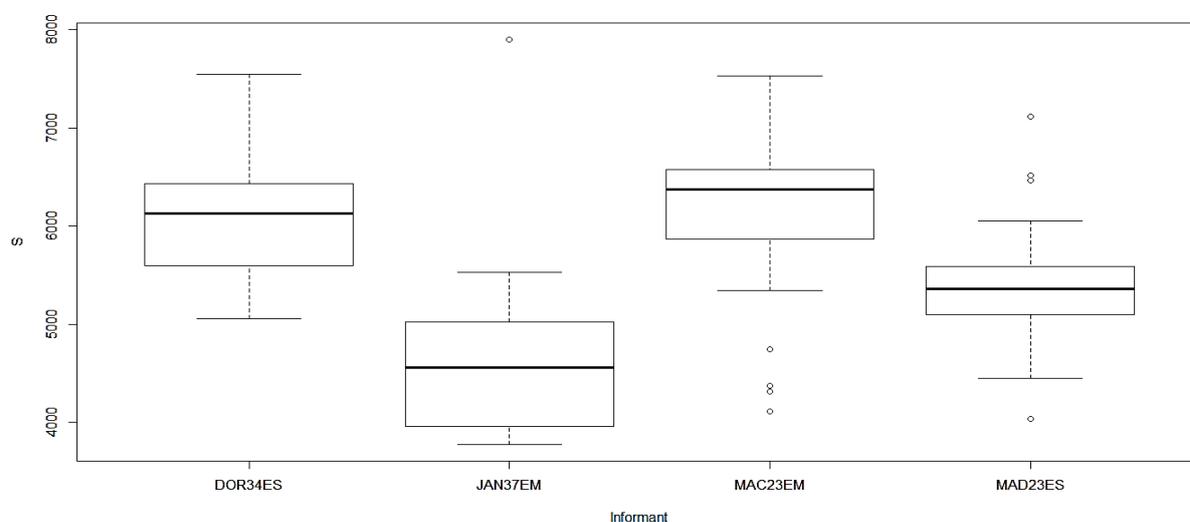
Perceba que os dois contextos vocálicos antecedentes que apresentam as frequências mais altas são os posteriores, presentes em *susto* e *rosto*. Justamente os que mais favorecem a palatalização. No entanto, a palavra *susto*, apresenta a maior oscilação de frequências, desde 3,5 kHz a 7 kHz.

A influência do contexto seguinte produzido no palato, uma região pós-alveolar, pode proporcionar o abaixamento de frequências em razão do local de constrição. Segundo Haupt (2007, p. 40), “a localização da constrição determina as ressonâncias das frequências da fonte de ruído, não havendo diferenças em frequências entre surdas e sonoras”. Ainda conforme a autora, a configuração do trato é decisiva para as ressonâncias das frequências. Isso me permite

dizer que pode existir uma influência do contexto vocálico, mas não é a proposta desse estudo analisar mais a fundo esse parâmetro.

Imaginando que teria uma resposta positiva em relação ao aumento das frequências de ressonância, fiz um teste estatístico que levou em consideração as frequências obtidas de [s], com as repetições das palavras, em razão dos informantes. Na Gráfico 5.6, consta o resultado das médias de frequências dos picos espectrais em função dos informantes:

Gráfico 5.6 - Resultados da comparação dos informantes com as médias das frequências obtidas de [s] – S (médias das regiões de frequências da alveolar surda [s]) vs Informant (informantes analisados na leitura do conto)



O informante JAN37EM<sup>55</sup> apresenta a média de frequências de [s] mais baixas, com média abaixo de 5 kHz, já MAC23EM apresenta as mais altas, com média acima de 6 kHz. Numa gradação ascendente por média de frequências obtidas, seria:

1° – MAC23EM

2° - DOR34ES

3° - MAD23ES

4° - JAN37EM

Seria esperado, pois, por razões fisiológicas, que o tamanho do trato influencia nas regiões de frequência, sendo que os tratos vocais maiores produziram regiões de frequência mais baixas e tratos menores regiões de frequência mais altas. Quando comparados dois a dois, em se

<sup>55</sup> Devo lembrar que, pela estatística, temos apenas dois grupos de dados: JAN37EM e MAC23EM; MAD23ES e DOR34ES.

tratando dos quatro informantes, temos um resultado ainda mais interessante, principalmente, quando alio os resultados sociolinguísticos aos testes estatísticos:

Tabela 2.7 - Resultados dos valores de  $p$  nas comparações entre os fatores da variável informante em função das médias obtidas de [s]

<b>Informantes (dois a dois)</b>	<b><math>\alpha=0,05</math></b>
<b>JAN37EM-DOR34ES</b>	0.0000031
<b>MAC23EM-DOR34ES</b>	0.7151147
<b>MAD23ES-DOR34ES</b>	0.0000000
<b>MAC23EM-JAN37EM</b>	0.0000005
<b>MAD23ES-JAN37EM</b>	0.1272622
<b>MAD23ES-MAC23EM</b>	0.0000000

O efeito mais significativo para [s] é quando comparados os informantes MAD23ES e DOR34ES, além de MAD23ES e MAC23EM. Um dos fatores selecionados pelo GoldVarb X que desfavorece a regra de palatalização é o Ensino Superior. Quando os dois informantes com Ensino Superior são comparados juntos em função da média de frequências para o [s], temos um grau de significância elevado. Levando em consideração as análises sociolinguísticas, já viu que eles apresentam uma frequência percentual menor de alveopalatais antes /t/, bem como desfavorecem a variante palatalizada.

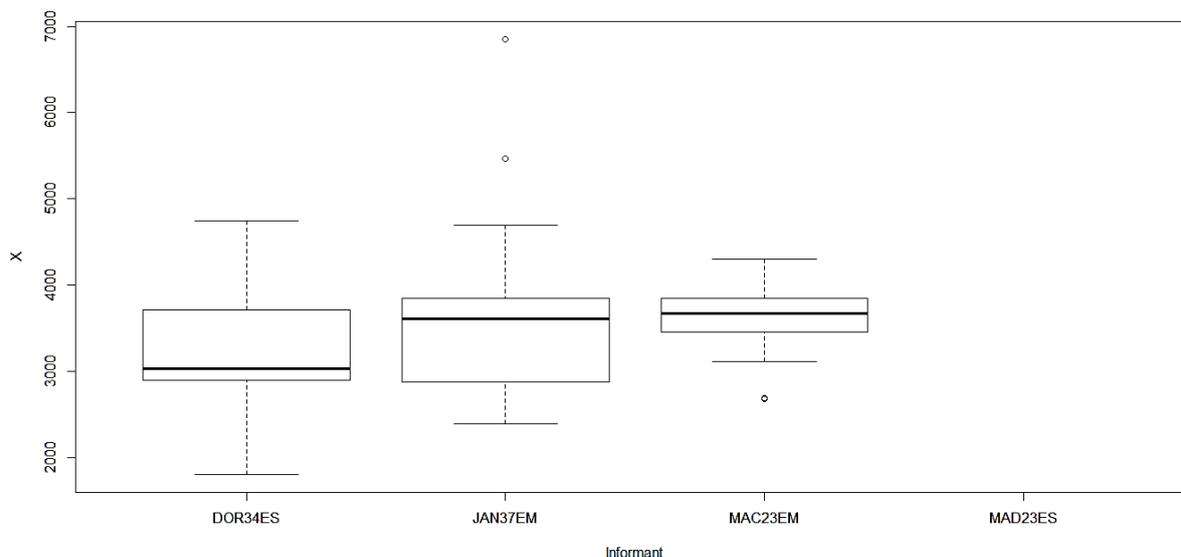
A diferença de comportamento entre os informantes é significativa (com  $p < 1.06^{-13}$ )<sup>56</sup>. Acredito que a mudança na região de frequência também poderia conduzir à ideia de que, com o aumento das frequências, esteja havendo mudança na região de articulação das variantes antes de /t/, proporcionando uma identificação das frequências à variante alveolar.

Ainda levando em consideração as análises sociolinguísticas, os dois informantes mais jovens também parecem inibir a produção da variante palatalizada favorecendo a variante alveolar, corroborando os resultados apresentados no quinto capítulo.

No Gráfico 5.7, estão as frequências obtidas de [j], em razão dos informantes:

<sup>56</sup> Os resultados dos testes realizados estão em anexo.

Gráfico 5.7 - Resultado da comparação dos informantes com as médias das frequências obtidas de [j]



Os informantes não se distinguiram estatisticamente para o [j], com  $p < 0.216$ . As frequências da alveopalatal para os três informantes estão abaixo de 4 kHz - o último informante, MAD23ES, na leitura do conto, não produziu a variante palatalizada, no entanto, apresenta casos considerados como dúvida. Significa que temos produções de [j] bem definidas, pois as frequências mais graves podem colaborar para a identificação das alveopalatais. Olhe, na Tabela 2.8, os valores encontrados das comparações entre os informantes:

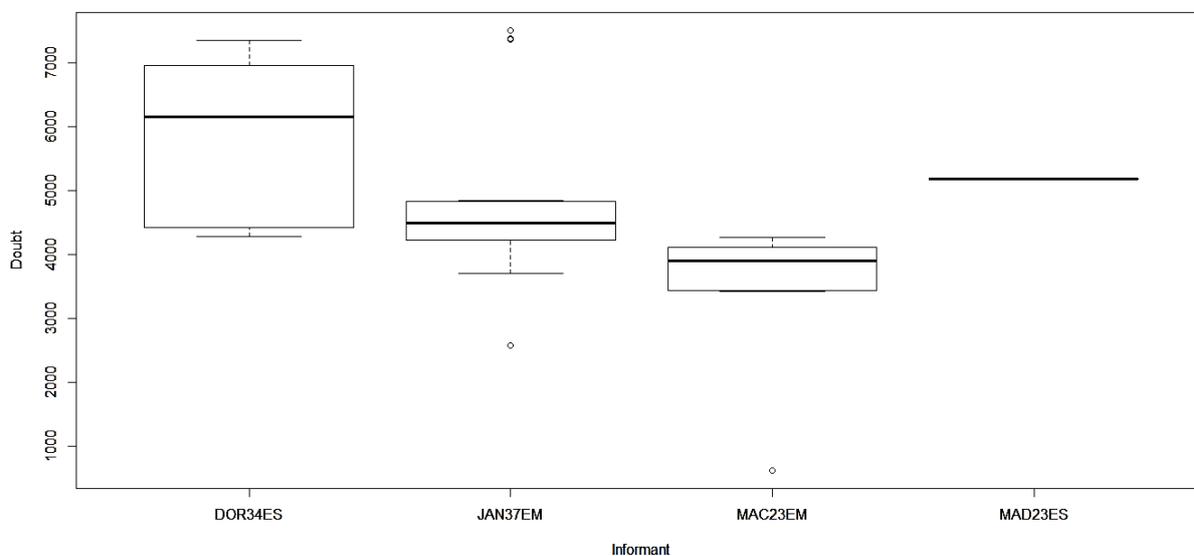
Tabela 2.8 - Resultados dos valores de  $p$  nas comparações entre os fatores da variável informante em função das médias obtidas de [j]

<b>Informantes (dois a dois)</b>	<b><math>\alpha=0,05</math></b>
<b>JAN37EM-DOR34ES</b>	0.3286904
<b>MAC23EM-DOR34ES</b>	0.1890260
<b>MAC23EM-JAN37EM</b>	0.8209406

Com o resultado das duas variáveis, posso dizer que, de maneira geral, há um aumento das frequências em função dos informantes, fazendo com que a mudança nas frequências esteja sendo favorecida por indivíduos com maior escolaridade, pois, em relação ao nível de significância, os dois informantes de ensino médio, com até 11 anos de escolarização, indicam maior desfavorecimento, com  $p < 0.8209$ , quando comparados os três valores de  $p$  obtidos.

Passarei aos resultados das frequências consideradas como casos de dúvida. Observe:

Gráfico 5.8 - Resultado da comparação dos informantes com as médias das frequências obtidas que foram consideradas como dúvida



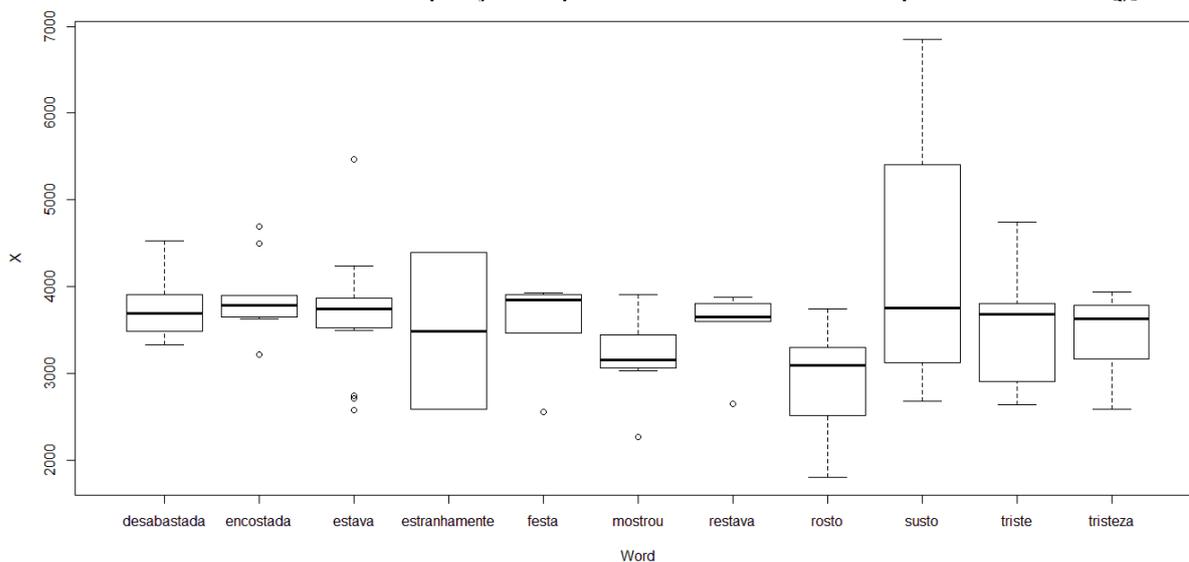
Para o informante MAD23ES, as médias das frequências consideradas como casos de dúvidas estão por volta de 5,5 kHz. A maioria dos casos duvidosos, apenas pela região de frequência, poderiam ser considerados como alveolares, conforme os resultados apontados no Gráfico 5.5. As médias mais baixas se concentram em MAC23EM, por volta de 4,2 kHz. O gráfico 5.8 nos permite dizer que os casos duvidosos, estavam, teoricamente, nos limites entre as frequências de [s] e [ʃ], entre 4,2 kHz e 5,5 kHz.

Por meio dos resultados no Gráfico 5.8, posso apontar que informantes com Ensino Superior tendem para produção de sons em regiões de ressonâncias mais agudas. Isso significa que produzem sons que tenderiam a ser identificados como [s].

Havia uma razão para serem classificados como dúvida os casos não identificados nos dados da análise sociolinguística. Não somente por causa da qualidade dos áudios das entrevistas sociolinguísticas, antes, por causa da mudança nos picos espectrais, nos quais comprovaram a hipótese inicial de mudança das regiões de ressonância.

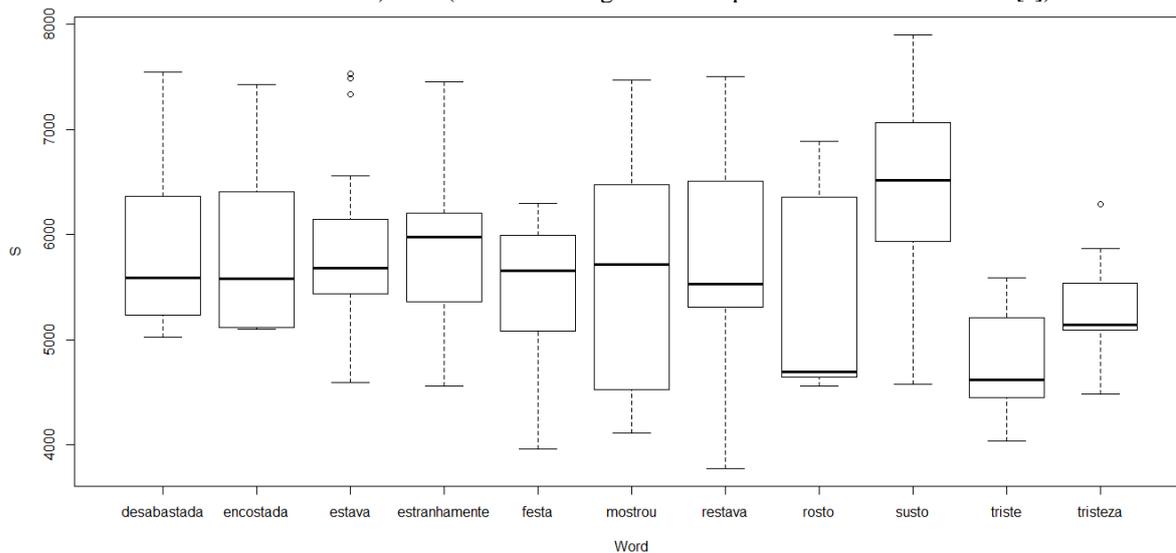
Todos os casos duvidosos possuem médias de frequência acima de 4 kHz, conforme o Gráfico 5.5. As maiores médias foram obtidas nas palavras *rosto*, *susto* e *triste*. Não foi uma variável estatisticamente significativa, com  $p < 0.055$ , não foram encontrados efeitos significativos para a palavra. Porém, em relação a duas palavras, *rosto* e *susto*, as médias ultrapassam 6 kHz.

Gráfico 5.9 - Resultado da comparação das palavras com as médias das frequências obtidas de [ʃ]



Para as médias das frequências de [ʃ], a palavra foi considerada um efeito significativo, com  $p < 0,00969$ . A partir delas, que não ultrapassam os 4 kHz, posso apontar que não há dificuldade em reconhecer as variantes alveopalatais. Com os dados de produção, esta variante ficaria mais clara no momento de identificação para as análises por causa da região mais grave das ressonâncias. Comparando as palavras em função das médias de frequências de [s]:

Gráfico 6.1 - Distribuição das médias de frequências obtidas em função da palavra – Word (palavras controladas na leitura do conto) vs S (médias das regiões de frequências da alveolar surda [s])



Foi feita uma análise da palavra e dos informantes em função das frequências consideradas como [s]. A palavra foi considerada estatisticamente relevante para a produção de [s], assim como para o informante, apresentando  $p < 5.12^{-05}$  para a palavra, e  $p < 2.47^{-16}$  para o informante.

Assim, posso apontar que talvez exista um movimento dos informantes em direção à variante [s]. Note que, mesmo nas produções consideradas como casos da variante alveolar, a palavra *susto* continua possuindo as frequências mais altas, apesar de ser uma vogal posterior no contexto vocálico antecedente.

Quando as duas variáveis são consideradas juntas em função das frequências de [s], tornam-se altamente favorecedoras com valores muito próximos de zero ( $p < 5.12^{-05}$  e  $p < 2.47^{-16}$ ), apresentando um nível de significância elevado. Quando é realizada uma análise estatística das frequências de [s] apenas em função da palavra, é obtido um valor de  $p < 0.0058$ . Considero que, no plano do indivíduo, por meio dos resultados, seriam encontrados níveis mais elevados de significância a favor da variante [s].

#### **6.2.1.2. Para finalizar os comentários sobre os resultados obtidos dos casos duvidosos**

A análise das frequências obtidas dos picos espectrais das variantes alveolares e alveopalatais permite dizer que o problema na identificação das variantes nas entrevistas sociolinguísticas não era fortuito. Realmente, a dificuldade merecia uma análise mais apurada. Comprovei que algumas ocorrências possuíam uma região de frequências intermediárias entre as possibilidades de realização das variantes.

Queria perceber se havia uma relação desses casos com os resultados sociolinguísticos. Ambas as análises, tanto acústicas quanto sociolinguísticas, possibilitam caminhar no sentido de que, aos poucos, as variantes palatalizadas estão apresentando regiões de frequências mais altas. Ansiava por uma comprovação decisiva de que os casos de dúvidas seriam mesmo assim.

As médias das frequências de dúvidas poderiam ser consideradas como casos de alveolares, e análise estatística reforça, por meio dos valores de  $p$ , que há um favorecimento para as variantes produzidas com uma constrição nos alvéolos, mesmo para palavras com contextos mais posteriores, bem como pelo favorecimento dos informantes também para as variantes alveolares.

Por último, concluo dizendo que as análises estatísticas me permitiram apontar que as frequências consideradas como casos de dúvida estavam muito mais próximas da variante alveolar [s], pois todas as médias das frequências consideradas como duvidosas estavam acima de 5 kHz.

## **7. OS PLANEJAMENTOS DAS PRÓXIMAS JOGADAS: O COMEÇO DE NOVAS PESQUISAS**

---

Este capítulo foi dedicado às considerações sobre uma nova proposta de pesquisa. A pesquisa de mestrado foi desenvolvida para que pudesse analisar e conhecer as características da variação do /S/ na comunidade caravelense. Minhas expectativas estavam voltadas para o conhecimento de mais uma variedade do português brasileiro. Contudo, debruçar-me sobre o fenômeno proporcionou indagações que não podiam ser respondidas ainda no mestrado. Algumas características dos informantes analisados poderiam ajudar a entender o comportamento da variação.

Este pensamento foi afluído e começa ser delineado como uma proposta de pesquisa de doutorado. Obviamente, estou abrindo para novas perspectivas acerca de aspectos da variação que não tinham relevância no momento do desenvolvimento da pesquisa de mestrado. Em seguida, constarão as ideias iniciais do doutoramento. Nas seções subsequentes, apresentarei os próximos passos para o entendimento da variação da fricativa coronal pós-vocálica na comunidade de Caravelas.

### **7.1. Das primeiras considerações: começando a proposta**

Os condicionadores extralinguísticos são uma peça muito importante para a compreensão da variação linguística. Esta é uma das premissas básicas da Sociolinguística Variacionista. Ainda em relação às variáveis extralinguísticas, aqui no Brasil, os condicionadores mais usados são a faixa etária, o sexo/gênero e a escolaridade, as variáveis mais frequentes na construção de

diversos bancos de dados de fala, como o PortVix<sup>57</sup>, por exemplo, a amostra de fala de Caravelas, ainda temos o PEUL<sup>58</sup>, Varsul<sup>59</sup>, VALPB<sup>60</sup> etc.

Nas próximas linhas, proponho a discussão de uma variável que também pode ser levada em consideração, no entanto, não é recorrente em análises sociolinguísticas de primeira onda, o indivíduo. Esta variável está cercada de questionamentos, que vão desde considerações sobre o sujeito, com propostas filosóficas, até as considerações sobre o conceito laboviano de indivíduo.

Para Labov (2001, p. 34), “este objeto singular, o falante individual, pode ser entendido apenas como produto de uma história social singular e como a intersecção dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem aquele indivíduo”<sup>61</sup>.

Com obviedade, preocupo-me com o conceito adotado por Labov, porém, a presente proposta, além de verificar o papel da variável, não é discutir se o conceito laboviano de indivíduo pode ou não ser profícuo. Em Caravelas, acredito que haveria um movimento parecido com os efeitos encontrados em Martha’s Vineyard, quando temos alguns líderes individuais favorecendo ou desfavorecendo determinada variante. Esta é a proposta futura, entender se existem mesmo os movimentos individuais a favor ou contra a variante palatalizada.

A fim de relembrar, passo às explicações sobre a variação estudada. A pesquisa de mestrado se debruça sobre a variação da fricativa coronal pós-vocálica. Estudo a alternância entre duas variantes: a alveolar [s]; e a alveopalatal [ʃ]. Acontece em um ambiente muito específico, somente antes do /t/, as variantes [t] ou [tʃ], a oclusiva alveolar surda e a africada alveopalatal surda. Nos demais contextos consonantais em coda, temos a presença da fricativa alveolar [s].

(10) As pa[ʃ]tas e[ʃ]tão sobre a mesa.

(11) As pa[s]tas e[s]tão sobre a mesa.

---

<sup>57</sup> Projeto Português Falado na cidade de Vitória. YACOVENCO, Lilian C. ; SCHERRE, Maria Marta ; TESCH, L. M. ; BRAGANÇA, Marcela Langa I. ; EVANGELISTA, Elaine Meireles ; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. ; CALMON, E. N. ; CAMPOS JUNIOR, H. S. ; BARBOSA, A. F. ; BASILIO, J. O. S. ; DEOCLECIO, C. E. ; BERBERT, A. F. ; SILVA, J. B. ; BENFICA, S. A. . PROJETO PORTVIX: A FALA DE VITÓRIA/ES EM CENA. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online) , v. 56, p. 771-806, 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4946/4361>. Acesso em abril de 2015.

<sup>58</sup> Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/peul/>. Acesso em abril de 2015.

<sup>59</sup> Variação Linguística na Região Sul do Brasil. Disponível em <http://www.varsul.org.br/>. Acesso em junho de 2015.

<sup>60</sup> Variação Linguística no Estado da Paraíba. Disponível em: <http://valpb.com.br/>. Acesso em abril de 2015.

<sup>61</sup> “this unique object, the individual speaker, can only be understood as the product of a unique social history, and the intersection of the linguistic patterns of all the social groups and categories that define that individual”.

As análises nos mostram que as variáveis sociais são significativas para o comportamento da variação ser entendido. Temos a variável escolaridade como a mais relevante, seguida do sexo/gênero. O principal fator, dentro da variável escolaridade, que favorece a palatalização é o Ensino Médio, peso relativo de 0,69, e, na variável sexo/gênero, temos o feminino, peso relativo de 0,59.

Das seis variáveis selecionadas pelo programa GoldVarb X, com o cruzamento e a rodada geral, três delas são sociais, que já foram mencionadas. Esses são os resultados encontrados nas primeiras análises, com 25 informantes.

O que me motiva a pesquisar a influência da variável indivíduo sobre a variação em questão é o comportamento díspar que alguns falantes apresentam em relação às expectativas dos resultados na comunidade. Na dissertação de mestrado, já mencionei que o papel do indivíduo pode nos ajudar na análise da palatalização em Caravelas, porém, demandaria muito tempo e não havia como realizar ainda no mestrado. Dessa forma, proporei a análise do indivíduo no doutorado, assim como as discussões acerca dessa variável a partir da variação entre alveolares e alveopalatais na fala dos caravelenses.

Já comecei a perceber que há um movimento da variação, no âmbito dos indivíduos, em relação à identificação com a comunidade caravelense. Por meio das entrevistas sociolinguísticas, consegui apreender que alguns indivíduos possuem uma maior identificação com a comunidade, enquanto outros, não. Isso é refletido nas altas taxas de frequência de alveopalatais, mais de 90%, em indivíduos que expõem a sua identificação com a comunidade, bem como o contrário, ou seja, a presença de alveolares. Sendo assim, temos informantes que apresentam mais de 90% de alveolares, apesar de serem do sexo/gênero feminino, por exemplo.

As indagações estão em torno do comportamento tão díspar dos indivíduos dentro da comunidade. Os principais questionamentos estão relacionados à variável indivíduo, então, foram lançadas as seguintes questões: (1) em que medida o indivíduo influencia o comportamento da palatalização do /S/ antes de /t/ em Caravelas? (2) A variável poderá nos ajudar a responder o comportamento de outras variáveis sociais? (3) Embora sejam comunidades de fala extremamente diferentes, o estudo encontrará a mesma relação entre identidade e comunidade acontecida na pesquisa em Martha's Vineyard? (4) Pode-se considerar que há um indício de mudança em Caravelas também por meio de uma caracterização acústica da variante alveopalatal?

As hipóteses preveem que: (1) a variação está intimamente ligada ao comportamento do indivíduo, pois, apesar de não reconhecerem a variação, favoreçam ou inibam a partir de sua identificação com a comunidade de Caravelas; (2) por meio do controle dos falantes, mapearei com maior propriedade os resultados encontrados na análise das outras variáveis sociais que foi realizada no mestrado; (3) a identidade será o fator a influenciar a palatalização, ou a não-palatalização, da fricativa antes do /t/, em Caravelas. Sendo assim, acredito que haverá uma situação parecida com o comportamento dos indivíduos, na ilha de Martha's Vineyard, no estudo de Labov, feito no início da década de 60; (4) haveria um aumento dos valores dos formantes da variante alveopalatal indicando que está se tornando um som mais anterior, ou seja, está se tornando menos [-alto], traço presente na variante alveolar e, com isso, há um indício físico de mudança, pois a variante alveopalatal, por meio dos resultados da dissertação, está sendo desfavorecida pelos informantes da primeira faixa etária, de 26 a 49 anos, com os jovens mantendo-se neutros.

Numa análise em tempo aparente, pode-se começar a pensar em um caso de mudança. Para isso, necessito de uma análise que me permita dizer como são, fisicamente, as características da variação, aliando à possibilidade de pensar em mudança linguística, apesar de existir um movimento diferente dos indivíduos, da identificação da palatalização à comunidade.

Apesar de Caravelas ser bastante antiga, não existem trabalhos realizados na sede da cidade, a região mais populosa. Dessa forma, esta será a primeira pesquisa em Sociolinguística Variacionista. Além de contribuir para o conhecimento de mais uma variedade do português brasileiro, a pesquisa proposta poderá confirmar que o indivíduo possui um papel muito importante na variação estudada, e deveria ser considerado na maioria dos estudos sociolinguísticos, mesmo que não fossem inseridos na análise de pesos relativos, já que podem se tornar uma variável chave no entendimento de qualquer variação.

Esta proposta de pesquisa de doutoramento pretende comprovar que, mesmo considerando a comunidade de fala, o indivíduo pode ser um indicador acerca da movimentação da variação na comunidade. Dessa maneira, a contribuição em torno das muitas discussões sobre o indivíduo será de extrema importância, já que a similaridade com outros estudos mostra a relevância da pesquisa, podendo comprovar ou refutar generalizações de outros estudos sociolinguísticos.

Propor estudos de uma variável que não é vista em muitas pesquisas, e verificar que o indivíduo pode desencadear uma situação de mudança ou variação estável não é uma tarefa simples, mas, com certeza, poderá proporcionar uma boa discussão dos condicionadores extralinguísticos de maneira geral.

## **7.2. Dos objetivos**

Quanto ao objetivo geral, foram estabelecidos como:

- Aprender o comportamento da variável indivíduo sobre a palatalização do /S/ em coda silábica na comunidade de Caravelas, na Bahia, bem como discutir o papel da identidade na influência da variação, propondo um novo olhar acerca da variável nos estudos variacionistas.

Em se tratando dos objetivos específicos, temos:

- Verificar as características acústicas da produção do [ʃ] em Caravelas, fazendo uma relação com grau de identificação do indivíduo para com a comunidade;
- Analisar de que maneira a identificação indivíduo – comunidade pode influenciar no comportamento da variação estudada;
- Inferir se a variante [ʃ] pode ser a desencadeadora da identificação entre o indivíduo e a comunidade caravelense;
- Considerar como a variável indivíduo pode colaborar para o entendimento dos resultados que foram encontrados por meio das outras variáveis sociais.

## **7.3. De algumas teorias utilizadas**

Conforme Gregory Guy (1980), uma das questões na linguística tem sido a natural relação entre o indivíduo e o grupo. Para ele, “O problema está enraizado no fato de que a língua, enquanto existir para uma função social (comunicação), é, apesar disso, assentada na mente dos indivíduos” (GUY, 1980, p. 1)<sup>62</sup>. Isso seria reflexo, desde muito tempo, na teoria linguística, de

---

<sup>62</sup> “The problem is rooted in the fact that language, while existing to serve a social function (communication), is nevertheless seated in the mind of individuals”.

Saussure com a dicotomia entre *langue* e *parole*, ou seja, a distinção entre língua e fala (GUY, 1980, p. 1).

Para Labov (2008 [1972]),

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Dessa maneira, para a Sociolinguística Variacionista, é necessário que seja levada em conta a comunidade de fala, pois deve ser considerado o contexto social em que a língua é usada, assim, o comportamento da comunidade, e não apenas do indivíduo, será revelado. Então, não basta apreciar apenas um idioleto, a compreensão dos usos linguísticos poderá ser feita a partir dos dados da comunidade, e não exclusivamente com base em um único indivíduo.

Porém, acredito que na comunidade de Caravelas, o indivíduo acabe adquirindo o mesmo *status* que os demais grupos de fatores, possui o mesmo nível de importância que outras variáveis extralinguísticas.

Como dito, confio que haja um movimento dos indivíduos em relação à maior recorrência de uma das variantes por conta da identificação com a comunidade. Boa parte dos habitantes de Caravelas precisa sair da cidade para cursar o Ensino Superior, e a identificação, ou não-identificação, com a comunidade pode favorecer, ou desfavorecer, a palatalização, pois informantes com Ensino Superior tendem a diminuir a frequência das alveopalatais e aumentar a ocorrência de alveolares.

Sendo assim, apesar de discutir mais detidamente esta variável no estudo, não significa que para a compreensão da comunidade, em relação ao fenômeno, basta somente utilizá-la, tendo em vista ser necessário considerar que ainda podem existir alguns grupos sociais na comunidade favorecendo ou inibindo a palatalização da fricativa. A proposta é entender como o indivíduo afeta a variação na comunidade.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), nos lembram que uma teoria da variação e mudança linguística deve responder aos problemas que são encontrados no momento em que a variação e mudança linguística é estudada. São eles: o problema dos fatores condicionantes, da restrição, do encaixamento, da transição, da avaliação e da implementação.

Em se tratando do problema de avaliação, WLH (2006 [1968]) dizem que

A teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança (WLH, 2006 [1968], p. 124).

Conforme Labov (2008 [1972]), “Nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento” (LABOV, 2008 [1972], p. 354). Este é o caso encontrado em Caravelas, parecido com Martha’s Vineyard na centralização dos ditongos /ay/ e /aw/. Segundo ele,

Esse aspecto dos ditongos centralizados é saliente para o linguista, mas não para os falantes; é claramente imune à distorção consciente, já que os vineyardenses nativos não se dão conta dele, nem conseguem controlá-lo conscientemente (LABOV, 2008 [1972], p. 27).

As reações positivas ou negativas dos interlocutores em relação às variantes estão relacionadas à avaliação social que a variação possa sofrer. Porém, neste estudo, penso que a variação não esteja no nível da consciência dos falantes. A palatalização pode contribuir para saber se a comunidade privilegiaria a palatalização diante de /t/ como identificador dela mesma, apesar de não ser saliente aos falantes, os quais podem tanto acelerar quanto retardar o processo de mudança à medida que se identificam ou rejeitam determinada variante.

Quanto ao problema de encaixamento, relaciona-se à como a variação/mudança está encaixada na estrutura linguística e social da comunidade. Preocupa-se em perceber como o fenômeno variável se comporta dentro do sistema com outros fenômenos, que fatores linguísticos, sociais e estilísticos podem colaborar para a propagação da mudança ou a inibição dela.

“O problema do *encaixamento* é encontrar a matriz contínua de comportamento social e linguístico em que a mudança linguística é levada a cabo” (LABOV, 2008 [1972], p. 193). Logo, deve-se realizar uma correlação entre os elementos linguísticos e sociais, também dos linguísticos entre si, bem como dos sociais entre si. Esses elementos estariam de tal forma ligados que, a partir do comportamento de um deles, poderia ser verificada a movimentação do outro. A partir do andamento de um deles, automaticamente, seriam constatados o comportamento do outro.

Apesar de considerar a influência que a variável indivíduo possa apresentar, não devo deixar de mencionar que ela ajudará no entendimento da comunidade. O fenômeno está encaixado dentro de uma estrutura linguística e social, sendo assim, no que diz respeito à variação em estudo, acredito que a entenderei com maior propriedade se levar em consideração, mais detidamente, os falantes.

## 8. DOS ÚLTIMOS E BREVES COMENTÁRIOS DO ESTUDO

---

Partindo dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, busquei entender como acontece a variação entre as fricativas alveolares e fricativas alveopalatais em posição de coda medial e final seguidas de [t] e [ʃ] na fala dos habitantes da comunidade de Caravelas, na Bahia. Sendo assim, na análise do fenômeno foram vistos tanto fatores linguísticos quanto sociais, as influências que favorecessem ou inibissem a produção da variante palatalizada.

A análise estatística dos dados sociolinguísticos da pesquisa foi realizada por meio do programa Goldvarb X. Dessa forma, farei os comentários e as últimas considerações desta pesquisa, que é apenas o começo (Fazer o quê, né! Desse jeito é a vida acadêmica. Como diria um dos informantes da amostra: - Ô vida tirana! Voltando...).

A escolaridade mostrou-se fator importante na realização do fenômeno variável, tendo sido a segunda variável selecionada pelo programa. De maneira geral, as alveopalatais são favorecidas pelo fator Ensino Médio e desfavorecidas pelos fatores Ensino Fundamental e Superior, com pesos relativos muito próximos para ambos os fatores.

A segunda variável social selecionada pelo programa como significativa foi o sexo/gênero. Nesta variável, o sexo/gênero feminino mostrou-se como o fator de maior relevância para a alveopalatal. De modo contrário, o sexo/gênero masculino apresentou-se como inibidor da palatalização.

Com o cruzamento da escolaridade e sexo/gênero, a variável faixa etária também se mostrou estatisticamente significativa. Para a variante alveopalatal, os informantes compreendidos na faixa III (com mais de 50 anos) apresentam favorecimento. A faixa etária intermediária (de 26 a 49 anos) mostrou desfavorecedora, enquanto que os mais jovens se mostraram neutros.

Foram selecionadas quatro das seis variáveis linguísticas. A primeira, na ordem do programa, selecionada antes de todos outros grupos, é a posição que a variante ocupa na palavra. Assim como em muitas outras pesquisas, a posição medial indica favorecimento para a produção da variante palatalizada. Distintamente, a posição final desfavorece a alveopalatal.

Em relação ao contexto vocálico antecedente, as vogais que mais favorecem a alveopalatal são [u], [ɔ], e [i]. Os traços que indicam maior favorecimento para a produção da variante alveopalatal são [+posterior] e [+alto]. Para este resultado, acredito que exista um processo de

assimilação regressiva de traços, tendo em vista que a variante alveopalatal é [-anterior] e [+alto]. Dessa forma, nesta variável, o fator que se apresenta mais significativo é a vogal [u], seguido da média baixa posterior [ɔ], e da alta anterior [i]. Para minha surpresa, o efeito da média baixa posterior, de 0,621, foi mais forte do que a média alta [o], que mostrou uma tendência menor em termos de peso relativo, com 0,491.

Depois da seleção dos contextos vocálicos vem o contexto consonantal seguinte. A produção palatalizada foi favorecida pela africada [tʃ] e inibida pela oclusiva [t]. Dentro do grupo, o fator que mais favorece a palatalização é a africada. Isso pode ser explicado por conta pela similaridade dos traços [+anterior] e [-alto] de [s] e [t], e [-anterior] e [+alto] de [ʃ] e [tʃ], evidenciando um processo de assimilação progressiva. As ocorrências das variantes alveolares se concentram antes da oclusiva alveolar, creio que também acontece por conta da aproximação dos traços [+coronal] e [+surdo] do contexto e das variantes.

Para a tonicidade da sílaba, o fator que se mostra mais desfavorecedor para a produção palatalizada é a posição pós-tônica apresentando peso relativo de 0,18. O fator mais favorecedor é a sílaba pré-tônica. Segundo Brescancini (2003), a partir da proposta de Cagliari (1974), são contextos produzidos com maior energia articulatória. Cagliari (1974, p. 73) afirma que “a própria anatomia bucal exige um esforço maior na articulação das palatais”. Apesar disso, o fator apresenta peso relativo bastante tímido de 0,52, porém a relação entre os fatores é o mais importante a ser observado.

Diante das conclusões apresentadas, apesar da variação acontecer em um contexto bastante específico, as variáveis sociais se mostram como as principais favorecedoras para a produção da variante alveopalatal ficando atrás apenas da posição na palavra, como mostrei no Quadro 3.8. Embora o contexto seja naturalmente um ambiente favorecedor, as características sociais da comunidade indicam uma influência relativamente grande sobre a variação em estudo.

Dessa forma, as influências sociais devem ser os fatores principais a serem considerados quando se trata do fenômeno na comunidade caravelense. Através desta pesquisa, posso expor as características linguísticas de uma comunidade tão antiga e nova ao mesmo tempo, pois não se tem estudos acerca de seus usos linguísticos. Queria contribuir para a caracterização de mais uma variedade do PB, mesmo que fosse por meio de um fenômeno que acontece em um ambiente bastante específico.

Sendo assim, creio que esta pesquisa contribua minimamente para o conhecimento da fala caravelense, bem como favoreça a futuras investigações sobre a variedade de Caravelas, além

de ser um trabalho que ajude a entender como pode se apresentar de modo diferente um fenômeno tão estudado, já que, em cada comunidade, o fenômeno pode possuir características bastante específicas. Confesso que estou ansioso por outras pesquisas sobre a variedade caravelense. Agora, só devo aguardar.

## 9. REFERÊNCIAS

---

- ALBANO, Eleonora C. **O gesto e suas bordas**: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica e experimental**: aplicação aos dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **Praat**: doing phonetics by computer [Computer program]. Version 5.3.51, retrieved 2 June 2013. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em 10 mar 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis linguísticas. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHON, Gisela. **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **A palatalização em português**: uma investigação palatográfica. Campinas. 1974. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e fonologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.M; Rodrigues. A. C. S.(orgs). **Gramática do Português Falado**. v. VIII. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 35. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2002 [1970].
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Fala**. Disponível em <http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-2/conto-fala-violencia-domestica-677988.shtml>. Acesso em 12/11/16
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2010.
- CLARK, Jhon; YALLOP, Colin; FLETCHER, Janet. **An introduction to phonetics and phonology**. Oxford: Blackwell, 2007.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. Volume 3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa** - instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory. A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. p. 17-32, 2000.

HAUPT, Carine. As fricativas [s], [z], [ʃ] e [ʒ] do Português Brasileiro. In: **Gel: Estudos lingüísticos XXXVI**. Araraquara: Unesp, 2007, p. 37 – 46.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima. **A percepção da fricativa coronal em coda medial por pessoenses**. 2016. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. Volume 3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

JAKOBSON, Roman. **Fonema e fonologia: Ensaio**. Rio de Janeiro: Academica, 1967. 200p.

JONGMAN, Allard; WAYLAND, Ratre; WONG, Serena. **Acoustic characteristics of English fricatives: I. static cues**. Working papers of the cornell Phonetics Laboratory, 1998, vol. 12, p. 195 – 205.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de lingüística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KENT, Ray D.; READ, Charles. **Análise acústica da fala**. Trad. Alexsandro Rodrigues Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change**. Volume II: Social Factors. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

\_\_\_\_\_. The Study of Change in Progress: Observations in Apparent Time. In: LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Volume I: Internal Factors. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. p. 43 – 72.

\_\_\_\_\_. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, Richard (Orgs). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 234 – 250.

LIMA, Jares Gomes. **A cidade de Caravelas – BA: variação da fricativa pós-vocálica**. Comunicação no III Congresso Nacional de Estudos Linguísticos – III CONEL, Vitória – ES, 18 a 20 de novembro de 2015.

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

- MIRANDA, Madson Paranaguá. **O “peixe real” e a sua sentença de morte: a pesca de baleias na Vila de Caravelas (1750-1801)**. 2014. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2014.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MONTEIRO, Renata Conceição Neves. **A produção palato-alveolar de /s/ nas vozes do Amapá**. 2009. 77f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- MOTA, Jacyra Andrade. **O –s em coda silábica na norma culta de Salvador**. Rio de Janeiro. 2002. 452f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2002.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 117 – 134.
- OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 372f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- \_\_\_\_\_. Tratamento de dados com o R para análises estatísticas. In FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). **Metodologia para coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. Disponível em <http://blucheropenaccess.com.br/pdf/mcmds/10cap.pdf>. Acesso em 28 jun 2016.
- \_\_\_\_\_. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o Elan. In FREITAG, Raquel Meister Ko (Org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p.117-132. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>. Acesso em 12 abr 2015.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33 – 42.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 179-190.
- PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Párabola Editorial, 2006 [1968]. p. 131 – 151. Tradução de Marcos Bagno.
- PATRICK, Peter L. The speech community. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishing, 2002, p. 573 – 597.

PEDROSA, Juliane Lopes Ribeiro; HORA, Dermeval da. Fricativa coronal pós-vocálica: descrição e análise. **Letras & Letras**. Uberlândia-MG, v.28, n.1, p. 305-326, jan./jun. 2012.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DTTMAR, Norbert & MATTEIR, Klaus J. (eds.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998. (Tradução *caseira* de Maria Marta Pereira Scherre. Brasília, 1992: revista em 1993, incorporando sugestões detalhadas de Ivone Isidoro Pinto (UFRJ), Maria Thereza Gomes Fioretti (UFRJ) e Maria Clara Álvares Correa Dias (UnB).

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. A.; SMITH, Ellen. **Goldvarb X - a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em 13 mar 2015.

SCHANE, Sanford A. **Fonologia gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975 [1973].

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o –S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELOTA, Mario Eduardo. **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SEARA, Izabel C.; NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Linguística**, v. 30, n. 2, p. 81 – 112, dezembro. 2014. ISSN 1132-0214 (impresa). ISSN 2079-312X (on line).

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 51 – 58.

WEIDEMER, Marcos Luiz. As faces da comunidade de fala. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 2, n. 1, p. 21 - 35, jan./abr. 2008. ISSN 1981 – 9943.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968]. Tradução de Marcos Bagno.

**ANEXOS**

## ANEXO A – CONTO ORIGINAL LIDO PELOS INFORMANTES

### FALA

**João Anzanello Carrascoza**

A menina estava na escola, aprendendo a ser o que um dia seria plenamente: ela mesma, maior – e mais sabida. Era tão alegre que até incomodava. Mas a alegria é assim, ruidosa, mesmo se a cultivamos só dentro de nós, nos abafados do coração.

Então, o susto de uma lição nova. Estava sozinha em casa. A mãe, nas compras. O pai chegou. Ela correu, feliz, e se pendurou no pescoço dele. Mas, estranhamente, ele não a soltou. Não. E, depois que o fez, ela se viu como uma boneca quebrada. E aí aprendeu que a dor na memória arde mais do que no corpo.

A mãe não notou a verdade em seu rosto, nem ninguém na escola, em parte por miopia, em parte porque a alegria tem muitos disfarces. Achavam que a menina era a mesma. Só andava menos falante.

Quando o pai chegava em casa sorrindo, ou entre outras pessoas, agia como antes, e ela emudecia. Era o seu avesso: uma menina na calada do dia! E aí aprendeu que o silêncio era o seu medo no último volume.

Ele se repetiu outras vezes nela, esmagando, aos poucos, o que restava de sua incômoda alegria. E já quase sem voz, a menina aprendeu o que era a solidão. Assim estava, tão dolorida, tão sem esperança... quando, de repente, se inflou de coragem – uma coragem que só uma menina triste é capaz de ter. E, então, mostrou a todos que reaprendera a primeira e mais difícil lição. Reaprendera a falar. E falou. Tudo.

## ANEXO B – CONTO ADAPTADO LIDO PELOS INFORMANTES

## FALA

**João Anzanello Carrascoza**

A menina **estava** na escola, aprendendo a ser o que um dia seria plenamente: ela mesma, maior – e mais sabida. Era tão alegre que até incomodava. Mas a alegria é assim, ruidosa, **com festa**, mesmo se a cultivamos só dentro de nós, nos abafados do coração.

Então, o **susto** de uma lição nova. **Estava** sozinha em casa. A mãe, nas compras. O pai chegou. Ela correu, feliz, e se pendurou no pescoço dele. Mas, **estranhamente**, ele não a soltou. Não. E, depois que o fez, ela se viu como uma boneca quebrada, via-se como uma **sapa** enrugada. E aí aprendeu que a dor na memória arde mais do que no corpo, e **encosta-se** à mesa da sala.

A mãe não notou a verdade em seu **rosto**, nem ninguém na escola, em parte por miopia, em parte porque a alegria tem muitos disfarces. Achavam que a menina era a mesma. Só andava menos falante.

Quando o pai chegava em casa sorrindo, ou entre outras pessoas, agia como antes, e ela emudecia. Era o seu avesso: uma menina na calada do dia! Como uma **chapa** fria e calada. E aí aprendeu que o silêncio e **tristeza** era o seu medo no último volume.

Ele se repetiu outras vezes nela, esmagando, aos poucos, o que **restava** de sua incômoda alegria. E já quase sem voz, a menina aprendeu o que era a solidão. Assim **estava**, tão dolorida, tão sem esperança... quando, de repente, se inflou de coragem – uma coragem que só uma menina **triste e desabastada** é capaz de ter. E, então, **mostrou** a todos que reaprendera a primeira e mais difícil lição. Reaprendera a falar. E falou. Tudo.

## ANEXO C – RODADAS DOS TESTES NO R

Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIAS DE [s] ~ INFORMANTES

```
> VALORES_FREQ = read.xls("VALORES_FREQUENCIAS.xls")
> stats1 = aov(S ~ Informant, VALORES_FREQ)
> summary(stats1)
```

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Informant	3	36470446	12156815	25.5	1.06e-13 ***
Residuals	172	81981910	476639		

```
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
136 observations deleted due to missingness
> plot(S ~ Informant, VALORES_FREQ)
> TukeyHSD(stats1)
  Tukey multiple comparisons of means
    95% family-wise confidence level

Fit: aov(formula = S ~ Informant, data = VALORES_FREQ)

$Informant
```

	diff	lwr	upr	p adj
JAN37EM-DOR34ES	-1293.5558	-1936.77711	-650.3345	0.0000031
MAC23EM-DOR34ES	158.8938	-230.51595	548.3035	0.7151147
MAD23ES-DOR34ES	-758.4366	-1072.99798	-443.8751	0.0000000
MAC23EM-JAN37EM	1452.4496	781.03227	2123.8669	0.0000005
MAD23ES-JAN37EM	535.1192	-95.84047	1166.0789	0.1272622
MAD23ES-MAC23EM	-917.3303	-1286.13440	-548.5263	0.0000000

Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIAS DE [j] ~ INFORMANTES

```
> stats2 = aov(X ~ Informant, VALORES_FREQ)
> summary(stats2)
```

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Informant	2	1418223	709112	1.556	0.216
Residuals	98	44666832	455784		

```
211 observations deleted due to missingness
> plot(X ~ Informant, VALORES_FREQ)
> TukeyHSD(stats2)
  Tukey multiple comparisons of means
    95% family-wise confidence level

Fit: aov(formula = X ~ Informant, data = VALORES_FREQ)

$Informant
```

	diff	lwr	upr	p adj
JAN37EM-DOR34ES	298.61101	-197.7490	794.9711	0.3286904
MAC23EM-DOR34ES	387.15348	-136.7675	911.0744	0.1890260
MAC23EM-JAN37EM	88.54247	-263.2066	440.2916	0.8209406

Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIAS DE DÚVIDA ~ INFORMANTES

```

> stats3 = aov(Doubt ~ Informant, VALORES_FREQ)
> summary(stats3)
      Df Sum Sq Mean Sq F value Pr(>F)
Informant    3 28118008 9372669   5.561 0.00358 **
Residuals   31 52247697 1685410
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
277 observations deleted due to missingness
> plot(Doubt ~ Informant, VALORES_FREQ)
> TukeyHSD(stats3)
  Tukey multiple comparisons of means
    95% family-wise confidence level

Fit: aov(formula = Doubt ~ Informant, data = VALORES_FREQ)

$Informant
      diff      lwr      upr    p adj
JAN37EM-DOR34ES -1067.5142 -2553.152  418.12320 0.2286718
MAC23EM-DOR34ES -2414.2429 -4033.179 -795.30704 0.0017326
MAD23ES-DOR34ES  -771.2889 -4485.382 2942.80468 0.9420766
MAC23EM-JAN37EM -1346.7287 -2785.191   91.73359 0.0730331
MAD23ES-JAN37EM   296.2253 -3342.828 3935.27897 0.9961126
MAD23ES-MAC23EM  1642.9540 -2052.522 5338.43044 0.6273693

```

Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIAS DE DÚVIDA ~ PALAVRAS

```

> stats4 = aov(Doubt ~ word, VALORES_FREQ)
> summary(stats4)
      Df Sum Sq Mean Sq F value Pr(>F)
word      8 33009423 4126178   2.265 0.055 .
Residuals 26 47356283 1821395
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
277 observations deleted due to missingness
> plot(Doubt ~ word, VALORES_FREQ)
> TukeyHSD(stats4)
  Tukey multiple comparisons of means
    95% family-wise confidence level

Fit: aov(formula = Doubt ~ word, data = VALORES_FREQ)

```

\$word	diff	lwr	upr	p adj
estava-encostada	-568.01778	-5369.5745	4233.539	0.9999743
estranhamente-encostada	-338.62000	-6780.5843	6103.344	1.0000000
festa-encostada	-55.41400	-5045.3381	4934.510	1.0000000
mostrou-encostada	92.35000	-6349.6143	6534.314	1.0000000
rosto-encostada	1800.80000	-3778.1047	7379.705	0.9707398
susto-encostada	1846.97333	-2954.5834	6648.530	0.9229426
triste-encostada	559.22000	-4360.9115	5479.352	0.9999811
tristeza-encostada	-92.35000	-6534.3143	6349.614	1.0000000
estranhamente-estava	229.39778	-4572.1589	5030.954	1.0000000
festa-estava	512.60378	-2028.1412	3053.349	0.9986489
mostrou-estava	660.36778	-4141.1889	5461.924	0.9999190
rosto-estava	2368.81778	-1192.1120	5929.748	0.4081065
susto-estava	2414.99111	267.6697	4562.313	0.0190657
triste-estava	1127.23778	-1273.5406	3528.016	0.8042329
tristeza-estava	475.66778	-4325.8889	5277.224	0.9999935
festa-estranhamente	283.20600	-4706.7181	5273.130	0.9999999
mostrou-estranhamente	430.97000	-6010.9943	6872.934	0.9999997
rosto-estranhamente	2139.42000	-3439.4847	7718.325	0.9241524
susto-estranhamente	2185.59333	-2615.9634	6987.150	0.8284253
triste-estranhamente	897.84000	-4022.2915	5817.972	0.9993415
tristeza-estranhamente	246.27000	-6195.6943	6688.234	1.0000000
mostrou-festa	147.76400	-4842.1601	5137.688	1.0000000
rosto-festa	1856.21400	-1954.9035	5667.331	0.7727636
susto-festa	1902.38733	-638.3577	4443.132	0.2648653
triste-festa	614.63400	-2143.6503	3372.918	0.9972947
tristeza-festa	-36.93600	-5026.8601	4952.988	1.0000000
rosto-mostrou	1708.45000	-3870.4547	7287.355	0.9786145
susto-mostrou	1754.62333	-3046.9334	6556.180	0.9411870
triste-mostrou	466.87000	-4453.2615	5387.002	0.9999953
tristeza-mostrou	-184.70000	-6626.6643	6257.264	1.0000000
susto-rosto	46.17333	-3514.7564	3607.103	1.0000000
triste-rosto	-1241.58000	-4960.8498	2477.690	0.9644385
tristeza-rosto	-1893.15000	-7472.0547	3685.755	0.9609506
triste-susto	-1287.75333	-3688.5317	1113.025	0.6753680
tristeza-susto	-1939.32333	-6740.8800	2862.233	0.9014431
tristeza-triste	-651.57000	-5571.7015	4268.562	0.9999392

Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIAS DE [ʃ] ~ PALAVRA + INFORMANTES

```
> #6 - t-test for X ~ word + Informant
> stats6 = aov(X ~ word + Informant, VALORES_FREQ)
> summary(stats6)
      Df  Sum Sq Mean Sq F value Pr(>F)
word   10 10102076 1010208   2.540 0.00969 **
Informant  2   988185   494093   1.242 0.29368
Residuals  88 34994794   397668
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
211 observations deleted due to missingness
```

Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIA DE [s] ~ PALAVRA + INFORMANTES

```

> #7 - t-test for S ~ word + Informant
> stats7 = aov(S ~ word + Informant, VALORES_FREQ)
> summary(stats7)
      Df   Sum Sq Mean Sq F value    Pr(>F)
Word    10 16153772  1615377   4.078 5.12e-05 ***
Informant 3 38128680 12709560  32.086 2.47e-16 ***
Residuals 162 64169904   396111
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
136 observations deleted due to missingness

```

Modelo de regressão linear: FREQUENCIA DE [s] ~ PALAVRA

```

> stats8 = aov(S ~ word, VALORES_FREQ)
> summary(stats8)
      Df   Sum Sq Mean Sq F value    Pr(>F)
word    10 16153772 1615377   2.605 0.0058 **
Residuals 165 102298584  619991
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1
136 observations deleted due to missingness
> plot(S ~ word, VALORES_FREQ)
> TukeyHSD(stats8)
  Tukey multiple comparisons of means
    95% family-wise confidence level

Fit: aov(formula = S ~ word, data = VALORES_FREQ)

```

```

$Word
      diff      lwr      upr
encostada-desabastada -116.34464 -1127.53697  894.8477
estava-desabastada    -49.57880  -882.77291  783.6153
estranhamente-desabastada -11.88940  -942.05106  918.2723
festa-desabastada     -427.45964 -1438.65197  583.7327
mostrou-desabastada   -349.62217 -1345.13615  645.8918
restava-desabastada   -94.28645 -1042.08307  853.5102
rostro-desabastada    -529.70375 -1702.92823  643.5207
susto-desabastada     566.59159  -506.35644 1639.5396
triste-desabastada   -1100.72750 -2468.93060  267.4756
tristeza-desabastada  -570.98023 -1643.92825  501.9678
estava-encostada      66.76584  -717.80909  851.3408
estranhamente-encostada 104.45524  -782.41910  991.3296
festa-encostada      -311.11500 -1282.63716  660.4072
mostrou-encostada    -233.27752 -1188.47042  721.9154
restava-encostada     22.05820  -883.29468  927.4111
rostro-encostada     -413.35911 -1552.56983  725.8516
susto-encostada      682.93623  -352.70987 1718.5823
triste-encostada     -984.38286 -2323.53375  354.7680
tristeza-encostada   -454.63558 -1490.28169  581.0105
estranhamente-estava  37.68940  -639.25122  714.6300
festa-estava         -377.88084 -1162.45577  406.6941
mostrou-estava       -300.04336 -1064.30508  464.2184
restava-estava       -44.70764  -745.68291  656.2676
rostro-estava        -480.12495 -1464.75866  504.5088
susto-estava         616.17040  -246.53776 1478.8785
triste-estava       -1051.14870 -2261.53194  159.2345
tristeza-estava      -521.40142 -1384.10958  341.3067
festa-estranhamente  -415.57024 -1302.44458  471.3041
mostrou-estranhamente -337.73276 -1206.68860  531.2231

```

restava-estranhamente	-82.39704	-896.24875	731.4547
rosto-estranhamente	-517.81435	-1585.75247	550.1238
susto-estranhamente	578.48100	-378.20790	1535.1699
triste-estranhamente	-1088.83810	-2367.90646	190.2303
tristeza-estranhamente	-559.09082	-1515.77972	397.5981
mostrou-festa	77.83748	-877.35542	1033.0304
restava-festa	333.17320	-572.17968	1238.5261
rosto-festa	-102.24411	-1241.45483	1036.9666
susto-festa	994.05123	-41.59487	2029.6973
triste-festa	-673.26786	-2012.41875	665.8830
tristeza-festa	-143.52058	-1179.16669	892.1255
restava-mostrou	255.33572	-632.47168	1143.1431
rosto-mostrou	-180.08158	-1305.39897	945.2358
susto-mostrou	916.21376	-104.12982	1936.5573
triste-mostrou	-751.10533	-2078.45731	576.2466
tristeza-mostrou	-221.35806	-1241.70164	798.9855
rosto-restava	-435.41730	-1518.74993	647.9153
susto-restava	660.87804	-312.96557	1634.7216
triste-restava	-1006.44105	-2298.39059	285.5085
tristeza-restava	-476.69378	-1450.53739	497.1498
susto-rosto	1096.29534	-98.07002	2290.6607
triste-rosto	-571.02375	-2036.38065	894.3332
tristeza-rosto	-41.27648	-1235.64183	1153.0889
triste-susto	-1667.31909	-3053.69301	-280.9452
tristeza-susto	-1137.57182	-2233.59664	-41.5470
tristeza-triste	529.74727	-856.62665	1916.1212

### Modelo de regressão linear: FREQUÊNCIA DE [j] ~ PALAVRA

```
> stats9 = aov(X ~ Word, VALORES_FREQ)
> summary(stats9)
```

	Df	Sum Sq	Mean Sq	F value	Pr(>F)
Word	10	10102076	1010208	2.527	0.00993 **
Residuals	90	35982979	399811		

---  
Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1  
211 observations deleted due to missingness

```
> TukeyHSD(stats9)
Tukey multiple comparisons of means
95% family-wise confidence level
```

```
Fit: aov(formula = X ~ Word, data = VALORES_FREQ)
```

\$Word		diff	lwr	upr
encostada-desabastada		124.844444	-796.0961	1045.784968
estava-desabastada		-59.150392	-846.5909	728.290074
estranhamente-desabastada		-264.218333	-1859.3341	1330.897445
festa-desabastada		-210.349333	-1322.0366	901.337980
mostrou-desabastada		-566.275833	-1519.5398	386.988173
restava-desabastada		-234.973333	-1346.6606	876.713980
rosto-desabastada		-807.319762	-1628.9300	14.290485
susto-desabastada		509.204167	-696.5900	1714.998356
triste-desabastada		-241.900256	-1077.9681	594.167585
tristeza-desabastada		-309.110000	-1161.7352	543.515248
estava-encostada		-183.994837	-1044.9386	676.948903
estranhamente-encostada		-389.062778	-2021.7158	1243.590272
festa-encostada		-335.193778	-1500.1016	829.714080
mostrou-encostada		-691.120278	-1705.9473	323.706753

restava-encostada	-359.817778	-1524.7256	805.090080
rosto-encostada	-932.164206	-1824.4674	-39.860988
susto-encostada	384.359722	-870.6707	1639.390105
triste-encostada	-366.744701	-1272.3777	538.888266
tristeza-encostada	-433.954444	-1354.8950	486.986079
estranhamente-estava	-205.067941	-1766.3133	1356.177401
festa-estava	-151.198941	-1213.7155	911.317579
mostrou-estava	-507.125441	-1402.5611	388.310174
restava-estava	-175.822941	-1238.3395	886.693579
rosto-estava	-748.169370	-1501.9174	5.578647
susto-estava	568.354559	-592.2626	1728.971766
triste-estava	-182.749864	-952.2316	586.731851
tristeza-estava	-249.959608	-1037.4001	537.480858
festa-estranhamente	53.869000	-1693.4928	1801.230787
mostrou-estranhamente	-302.057500	-1953.1592	1349.044192
restava-estranhamente	29.245000	-1718.1168	1776.606787
rosto-estranhamente	-543.101429	-2121.8566	1035.653755
susto-estranhamente	773.422500	-1035.2688	2582.113783
triste-estranhamente	22.318077	-1564.0091	1608.645271
tristeza-estranhamente	-44.891667	-1640.0074	1550.224111
mostrou-festa	-355.926500	-1546.5529	834.699863
restava-festa	-24.624000	-1345.5054	1296.257354
rosto-festa	-596.970429	-1685.0523	491.111492
susto-festa	719.553500	-681.4527	2120.559744
triste-festa	-31.550923	-1130.5906	1067.488796
tristeza-festa	-98.760667	-1210.4480	1012.926646
restava-mostrou	331.302500	-859.3239	1521.928863
rosto-mostrou	-241.043929	-1166.6712	684.583346
susto-mostrou	1075.480000	-203.4579	2354.417871
triste-mostrou	324.375577	-614.1082	1262.859401
tristeza-mostrou	257.165833	-696.0982	1210.429840
rosto-restava	-572.346429	-1660.4283	515.735492
susto-restava	744.177500	-656.8287	2145.183744
triste-restava	-6.926923	-1105.9666	1092.112796
tristeza-restava	-74.136667	-1185.8240	1037.550646
susto-rosto	1316.523929	132.4575	2500.590316
triste-rosto	565.419505	-238.9952	1369.834212
tristeza-rosto	498.209762	-323.4005	1319.820009
triste-susto	-751.104423	-1945.2482	443.039307
tristeza-susto	-818.314167	-2024.1084	387.480022
tristeza-triste	-67.209744	-903.2776	768.858098